Diário de Lisboa

ANO .61.° N.° 20 811
Março 1982
Sexta-feira

26

15$00

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

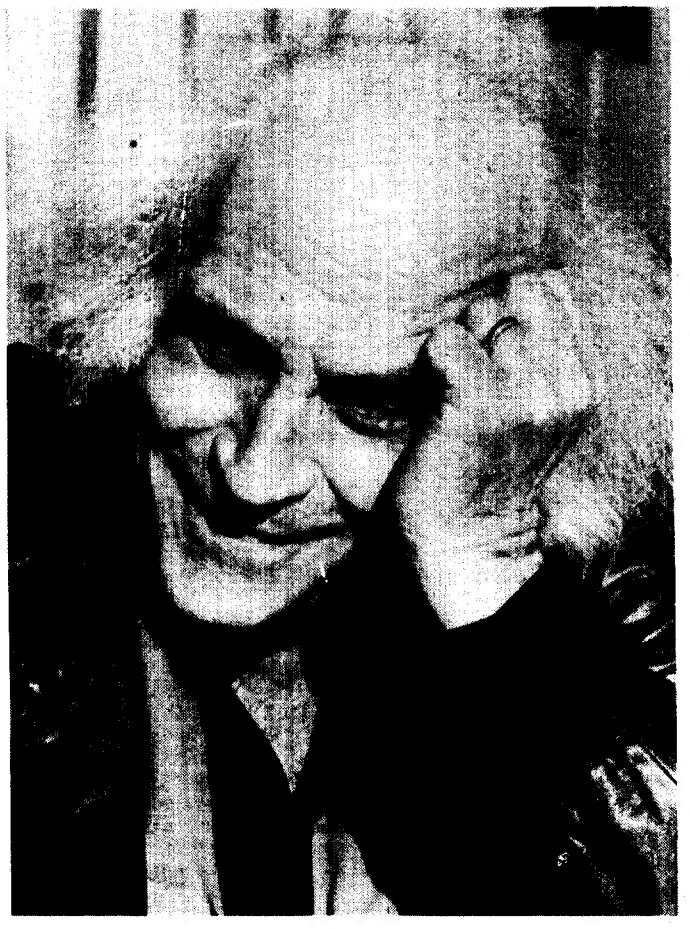
Agrava-se a situação portuguesa

Reservas de ouro já só cobrem 75% da dívida externa

As reservas de ouro do Estado português já não chegam para cobrir 75 por cento da nossa dívida externa que ascende, neste momento, a 10 060 milhões de dólares (mais de 700 milhões de contos).

Com efeito, e ao contrário daquilo que foi afirmado por alguns órgãos de informação, com base num estudo de dois técnicos do Banco de Portugal, as reservas de ouro não são apenas «ligeiramente inferiores» ao total da dívida externa mas já estão a três quartos desse montante. Esta situação decorre do rápido crescimento da dívida externa desde a entrada em funções do primeiro governo AD, e da descida da cotação do ouro nos mercados internacionais.

Assim, a dívida externa passou de 6548 milhões de dólares em 1976 para 10 060 milhões em 1981, ou seja, um aumento de 48 por cento em dois anos de gestão AD. No que toca ao preço do ouro, o valor da onça desceu de 850 dólares em 1980 para 340 (e menos) actualmente. Sabendo que o total das nossas reservas se eleva a 22 milhões e 160 mil onças (689 toneladas), e tomando o valor de 340 dólares por onça, verificamos que o seu valor global é, neste momento, na melhor das hipóteses, de cerca de 7500 milhões de dólares contra um total da dívida de 10 060 milhões.



Leo Ferré ao Sete Ponto Sete:

Eu destruo porque sei destruir

«Destruo, porque sei destruir», assim traduziu Leo Ferré a sua recusa em aceitar qualquer organização de sociedade, horas antes de subir ao palco do Coliseu, em entrevista que hoje publicamos no **Sete Ponto Sete.**

Já há cerca de mil na região de Lisboa

Quem paga as chamadas dos telefones sem fios?

Pág. 10

Comboios podem voltar a parar

Plenário de maquinistas decide amanhã se haverá novas greves

Um plenário geral de maquinistas a realizar amanhã, no Entroncamento, a partir das 14 horas, poderá vir a decidir «novas formas de luta para o sector», afirmou ao «DL» um elemento da Direcção do SMAQ.

A propósito da requisição civil decretada pelo Governo aquando da última paralisação, aquele dirigente sindical disse que, «apesar de ela nem sequer ter entrado em vigor dado que o trabalho foi retomado», o CG considera que ela ainda se mantém. Sobre as justificações aduzidas pelo Governo para impor aquela medida, das quais se destaca uma alegada «violação da Lei da Greve» visto não terem sido assegurados pelos grevistas «os serviços mínimos indispensáveis», disse aquele dirigente sindical: «Além de a própria lei não especificar quais são esses serviços mínimos, o Governo também nunca teve a preocupação de nos informar sobre os comboios que eventualmente poderiam transportar mercadorias deterioráveis. Logo, a responsabilidade não é nossa». Por isso, acrescentou, «caso os trabalhadores decidam novas acções, nós vamos perguntar ao Executivo quais são esses tais serviços mínimos. Caso ele não os defina, seremos nós, por iniciativa própria, a defini-los. Ou então o Governo que diga claramente que os maquinistas estão proibidos de fazer greve».

Aquele dirigente do SMAQ disse ainda que têm sido feitas por todo o País reuniões de auscultação à classe, mas que as decisões finais só serão tomadas no plenário de amanhã.

Por outro lado, o CG convocou a Direcção do Sindicato para uma reunião que ainda decorre à hora do fecho da nossa edição. «Se novos dados forem colocados, serão tidos em conta pelo plenário de amanhã» – adiantou Duarte Calixto, da Direcção do SMAQ.

Depois do confronto Governo-Parlamento

Oliveira Dias chamado a Belém

Balsemão avista-se hoje à tarde com Eanes que esta manhã esteve mais de duas horas com Mário Soares

Os acontecimentos que na sequência da moção de censura do PCP provocaram, quarta-feira, um confronto entre o Parlamento e o Governo estão na origem da chamada a Belém do presidente da Assembleia da República, Oliveira Dias. O encontro com Ramalho Eanes decorrerá esta tarde, antecedendo em cerca de uma hora, um outro encontro, este com o próprio Pinto Balsemão.

Nem da parte da Presidência da República nem do gabinete de Oliveira Dias foi feito qualquer comentário, embora ninguém ponha em dúvida que os acontecimentos de há dois dias estarão na origem desta audiência. Concretamente, Eanes quererá ser informado do incidente pelo próprio presidente do Parlamento.

Esta manhã, entretanto, Eanes esteve mais de duas horas reunido com o secretário-geral do PS, Mário Soares. O encontro solicitado há semanas atrás pelo PS, destinou-se apenas a abordar questões relacionadas com a revisão constitucional, dando cumprimento a uma resolução nesse sentido, adoptada pela comissão permanente daquele partido. Apesar disso, e embora a audiência ainda não tivesse terminado na altura do fecho da nossa edição, dá-se como certo que Eanes terá aproveitado para ouvir a versão que o PS tem dos acontecimentos no Parlamento

Pág. 4

Situação explosiva na Cisjordânia

Autarcas palestinianos não aceitam destituição

Pag. 17

AS PALAVRAS PERDULÁRIAS

Três notas de viagem

José Manuel Mendes

Visitei hoje, uma vez mais, a casa de Camilo. Longamente reflecti, em cada divisão, na vida do escritor, tão marcada de dramas e sobressaltos. Impressiona o deflagrar de mortes em todas as coordenadas do seu diâmetro afectivo, mas, sobremodo, o estoicismo, feito de lances acres ou bem humorados, com que enfrentou o alude do sofrimento.

O suicídio culminou o processo evolutivo do desespero, acontecendo no instante da falência do último esteio da resistência nervosa? Não terá sido antes o fruto duma fraqueza indebelável, dum pego mais funda da angústia, acentuando brutalmente um dos declives quase rotineiros da sua vivência de brumas? Não importa muito a resposta, conquanto as cartas que escreveu a Freitas Fortuna, largos meses antes do voluntário termo dos seus dias, bem como outros documentos, nos intriguem e inculquem a ideia dum acto detidamente congeminado.

O silêncio daquela casa, ainda hoje rodeada dos pinhais gementes de que nos falava, a solidão ritmada pelo calendário das luas e dos ventos, ter-lhe-iam proporcionado condições de quietude estimuladora? Que sei eu: escrevemos tantas vezes onde menos esperamos. Com a idade, tenho ouvido amigos a dizerem, tornamo-nos mais exigentes, não rabiscamos já, febricitantemente, na mesa do café saturado de fumos e ruídos, só concebemos a refrega numa certa atmosfera de recolhimento. Assim terá sucedido com o grande novelista. Ao cabo de décadas de acidentado percurso emocional, eivadas de episódios onde a aventura se toca com uma asa indiscreta de loucura criativa, ali chegou,ao ermo de Ceide, à moradia que pertencera a Manuel Pinheiro Alves, o anatematizado primeiro marido de Ana Plácido, e, sem se septar do convívio portuense (sobretudo este, ao qual se deslocava em regularíssimas sortidas), foi erguendo, ramo a ramo, essa floresta rica, desigual e bela, duma obra de génio, que com prazer apetecemos e erigimos referência fundamental da nossa cultura.

*****

O Soajo numa tarde chuviscosa. Nuvens baixas, negras, poisadas na franja ondulante das montanhas. As águas, tão serenas que pareciam paradas, súbito cachoando em veios de espuma, redemoinhando nos tufos de arbustos secos e roxos, misturavam-se com a melodia agreste da rocha escalavrada, acordavam em nós um bem-estar longínquo, uma paz sem palavras nem movimentos. Ademais, só uma lufada de vento frio nas têmporas; e os putos, potros álacres a céu aberto, brincando na distância como se acabassem de descobrir a raiz da vida.

*****

Em Vigo, junto ao mar. Bonita paisagem de aves baixas sob a ameaça da chuva. Antes fora o périplo das livrarias (Delibes, Neruda, Ana Maria Matuti), a compra das guloseimas, a descoberta da traça arquitectónica equilibrada, fazendo bem a transição do classicismo para a modernidade, a urbe invadida pela maresia e pelos visitantes portugueses.

À saída dum café, tal como nas ruas de Lisboa, ou às entradas do metro, um pobre ulcerado exibia um cartaz apelando à solidariedade colectiva: POR FAVOR/NO PUEDO TRABAJAR. Passam as pessoas, indiferentes, e o velho lá vai rilhando, desconsolado, um pedaço de escuro pão. Oiço música, mazinha, enquanto desço para o labirinto do tráfego, em pleno coração da cidade. Será este frenesi, esta quase alacridade no quotidiano que, mal-grado todas as constrições políticas, tem feito a Espanha não estiolar no imobilismo total? Esta gente surpreende pela aparência de bem-estar psicológico, como a mulher do **Corte Inglês,** vendendo chocolates com um sorriso galhardo (ir-se-ia manter o dia inteiro?) de quem faz da profissão um rito aprazível em lugar da chatice sem remédio. (Ah, estes olhos turísticos, que se querem atentos a tudo e não conseguem rasgar a pele da superfície!). De qualquer maneira uma pergunta fica em suspenso: não rebentará toda esta estandardizada rotina, mais tarde ou mais cedo, numa expressão de individualidade criativa?

Em Vigo, pois, paredes meias com o vento da montanha e o azul salitrado das águas. Uma rosa para o enlevo dos sentidos, tão fatigados destes dias ronronantes e insípidos.

Serviço Exclusivo Le Monde Diário de Lisboa

Preços do petróleo fora de qualquer controlo

Bruno Dethomas

A União Soviética acaba de diminuir em 4 dólares por barril o preço do petróleo bruto vendido à Finlândia. Os novos preços estão em relação com os dos petróleos do mar do Norte (31 dólares). Por outro lado, segundo a agência Internacional da Energia, a procura de petróleo na OCDE deveria continuar a decrescer entre 2% e 4% em 1982.

Em todo o caso, segundo um grupo de peritos das companhias petrolíferas reunidas, de Londres, o excedente da oferta sobre a procura deverá desaparecer em poucos meses, quando as companhias reconstituíssem os seus «stocks» para o Inverno. Este novo equilíbrio do mercado seria, é certo, realizado a um nível de produção da OPEP inferior ao de 1970.

★

Excessivos nos últimos três anos, os movimentos de preços petrolíferos perturbam gravemente a economia mundial. O bruto do mar do Norte perdeu, por exemplo, 9 dólares por barril depois de ter ganho 25, e algumas cargas tiveram variações ainda mais amplas.

Uma série de mutações estruturais, depois de ter tido um papel acelerador durante o «segundo choque» de 1979-1980, têm agora um papel amplificador da depressão. Na revista «Middle East Economic Survey» desta semana, Robert Mabro, especialista de economia petrolífera na Universidade de Oxford, sublinha as principais mudanças havidas desde 1973.

A Extracção aumentou fora da OPEP. O México, o mar do Norte, o Egipto, a Malásia, Trinidad e Tobago, a Argentina, os Camarões, Angola, produziram em 1981 uns 8 milhões de barris por dia, isto é, mais de um terço da Organização.

O mercado está atomizado visto que nele surgem e fazem concorrência, para além das grandes companhias petrolíferas, numerosas sociedade estatais ou privadas que aumentaram o papel dos mercados livres, marginais, logo excessivos.

O poder mudou na própria OPEP. Até 1979, a Organização tinha dois grandes produtores (a Arábia Saudita e o Irão), quatro países cuja extracção igualava ou ultrapassava 2 milhões de barris por dia (Iraque, Koweit, Nigéria e Venezuela) e sete exportadores mais pequenos. Hoje, os Sauditas vendem quatro vezes mais petróleo que qualquer outro membro e nenhum produtor médio atinge 2 milhões de barris diários.

Enfim, a liberalização total dos preços do petróleo americano no princípio de 1981, pôs em simbiose o mercado do principal país consumidor e o mercado mundial.

É neste novo quadro estrutural que se produziram dois fenómenos mais onjunturais: a baixa da procura e uma diminuição dos «stocks».

O consumo, que em 1980 baixara 7,7% nos países industrializados da OCDE, mais de 7% em 1981, continua a declinar. Assim, as importações americanas, que numa certa semana de Fevereiro atingiram os 2,7 milhões de barris por dia, caíram há sete anos (eram de 5,1 milhões de barris quotidianos na mesma época, há um ano). Um amplo debate divide, nos meios energéticos internacionais, os que atribuem, quanto ao essencial, essa evolução, ao cansaço da economia mundial e os que preferem ver nisso a consequência de um esforço de substituição (carvão, nuclear) e de uma utilização mais racional da energia. Quando se conhece os tempos de renovação do parque imobiliário (várias décadas) e do parque automóvel (uns dez anos), não se deve ter ilusões.

Mais evidentemente conjuntural, a redução dos «stocks» também pesa nos preços. As companhias, que encheram as sua suas cubas no princípio da guerra entre o Iraque e o Irão e que as tinham conservado cheias perante as incertezas do mercado no primeiro semestre de 1981, mudaram de atitude. O custo do dinheiro e a certeza de que os preços serão congelados, pelo menos até ao fim de 1982 – o xeque Yamani promete-o – incitam ao fim do armazenamento. A Agência Intenacional da Energia (AIE) acha que 33 milhões de toneladas de petróleo foram assim repostas no mercado no segundo trimestre de 1981; as companhias falam de 40 milhões. Os primeiros números conhecidos para 1982 marcam uma aceleração se comparados com as flutuações sazonais, apesar de um Inverno que, globalmente, não foi particularmente duro.

Eis a razão por que a OPEP, que retomara em 1973 o domínio da fixação dos preços do petróleo a companhias culpadas de ter deixado declinar os valores do ouro negro na década de 60 perdeu esse poder. E perdeu-o, não nas últimas semanas, quando por exemplo os países do mar do Norte resolveram, pela última vez, levar a efeito uma política de preçoa independente da dos países exortadores, mas a partir de 1980, quando deixou os preços libertos – sob a pressão da Argélia, do Irão, da Líbia e da Nigéria –precisamente na altura em que havia equilíbrio entre a oferta e a procura. «Estamos hoje a pagar as altas violentas dos anos passados», acaba de reconhecer o ministrm venezuelano, Calderon Berti. Num mercado em que reinavam os preços marginais, a Arábia Saudita era a única a tentar segurar os preços do petróleo e eram muitos os ministros da OPEP que afirmavam: «Porque não venderia eu o meu petróle a 40 dólares se tenho compradores para esse preço?». O futuro provaria que isto mostrava vistas curtas.

Esta deserção da OPEP, que alegrou alguns, tem certos perigos. Primeiro para o desenvolvimento de alguns dos seus membros. As últimas estatísticas publicadas pelo **Banque des Réglements Internationaux** (B. R. I.) de Basileia provam que, no seu conjunto, a organização passou a viver de empréstimos no mercado dos capitais, no terceiro trimestre de 1981. Os números escondem mal certas situações especiais: os países de fracos recursos financeiros e de forte densidade populacional (Nigéria, Venezuela, Indonésia, Irão, Argélia) têm dificuldades. Lagos, que acusou um défice de sete mil milhões de dólares em 1981 teria de produzir 2 milhões de barris por dia (mais 30% do que actualmente) para equilibrar o seu orçamento. Por sua vez, Caracas acaba de amputar 1,3 mil milhões de dólares ao seu orçamento. Teerão previa para 1982 receitas para as quais seria necessário uma duplicação da produção.

Os países não membros também são influenciados: a última base do petróleo britânica custará ao Tesouro entre 1 e 2 mil milhões de libras, e a Noruega acaba de reduzir entre 170 e 90 mil milhões de coroas as suas previsões de receitas petrolíferas nos cinco anos próximos. Mas mais grave é a situação do México, cujo endividamento atinge os 60 mil milhões de dólares, ou o Egipto.

Os efeitos negativos

Os próprios países industrializados não sofrem unicamente efeitos benéficos com uma redução da sua factura petrolífera. Parcialmente compensada na Europa pelo movimento excessivo do dólar, essa queda dos preços do ouro negro leva para mais a pôr em causa numerosos projectos de energias alternativas. Os mais dispendiosos – xistos betuminosos, gaseificação do carvão, – já abalados pela supressão de certos financiamentos públicos nos Estados Unidos, estão agora reduzidos e quase abandonados. Uma baixa durável dos preços do petróleo podia fazer com que fosse encarada a hipótese da utilização do carvão (na Europa, o consumo diminuiu em 1981), da exploração petrolífera em zonas difíceis ou de certos esforços de economias de energia. Com o risco de colocar a aceleração económica – como a que foi esboçada em 1978 – à mercê de um novo «choque» petrolífero.

Desde que se esteja de acordo sobre o papel primordial do petróleo na economia mundial nos vinte ou trinta anos próximos, põe-se o problema de saber quem deve deter a fiscalização dos preços. Mesmo que a OPEP seja, desde 1973, e segundo um dos seus antigos secretários-gerais, um fornecedor «residual» a que só se dirigem quando todas as outras fontes estão a ser utilizadas, o seu lugar no comércio internacional e principalmente as suas reservas (65% das reservas conhecidas no mundo) justificam que ela conserve esse lugar. Sob pena de conflitos permanentes entre produtores e consumidores.

Mas ela terá de fazer face, nos próximos meses, a dificuldades sem comparação com as que teve em 1975. Mabro recorda que nessa época cinco países participaram no esforço de uma redução de produção que permitira manter mais ou menos os preços: a Arábia Saudita 16% (em relação à média anual de 1974), o Irão (11,1%), a Venezuela (21,2%), a Nigéria (20,6%) e o Koweit (18,2%).

Ora a maioria dos países membros já procederam – por falta de compradores – a diminuição dessa importância. No actual estado do mercado, seria preciso que o Ryad baixasse a sua produção até ao «texto necessário ao financiamento do seu desenvolvimento, isto é, a uns 6 milhões de barris por dia (-40% em relação em 1980) e isso ainda não permitiria ao Irão e ao Iraque que aumentassem substancialmente a sua extracção, como o desejam.

Possível, embora com um certo ranger de dentes, enquanto a procura do petróleo OPEP se mantém acima dos 20 milhões de barris diários, uma redução de produção torna-se muito mais delicada abaixo desse número. Ora por ocasião da reunião de Viena, no dia 19 de Março, falou-se de 18,5 milhões de barris por dia. Da justa repartição do sacrifício depende em parte o futuro da OPEP.

Mas isto não basta. Ainda é indispensável, para que cesse a anarquia, que a Organização ponha coerência nos seus próprios preços, a fim de evitar que os países membros façam concorrência entre si. A promessa feita pela Nigéria aos seus clientes, de uma baixa de cinco dólares por barril, se a OPEP não conseguisse um acordo no dia 19 de Março, mostra o caminho que será necessário percorrer.

A OPEP deverá por fim voltar a essa estratégia a longo prazo de que continua a desconfiar. O que prova que uma evolução mais regular dos preços, seja qual for a fórmula escolhida, será um contributo determinante para o saneamento da economia mundial.

Se não conseguir realizar esses objectivos, a OPEP deixaria a um mercado incoerente um poder sobre os preços que levara quase quinze anos a obter. O benefício imediato que os consumidores teriam, esconderia durante algum tempo os perigos dessa evolução.

Os continentes deslocam-se

Há 200 milhões de anos a Terra seria formada por um só continente que se teria, posteriormente, dividido. Os continentes deslocam-se e a distância entre Londres e Nova Iorque é hoje maior do que há um ano. Estas hipóteses, formuladas há mais de um século, estão actualmente a ser investigadas.

A hipótese da instabilidade da crosta terrestre e do seu movimento foi avançada, há mais de um século, pelo professor alemão A. Wagner. Segundo a sua teoria, os continentes estão em movimento perpétuo, uns em relação aos outros.

Um único continente que existiria há 200 milhões de anos começou, ao dividir-se, por dar origem à Antárctida, Austrália e África. Depois separou-se a América e formou-se o Atlântico.

Três tentativas feitas para confirmar as hipóteses de Wegener não conduziram a resultados. Os meios técnicos não eram ainda suficientes.

O problema continuou, porém, a interessar os investigadores, em particular nos últimos 40 anos, quando o progresso da ciência criou novos instrumentos científicos. Podiam já tentar registar-se as pequenas deslocações dos continentes e isso foi verificado numa sondagem a grande profundidade no Atlântico e no Pacífico.

Origem de sismos

Nos últimos anos desenvolveu-se um ramo da ciência que permite avanços importantes neste domínio. Trata-se do Paleomagnetismo, que estuda os vestígios deixados pelos campos magnéticos nas rochas no momento da sua formação e fornece métodos indirectos para estudar o movimento da crosta terrestre.

Há cerca de 20 anos, com os últimos dados geológicos, geoquímicos, geotécnicos e geofísicos, avançou-se uma nova concepção sobre a estrutura da Terra, constituída, segundo as novas teses, por um sistema de grandes plataformas em movimento constante, movimento que podia ser de diversas espécies.

Certas plataformas deslocam-se umas em relação às outras, como é o caso da plataforma do Pacífico que se dirige para noroeste. O bordo da plataforma da América do Norte, que se separou da do Pacífico, estende-se desde a península do Califórnia passando por S. Diego, Los Angeles e Santa Barbara. Move-se, provocando sismos ao longo da linha de separação (fractura de Andrea) a uma velocidade de 20 milímetros por ano. Daqui a 20 milhões de anos, esta deslocação transportará Los Angeles para o local onde actualmente se encontra S. Francisco.

Existem ainda uma série de outros dados, obtidos a partir do estudo dos campos gravítico e magnético, que confirmam o movimento da crosta terrestre no oceano Atlântico.

Também há cerca de 30 anos os soviéticos V. Danilov e Yuri Bulanger iniciaram o estudo do movimento da crosta terrestre na zona das cadeias montanhosas Pierre Ier e Guissar. Dados obtidos mais tarde por outros cientistas mostraram-se divergentes.

política de A a Z

No rescaldo de um escândalo político

O discurso introdutório da «moção de censura» do Partido Comunista, o deputado Carlos Brito, presidente do grupo parlamentar do PCP, associou duas ordens de razões para justificar que, com um intervalo tão curto e não se tendo alterado na Assembleia da República a correlação de forças, se tivesse repetido uma apresentação de «moção de censura». Essa justificação é a seguinte: «Uma nova moção de censura ao Governo AD legitima-se plenamente ante a detioração sistemática das condições de vida e de trabalho do nosso povo, as notícias cada vez mais alarmantes sobre o desastre que atinge a economia e as finanças do País, as restrições às liberdades e os atentados frequentes e graves à legalidade democrática, os golpes desferidos contra as conquistas democráticas consagradas na Constituição, as operações de desestabilização das Forças Armadas e os planos de alteração do regime por via da revisão constitucional, o recrudescimento dos conflitos intestinos na coligação governamental e a cada vez mais patente redução da base de apoio social e eleitoral dos partidos que exercem o governo.»

Esta primeira série de razões seria completada com motivos de outra ordem: a «actuação cada vez mais abertamente repressiva e antidemocrática em que está empenhado o Governo AD-//Balsemão e que este já se permite, mesmo diante da Assembleia da República, apresentar como a política do Estado, como aconteceu no encerramento da interpelação da UEDS, através do discurso do Vice-Primeiro-Ministro».

A seguir à «moção de censura» do PS, e após a «interpelação» da UEDS, a «moção de censura» do PCP não se limitou a verberar a actuação do Governo, e do ministro da Administração Interna, por ocasião da greve geral do dia 12 de Fevereiro, e a sublinhar, uma vez mais, o abuso no inconsiderado das acusações, o insulto aos Portugueses que representa uma tão inconsistente argumentação. E se Ângelo Correia oferecera ao País uma imagem confrangedora de leviandade política, o Vice-Primeiro-Ministro, no seu discurso de réplica à interpelação da UEDS, mostrara a disposição de regressar à maneira forte para impor a mitologia da «ordem», com a convencional invocação da «razão de Estado» e ao gosto salazariano.

Contra a perspectiva de um «regresso» de que um tal discurso deverá ser considerado anúncio e texto programático, contra a política de restauração dos privilégios e combinações de «antigamente», a «moção de censura» do PCP apresentou-se como um longo repositório de anomalias e violações de um certo entendimento do que seria a política conveniente para vencer a «crise» e prosseguir Abril. E dir-se-á que o discurso pronunciado pelo deputado Carlos Brito não excedia, nem na forma, nem no fundo, o que a Assembleia da República estava preparada para ouvir e que a «maioria AD», ao «Governo AD» grata e gratificada, não deixaria de repudiar.

Sem irmos mais longe na apreciação da «moção de censura» como momento táctico da estratégia do PCP; sem nos demorarmos na análise de um texto extenso densamente fundamentado; teremos que reconhecer, como homens políticos, comentadores e jornalistas já o notaram, que na sua incrível falta de senso e de modos o Governo AD – e não só o Primeiro-Ministro, mas com relevância para este – transformou o que poderia ter sido circunscrito a um acidente de percurso no confronto oposições-AD, num escândalo público, nacional, com implicações graves que repercutirão no seio da maioria.

A falta de habilidade política de Francisco Balsemão, a sua permeabilidade a espertezas de mau conselho, ficou uma vez mais demonstrada. Evidente a incapacidade de prever as consequências imediatas, e mediatas, dos expedientes que se adoptam ao sabor de inspirações e no delírio das improvisações.

O Governo AD perdeu autoridade face à Assembleia da República, comprometeu-se numa atitude de desrespeito pelo órgão de soberania, e nele, o Primeiro-Ministro conseguiu isolar os deputados do seu próprio partido, tendo-se visto o CDS, pela voz do deputado Rui Pena, obrigado a declarar: «O grupo parlamentar do CDS quer dizer que tem norteado sempre as suas actuações dentro e fora do Parlamento pelo respeito do regime, das instituições e, muito especialmente, pelo respeito por este Parlamento. O grupo parlamentar do CDS sempre respeitou os seus compromissos, seja com os partidos da Aliança Democrática seja aqueles que toma com os partidos da Oposição. O grupo parlamentar do CDS, com esta atitude, quer frisar o seu respeito porÕesta instituição parlamentar, pelas regras da Democracia, pelo jogo que deve nortear as relações entre a Maioria e a Oposição.»

A intenção, previamente anunciada, de desvalorizar – mesmo em relação à «moção de censura do PS» – a «moção de censura do PCP», teve o efeito precisamente contrário. A solidária reacção da Oposição, mostrou ao Governo, novamente, que a sua estratégia claudica quando se baseia, sem imaginação, na exclusiva esperança de uma atitude do Partido Socialista que, contra os interesses da sua base social, viesse a ser complementar, apendicular, da «política restauracionista» da Aliança Democrática. E o que se passou na Assembleia da República – para além das graves repercussões da fuga insólita do Primeiro-Ministro às suas responsabilidades e aos seus deveres de deferência – foi a natural reacção dos democratas a uma atitude que concorria para o desprestígio das instituições democráticas e dos mecanismos constitucionais.

A «moção de censura» que se quis minimizar viu-se projectada à categoria de escândalo nacional. O Partido Comunista que se quis isolar viu-se apoiados por toda as forças de oposição e não só. A Imprensa fez-se eco da geral reprovação e o PC, a sua «moção», a solidariedade oposicionista, a preocupação do Conselho da Revolução, submergiram a mensagem do Primeiro-Ministro enviada à Assembleia da República tarde, a má hora e mal pensada, – o expediente das correspondências hierárquicas sendo destituído de sentido político.

Falar de uma grande derrota do Governo, será, talvez, exagerar. Mas foi uma derrota para o Governo AD, e, sem dúvida, uma grande derrota pessoal para o Primeiro-Ministro.

Terá sido uma grande vitória para a Oposição? Duvidemos, também. Na actual Assembleia da República conta a AD com uma maioria dócil e se, desta feita, o CDS se demarcou do processo, nada nos garante que se demarque de uma continuidade política que, hoje, depende directamente da passividade calculada do Presidente da República.

E o que está em jogo não é já a vontade política das oposições (no plural, apesar da atitude em conjunto), mas o respeito pelas instituições democráticas – a continuidade da Democracia, plural e livre, como nasceu em Abril.

Advogados? – esses nunca!

José Delgado Martins*

Quebrando o estado de aparente letargia (1) (2) em que se encontrava, a Ordem dos Advogados, resolveu tomar posição pública sobre um aspecto de revisão da Constituição.

Assim, a propósito da composição do Tribunal Constitucional fez divulgar um «comunicado» no qual se defende que aquele órgão «deva ser integrado EXCLUSIVAMENTE por juízes ainda que minoritariamente designados por órgãos de soberania»... (o sublinhado e as reticências são, como é óbvio, nossas).

Sem pretendermos entrar na apreciação da necessidade de inclusão no texto constitucional deste novo órgão e admitindo que o mesmo terá como competência exercer o controlo da constitucionalidade das leis, não podemos deixar de ficar surpreendidos e preocupados com semelhante proposta.

Com efeito, nunca defendemos serem os juízes de carreira as únicas entidades competentes para exercer a função de julgar.

Pelo contrário, reconhecemos que outros cidadãos, mesmo sem formação jurídica, tem aptidão para apreciar com independência, bom-senso e eficácia graves conflitos.

Sem pôr em causa a necessidade da existência de juízes profissionais, não podemos deixar de admitir as dificuldades e limitações que por vezes se lhes tocam.

Não é por acaso que o nosso ordenamento jurídico consagra a existência, entre outros, de juízes sociais, militares, árbitros e de jurados, a serem desempenhados por cidadãos sem preparação jurídica adequada e lhes atribui competência para dirimir litígios de particular melindre e elevada responsabilidade.

A inevitável deformação profissional resultante do longo e isolado exercício das funções e a sua dependência, através do Ministério da Justiça, do poder executivo são, desde logo, dois aspectos a ter em atenção quando se apreciam as dificuldades do exercício destas funções por parte de juízes togados.

Não podendo a Ordem ignorar tal condicionalismo, mais surpreendidos ficamos com o teor daquele comunicado.

Porém, além de excluir, à partida, de entre os eventuais membros daquele órgão constitucional os cidadãos leigos, independentemente da sua estatura moral, cívica e política e não obstante poderem ser versados na matéria como deputados autores de Constituição ou fazerem parte da actual Assembleia (com poderes de revisão), o comunicado vai muito mais longe.

Entre os «leigos» a quem a Ordem se propõe vedar o acesso desde logo nos lembramos de cidadãos ilustres e prestigiados como LOURDES PINTASILGO, HENRIQUE DE BARROS, HELENA CIDADE MOURA, MILLER GUERRA, MELO ANTUNES e tantos outros.

Mas admitindo, por mera hipótese, que para o exercício de tais funções se tornava indispensável possuir formação jurídica, pergunto-me a mim próprio, em nome de quê e de quem(4) defende a Ordem deverem ser excluídos outros juristas só por não serem juízes.

Não acreditamos que tal atitude haja sido tomada por subserviência dos seus autores face aos tribunais.

Até porque, faça-se-lhes justiça, sabem que os nossos juízes sempre desprezaram os advogados que tomavam atitudes desse jaez.

Por ignorância?

Também não cremos. Pelo facto do órgão proposto se chamar tribunal (como podia apelidar-se Comissão, júri, conselho constitucional) seria, por caricato, um insulto à inteligência dos subscritores do comunicado.

Por razões de oportunidade política?

Aí já não somos tão firmes em pôr de lado tal hipótese.

Todavia, o que fica inteiramente por responder são as razões que conduziram ao afastamento liminar de TODOS os cidadãos inscritos na Ordem dos Advogados.

Tal exclusão surge como um anátema lançado pela Ordem sobre a cabeça dos seus pares.

Deparamos assim com o público reconhecimento pela Ordem da impossibilidade em encontros entre os seus membros cidadãos que reunam as qualidades exigidas para o exercício de tais funções, nomeadamente, dignidade, integridade, competência profissional elevada formação política e independência face aos restantes órgãos do poder.

Desde logo nos vem à mente figuras prestigiadas do foro ou de docência universitária como JOSÉ MAGALHÃES GODINHO, VITAL MOREIRA, AZEREDO PERDIGÃO, VASCO DA GAMA FERNANDES, PALMA CARLOS, LINO LIMA, JORGE MIRANDA e ISABEL MAGALHÃES COLAÇO, entre os muitos que, de tal sorte, ficariam definitivamente proscritos.

Terão os autores daquele comunicado tido consciência de quão pobre e estreita é a sua proposta?

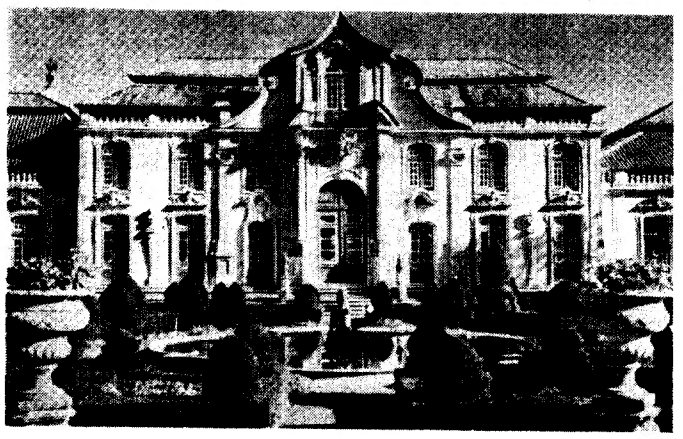
(1). Face ao encarceramento do bastonário turco dezenas de advogados portugueses vêm, desde o início do mês, dirigindo-se ao Bastonário da Ordem pedindo uma intervenção junto dos representantes das entidades militares que detém o poder na Turquia e as instância internacionais sem que até hoje a Ordem houvesse tomado qualquer posição pública.

(2). Não será que os advogados terão uma palavra a dizer quanto à questão candente de despenalização do aborto?

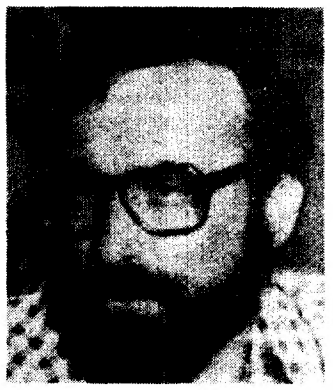
(3). Além de ignorarmos qual o órgão da Ordem (bastonário, conselho superior, conselho distrital) que elaborou o referido comunicado, não tivemos conhecimento que aquela instituição tivesse procurado auscultar a posição dos seus membros antes de tomar tal posição pública.

*** Advogado**

ponto a ponto



● Os palácios nacionais da Ajuda (dia 28), **de Queluz** (dia 31), e Sintra (dias 2, 3 e 4 de Abril) estarão encerrados ao público por causa da visita ao nosso país do presidente da República da Jugoslávia, Serger Kraigher.



● A presidência de Câmara Municipal de Mértola passa a partir de agora a ser ocupada interinamente por afernando Rosa, da Aliança Povo Unido, substituindo no cargo **Ferrão Martins,** que um brutal acidente de viação vitimou na passada terça-feira. Fernando Rosa, que era o vice-presidente, será empossado na próxima semana.

● Terá lugar este fim-de-semana, na sala dos congressos do casino da Madeira, a 1.ª Assembleia de Organização do PCP da Região Autónoma, que encerrará com um convívio-festa a partir das 18 horas de domingo. Participam nos trabalhos 150 delegados eleitos nas diversas estruturas do partido que debaterão a situação política regional, a conjuntura económica e o futuro da Região Autónoma, a situação social e os problemas das populações. Presente também o membro do comité central do PCP, **Blanqui Teixeira.**

● **Basílio Horta** afirmou ontem, num colóquio levado a cabo pelo CDS, que «o sistema actual de crédito à agricultura não serve os interesses do mundo real português». Sublinhando que não está em causa o IFADAP, o ministro da Agricultura, Comércio e Pescas disse que o chamado «crédito a curto prazo é demasiado burocrático», adiantando que o crédito de investimento deveria passar pela acção das Caixas de Crédito Mútuo, que deveriam ser incrementadas».

● A secretária de Estado da Fmília, **Teresa Costa Macedo,** está em Madrid desde hoje a fim de participar no encerramento do Congresso Internacional da Família que decorreu na capital espanhola e na qual participaram representantes de 51 países. Desde Outubro que se realizam nesses países diversos actos, colóquios, debates e sessões, integrados no referido congresso internacional.

● O embaixador de Portugal em **Malta**, José Eduardo de Meneses Rosa, apresentou credenciais ao presidente da República, Agatha Barbara – anunciou o Ministério dos Negócios Estrangeiros. A representação diplomática em Malta estava até aqui assegurada pela Embaixada portuguesa em Roma, enquanto Malta já possuía uma Embaixada em Lisboa.

Jogo do "empurra" entre CDS e PSD

"Não fomos informados" — dizem os centristas

"Se querem acabar com a AD..." — avisa o PSD

Enquanto Freitas do Amaral não regressa dos Estados Unidos (a sua chegada está prevista para amanhã) continua o jogo do «empurra». Os dois maiores partidos da AD (PSD e CDS) enjeitam as responsabilidades, trocam comunicados e acusações. O Primeiro-Ministro reuniu ontem, à tarde, durante bastante tempo, com o seu principal conselheiro político, Marcelo Rebelo de Sousa. O Presidente da República chamou a Belém (a audiência realiza-se hoje) o Presidente da Assembleia da República. O general Eanes pretende ser informado do que se passou, no Parlamento, com o debate da moção de censura do Partido Comunista.

Rui Pena

Basílio Horta

Fernando Amaral

Numa longa reunião do Grupo Parlamentar do CDS, logo após a retirada da oposição... com a moção de censura, foi reafirmado o apoio à atitude da direcção parlamentar do CDS e, em particular, a Rui Pena. «Trata-se de uma questão pessoal entre Rui Pena e Basílio Horta» – continua a dizer-se nos meios da Aliança Democrática. «Foi uma desarticulação entre o Grupo Parlamentar do CDS e o Governo» ou – prosseguem – «a Direcção do CDS não deu conhecimento ao Grupo Parlamentar do seu partido do que tinha sido decidido quanto à discussão da Moção de Censura».

Ao que parece, a estratégia a adoptar pelo Governo, no debate da Moção de Censura, foi alterada no próprio dia do debate. E se na primeira reunião a direcção do Grupo Parlamentar do CDS esteve ausente, em relação a esta alteração, não terá sido sequer informada.

E aqui surge também o **empurra** de responsabilidades. Quem deveria ter informado a direcção do Grupo Parlamentar? Na ausência de Freitas do Amaral, Basílio Horta é a «2.ª figura» centrista do Governo. «Não era o ministro da Agricultura que pertencia comunicar a estratégia ao CDS; mas o ministro para as relações com a Assembleia, o social-democrata Fernando Amaral», – dizem fontes próximas de Basílio Horta.

Fernando Amaral tem essas funções com o Parlamento, mas não **especificamente,** e nessa qualidade, com os partidos do Governo.

O CDS não aprovou a ausência do Primeiro-Ministro Pinto Balsemão no início do debate da Moção de Censura do PCP. Membros do Governo, como Azevedo Soares e Ribeiro Castro, participaram na reunião do Grupo Parlamentar dos centristas.

«Se querem acabar com a AD...»

Os sociais-democratas, face à atitude dos centristas, reuniram a Comissão Política Nacional e emitiram um comunicado de apoio a Pinto Balsemão. A Comissão Política reafirmou o empenho «na execução do projecto da AD por parte do PSD (...) e do PSD nada partirá que ponha em causa esse projecto que merece a confiança e o apoio da maioria do povo português».

Idênticas **alfinetadas** ao CDS seriam feitas, numa entrevista à Rádio, por Fernando Condesso, vice-presidente do Grupo Parlamentar do PSD: «Se há outros parceiros da AD que querem acabar com a AD estão no seu direito. Nós, PSD, nada faremos para acabar com a AD, um projecto que ainda pode ter virtualidade que, na nossa opinião, têm tempo para existir».

E adianta Fernando Condesso, à rádio, «se outros, quer pela intencionalidade que põem em factos que praticam, quer objectivamente por esses próprios factos, puserem em causa a AD, o povo português saberá que o PSD não terá, de maneira nenhuma, qualquer responsabilidade nisso».

A crise na AD é evidente e resta, agora, saber como Freitas do Amaral irá «disciplinar» o seu próprio partido. Este fim-de-semana, a AD estará reunida. E, para o Primeiro-Ministro, duas intervenções partidárias importantes.

Em Lisboa e Algarve

Cerca de 400 dirigentes da AD reunem-se amanhã, num hotel de Lisboa, em Encontro Nacional, com a presença dos três líderes da AD: Ribeiro Teles, Freitas do Amaral e Pinto Balsemão. Membros do Governo, deputados e autarcas analisarão a situação política nacional em «preparação» para as próximas eleições autárquicas.

Estão previstas intervenções, para além dos três líderes, de João Salgueiro, Luís Barbosa e Viana Baptista.

Depois da participação no Encontro Nacional, Pinto Balsemão vai até Lagos para encerrar as Primeiras Jornadas Sociais-Democratas do Algarve. E aqui terá de enfrentar certamente um ambiente tenso.

A actual direcção da Comissão Política Distrital sofre grande contestação por parte de dirigentes que já anunciaram integrar uma lista alternativa nas próximas eleições para a direcção política distrital do PSD.

Acontece que, em vésperas de eleições, a presença do presidente do partido, Pinto Balsemão, é considerada como um claro apoio à direcção actual e a José Vitorino, secretário de Estado da Emigração.

Resta aguardar como irá Pinto Balsemão discursar num ambiente pré-eleitoral. Tomará «partido» dentro do partido? Segundo um semanário afecto à AD, José Vitorino, bastante contestado no Algarve, não mostraria intenção de se recanditar, para obviar a uma eventual derrota.

Para além disso, na próxima semana está prevista uma cimeira da AD. Aí os principais dirigentes da Aliança Democrática analisarão o actual momento político e, particularmente, as divergências evidentes entre os dois maiores partidos da coligação.

Ausência de Balsemão no debate?

'Uma provocação à AR" — diz o MDP/CDE

O MDP/CDE afirmou que a ausência de Pinto Balsemão no Parlamento, quando se discutia quarta-feira a moção de censura ao Governo apresentada pelo PCP, «significa uma provocação à Assembleia da República».

Em comunicado, o MDP/CDE diz que «o vexame a que procurou submeter a Assembleia da República, órgão de soberania perante o qual o Governo responde, ultrapassou em gravidade todas as anteriores atitudes incorrectas do Primei-ro-Ministro».

Acrescenta que «o Governo é constitucionalmente obrigado a participar no debate porque o normativo constitucional e o Regimento da Assembleia da República implicam que a presença governamental seja assegurada pelo Primeiro-Ministro».

«Pinto Balsemão recusou-se a comparecer na Assembleia da República, pretendendo, ilegalmente, fazer-se substituir pelo ministro de Estado e da Qualidade de Vida» – declara o MDP/CDE.

O documento refere que «politicamente, tal atitude significa uma provocação à Assembleia da República e demonstra a incapacidade do Governo e do Primeiro-Ministro para agirem dentro das regras do regime democrático».

Considera que «a dignidade do Parlamento foi ressalvada pela retirada da moção de censura pelo Partido proponente e pelo abandono da sessão por todos os partidos da oposição». «Em contrapartida, o Governo foi empurrado pelo Primeiro-Ministro para o fundo do declive antidemocrático em que tem vindo a deslizar» – conclui.

Ninguém quer ficar a ver navios...

Luta de interesses económicos para vender fragatas a Portugal

Uma fonte do Estado-Maior da Armada disse hoje à ANOP ser indiferente para a Marinha de Guerra o local de construção das novas fragatas, desde que elas obedeçam aos requisitos exigíveis para as missões a que estão destinadas.

A informação surge na sequência de uma notícia proveniente de Haia, através da agência norte-americana Associated PPress, segundo a qual Portugal comunicou ao Governo holandês que pode optar pela República Federal da Alemanha para a construção das três fragatas.

O processo de compra das fragatas tem sido longo e complexo. Iniciou-se em meados da década de 70, já depois do 25 de Abril, quando se chegou à conclusão da necessidade da substituição das fragatas «Pereira da Silva», «Gago Coutinho» e «Magalhães Correia» que entraram ao serviço em 1966, 1967 e 1968, respectivamente.

Quando almirante Souto Cruz era chefe do Estado-Maior da Armada, um grupo especializado concluiu, face às missões da Marinha de Guerra no âmbito das suas responsabilidades na Aliança Atlântica, que as fragatas holandesas, italianas ou belgas satisfariam as necessidades.

O financiamento da compra dos novos navios era dividido equitativamente por Portugal e pela NATO. Portugal venderia então quatro corvetas: «Baptista Andrade», «João Roby», «Afonso Cerqueira» e «Oliveira e Carmo» que entraram ao serviço, a primeira em 1974 e as três restantes em 1975. O seu valor estava calculado, há dois anos, em 100 milhões de dólares (cerca de sete mil milhões de escudos».

O Saclant comunicou, entretanto, ao Estado-Maior da Armada, que estaria de acordo com a decisão final das autoridades marítimas portuguesas quanto ao modelo escolhido e este foi o holandês com algumas modificações.

O almirante Sousa Leitão, já chefe do Estado-Maior da Armada, na sequência da complexidade da compra das fragatas, mandou suspender a venda das quatro corvetas, para a qual havia interessados de praticamente todo o mundo.

«Antes que ficasse a ver navios, o almirante suspendeu a venda antes de ter a certeza da compra» – disse à ANOP uma fonte da Armada.

Com a entraea em funções do G OVERNO Sá Carneiro, o Primeiro-Ministro deu «um cunho muito pessoal» à questão e empenhou-se em que pelo menos duas das fragatas fossem construídas em Portugal (nos estaleiros de Viana do Castelo) sob o modelo construído na Holanda.

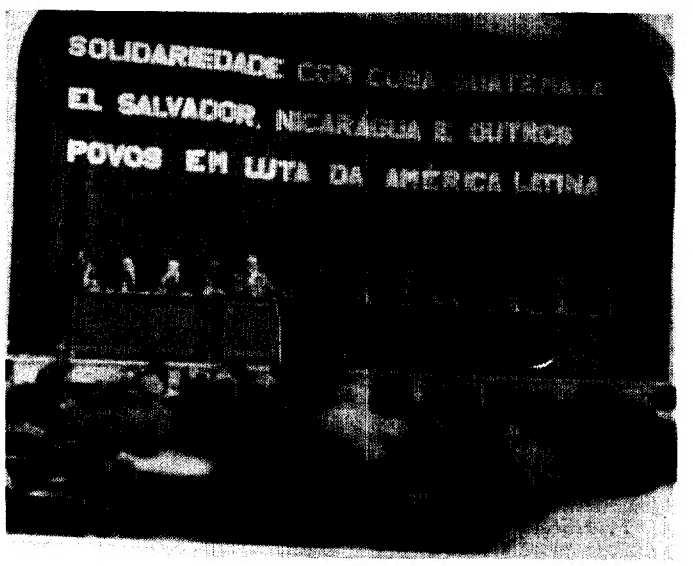
«Era uma solução boa com grandes vantagens para Portugal: entrada de tecnologia, ocupação de mão-de-obra, desenvolvimento dos estaleiros» – disse a mesma fonte.

No ano passado, «uma guerra económica jogada no campo político» alterou os dados, aparecendo a República Federal da Alemanha a pretender um papel importante em todo este processo.

A fragata da classe «Korpenaer», de 3600 toneladas, tem uma autonomai de quatro mil milhas náuticas, atingindo uma velocidade máxima de 30 anos.

Estão equipadas com um canhão, de fabrico italiano, de 7,6 mm, e possuem mísseis norte-americanos «Sea Sparrow» e «Haräppn», além de transportar helicópteros.

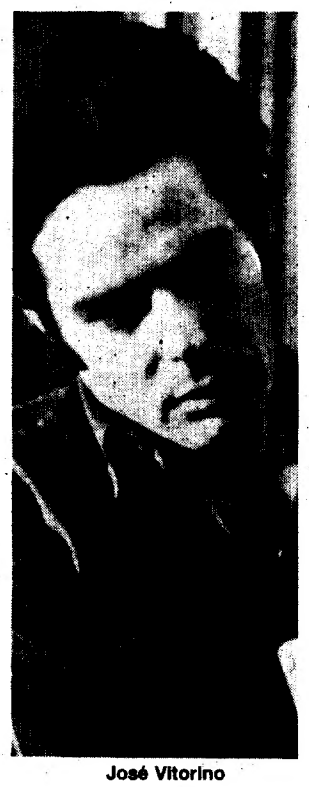
Os seus torpedos anti-submarino podem ser lançados a partir da própria fragata ou dos helicópteros.



SOLIDARIEDADE COM A AMÉRICA LATINA – Organizada pela Associação de Amizade Portugal-Cuba com o apoio do Conselho Português para a Paz e Cooperação, da CGTP-IN, MDM, RIA e URAP, decorreu ontem à noite na Voz do Operário uma sessão de solidariedade com Cuba, El Salvador, Nicarágua, Guatemala e povos da América Latina. Usaram da palavra o general Costa Gomes, o padre Teles Sampaio, Carlos Candal e Álvaro Rana. Foi ainda projectado o filme «A Marcha do Povo Combatente» e a parte cultural da sessão esteve a cargo de Joaquim Pessoa e José Carlos Gonzalez. Na mesa tomaram ainda lugar representantes de Cuba, da Frente Farabundo Marti, e de El Alvador, e da Unidade Revolucionária Nacional da Guatemala.

TAXISTAS

Dia 25 às 11.30 da manhã, Lisboa, senhora esqueceu pasta branca de plástico transparente contendo documentos importantes que só ao próprio interessa. Percurso Av.ª Infante Santo/Campo de Santana. Tel. 561041/5 — horas de expediente. Gratifica-se.



José Vitorino

Mesmo no fim da visita

José Vitorino ignora quantos portugueses residem em Espanha

MADRID, 26 **(do nosso correspondente Fernando Jauregui)** – Depois de quatro dias de visita oficial a Espanha, o secretário de Estado português da Emigração, José Vitorino, desconhecia ainda qual o número exacto de portugueses residentes naquele país. Isto apesar dos seus múltiplos contactos com as autoridades espanholas.

Numa conferência de Imprensa, em que falou, ininterruptamente, durante meia hora, José Vitorino recorreu às informações menos importantes e aos pormenores mais desinteressantes – falou, por exemplo, da contratação de duas assistentes sociais para as Astúrias e do recrutamento de três professores portugueses para Espanha. Em contrapartida, quando interrogado sobre quantos eram, exactamente, os portugueses residentes em Espanha, legal ou ilegalmente, o secretário de Estadm tentou evitar a resposta, acabando por dizer que os residentes legais rondam os 60 mil e que se desconhece quantos se encontram em situação ilegal.

Um dos jornalistas presentes na conferência de Imprensa teve então de informar o secretário de Estado de que o número de portugueses residentes legalmente em Espanha, segundo dados facilitados pelas próprias autoridades espanholas com quem José Vitorino anteriormente se avistara, era de 30 mil, e não 60, e que se calculava que o número de emigrantes ilegais rondasse igualmente os 30 mil.

Depois deste «incidente» José Vitorino refugiou-se em declarações grandiloquentes: «O Governo português não esquece os seus filhos, especialmente quando atravessam uma fase difícil da sua vida» (referência à sua visita aos oito portugueses detidos na penitenciária de Barcelona) ou «cada português que abandona o nosso país significa um empobrecimentm para Portugal».

Mas não ficaram por aqui os «lapsus» de José Vitorino. Na sequência da conferência de Imprensa ver-se-ia, pouco depois, novamente obrigado a confessar a sua ignorância de outro facto importante e que anteontem saiu publicado em todos os jornais espanhóis: o Governo belga proibiu as remessas, em dinheiro, dos emigrantes portugueses para o seu país de origem.

E a sequência de «gaffes» continuou: Vitorino também não sabia com exactidão o número de jovens portuguesas que seguiu ultimamente para Espanha, contratadas em condições pouco claras para serviço doméstico. O secretário de Estado limitou o seu número a «algumas centenas» quando, na realidade, e segundo dados divulgados por alguns jornais, ultrapassam os três mil só em Madrid. Como compensação, anunciou que a Polícia Judiciária irá investigar a actuação em Portugal das delegações de agências de contratação de empregadas para serviços domésticos.

De uma maneira geral, pese embora o prolixo relato dos seus passos em Espanha, a sensação que a visita de José Vitorino deixou nos meios portugueses não oficiais, é a de que o secretário de Estado falou excessivamente sobre questões de detalhe sem se preocupar em abordar temas de fundo e os grandes problemas dos emigrantes portugueses, que continuam por resolver.

NATO

Deputados ouvem militares sobre adesão espanhola

As implicações da entrada da Espanha na NATO vão ser proximamente discutidas entre a Comissão de Defesa Nacional da Assembleia da República e os chefes de Estado-Maior dos três ramos das Forças Armadas.

Da reunião entre os parlamentares e as altas patentes das FA sairá um relatório a apresentar à Assembleia da República. Nele se focarão os problemas que poderá levantar a Portugal a entrada da Espanha na organização militar da Aliança Atlântica.

O ingresso do país vizinho na NATO tem constituído tema de aceso debate, na medida em que pode implicar subalternização da posição e dos interesses portugueses.

O próprio vice-primeiro ministro e ministro da Defesa Nacional, Freitas do Amaral, deixou entender recentemente que Portugal não aceitará incondicionalmente a entrada da Espanha na Organização do Tratado do Atlântico Norte. Essencialmente porque esse ingresso poderia conduzir à criação de um comando militar unificado na Península Ibérica.

Por outro lado ainda, a entrada da Espanha para a organização militar da NATO poderá implicar que, no plano de reequipamento e modernização das FA, Portugal passe para posição subalterna.

PS toma posição

Entretanto, o jornal «Acção Socialista», órgão oficial do PS, publicou ontem pormenores das posições defendidas pelos deputados daquele partido no seio da Comissão Parlamentar de Defesa acerca da adesão espanhola à NATO.

Para o PS o «sim» à adesão só deveria ser dado após a obtenção de garantias por parte da organização quanto à salvaguarda das responsabilidades portuguesas nas missões e estruturas regionais da Defesa aliada.

De acordo com as posições defendidas pelo PS, a adesão espanhola «virá introduzir significativas alterações no equilíbrio estratégico da área ibero-atlântica e mediterrânica», devendo ser tidos em linha de conta «os fundamentos históricos e geopolíticos da independência nacional».

O PS considera, por outro lado, que a prossecução de «uma conduta casuística, sem base em qualquer conceito estratégico de defesa ou em qualquer visão sistemática das relações internacionais, pode vir a ter pesadas consequências para Portugal e para as suas prerrogativas de soberania».

O PS considera ainda que o que está em causa não é apenas a recusa de um comando ibérico unificado e a integração dos dois países em comandos diferentes mas, sobretudo, o risco de uma eventual subalternização da posição e dos interesses portugueses.

«É indispensável garantir – acrescenta o PS – que não se verificará qualquer desequilíbrio substancial entre os países desta área.»

A concluir os socialistas defendem que Portugal deve ser o último país a ratificar a adesão espanhola e não um dos primeiros, como pretende o Governo.

Independência dos magistrados em questão

Mário Raposo critica revisão constitucional

O antigo ministro da Justiça, Mário Raposo, condenou a possibilidade de o Conselho Superior da Magistratura ser constituído por uma maioria de não-magistrados.

Aquele jurista considerou, num colóquio realizado na Ordem dos Advogados, que se for aprovado o projecto da FRS, à volta do qual parece haver algum consenso, «será ainda mais limitado o autogoverno da magistratura».

O poder judicial, disse Raposo, «é um órgão de Estado por natureza não eleito pelo sufrágio popular e a sua democraticidade resultará da sua independência e não da presença necessária de representantes dos órgãos de soberania legitimados pelo voto popular».

Entretanto, inicia-se hoje em Lisboa uma reunião de três dias para discutir «modelos constitucionais».

A reunião é promovida pela autodesignada Associação Cívica para a Revisão Constitucional, constituída por iniciativa de Nuno Rocha e tem o apoio do CDS, através do Instituto Democracia e Liberdade – Adelino Amaro da Costa.

VINTE ANOS DE NASHUA EM PORTUGAL
... E OS CLIENTES
É QUE GANHAM A PRENDA

20 ANOS

NASHUA fotocopiadores
UMA PRENDA À SUA ESPERA

Há vinte anos que Beltrão Coelho introduz em Portugal o prestígio e a qualidade do equipamento Nashua.
20 anos durante os quais Nashua confirmou, entre os clientes portugueses, as vantagens da sua tecnologia.
Agora, quem comprar fotocopiadores Nashua tem mais um motivo de satisfação.

REPRESENTANTE EXCLUSIVO
BELTRÃO COELHO, LDA.
LISBOA 562451/5 · SETÚBAL 29634/21327 · AVEIRO 27148/9
PORTO 29282/6 · BRAGA 75314/5 · COIMBRA 31494

MGP

Palavra puxa chapada numa autarquia algarvia

O presidente da Câmara Municipal de Vila do Bispo, Faro, agrediu com uma bofetada na cara o presidente da Assembleia Municipal daquele concelho na última reunião deste órgão autárquico – revelou ontem a APU num comunicado.

A APU refere que o acontecimento teve lugar na sessão do dia 20, no início dos trabalhos da Assembleia Municipal, no período de antes da ordem do dia.

Segundo o documento, Francisco Boaventura, o presidente da edilidade, teria usado da palavra nessa altura sem prévia autorização do presidente da Assembleia Municipal, Vidal Marreiros.

Este teria então chamado à atenção o presidente do executivo camarário, fazendo-lhe saber «que não podia intervir no período de antes da ordem dos trabalhos em virtude de ser uma ilegalidade» – acrescenta o comunicado.

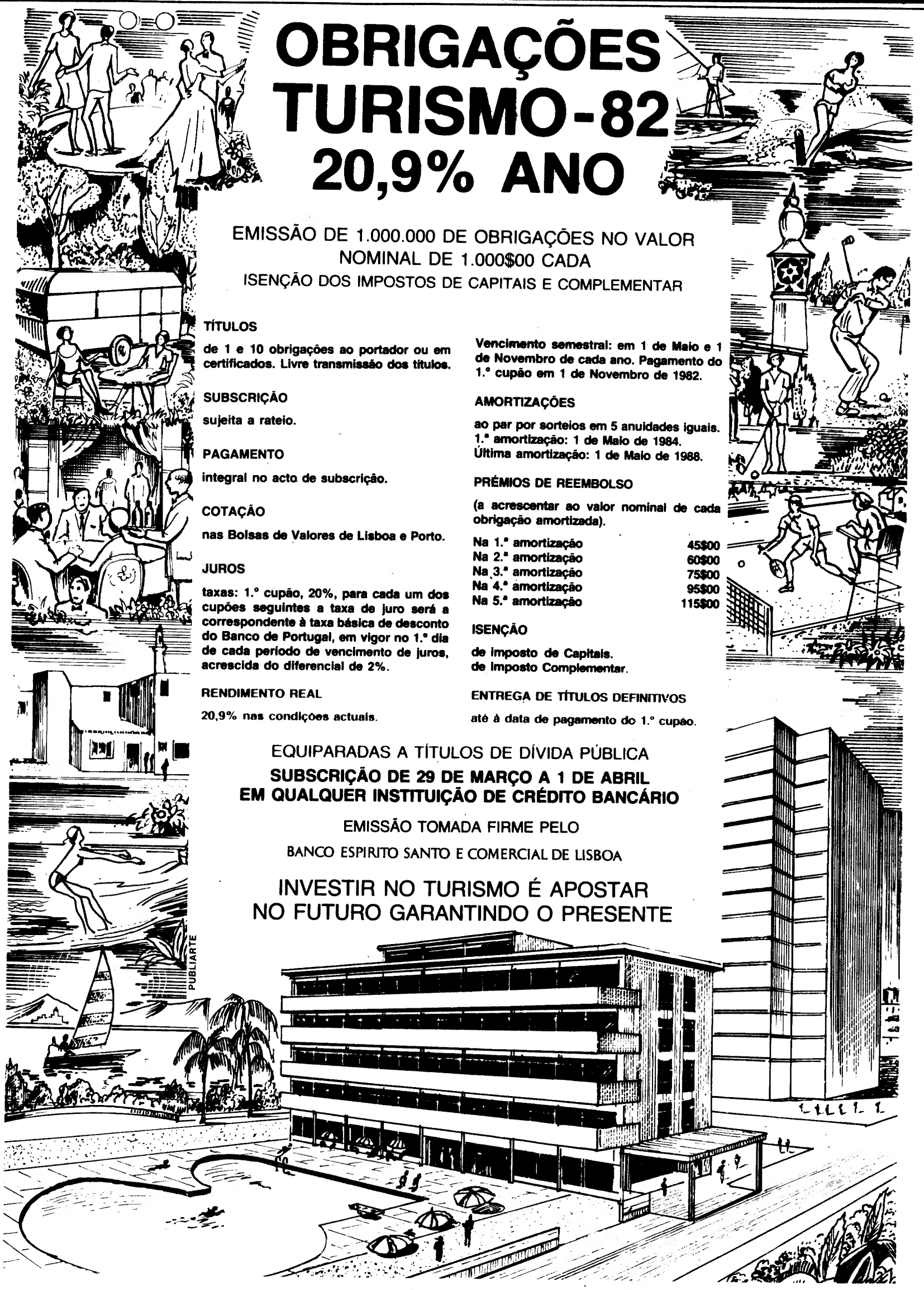
Após estas palavras, «o presidente da Câmara foi direito a Vidal Marreiros, dizendo-lhe para sair da mesa, que nunca mais ali se sentava, acabando por o agredir com uma bofetada na cara» – afirma o comunicado.

Por seu turno, Francisco Boaventura afirmou à ANOP que o incidente deu-se após ter pedido o uso da palavra ao presidente da Assembleia Municipal e de este lha ter recusado.

Boaventura sublinhou pretender apenas usar da palavra para ser informado da matéria que iria ser abordada na Assembleia já que na convocatória que lhe foi endereçada tal não era especificado.

«Foi perante a recusa do uso da palavra e de algumas palavras insultuosas que me foram dirigidas que cheguei junto do presidente da Assembleia Municipal, tocando-lhe com os dedos na cara e não dando-lhe uma bofetada» – concluiu o autarca.

O presidente da Câmara Municipal de Vila do Bispo foi eleito pelo Partido Socialista, sendo o presidente da Assembleia Municipal independente, eleito por uma lista de cidadãos eleitores da freguesia Barão de S. Miguel, deste concelho.



Recenseamento eleitoral

Atrasos de quatro Câmaras pode prejudicar eleições

O atraso na comunicação de quatro actualizações do recenseamento eleitoral de 1981, poderá vir a afectar a determinação do número de mandatos a atribuir nas próximas eleições.

Esta afirmação, produzida ontem pelo director do Secretariado Técnico dos Assuntos para o Processo Eleitoral (Stape), Duarte Vasconcelos, baseia-se no não cumprimento dos prazos para aquela comunicação por parte de quatro câmaras municipais.

Com efeito, e de acordo com as afirmações de Duarte Vasconcelos, as câmaras de Albufeira, Sousel, Santo Tirso e Viana do Castelo ainda não enviaram ao Stape os resultados da actualização do recenseamento de 1981. Em função disso, na actualização agora publicada os valores referentes àquelas câmaras foram considerados idênticos aos do ano anterior.

Entretanto, nas verificações efectuadas no Stape, foram detectadas freguesias cujos resultados suscitam dúvidas, porque se apresentam manifestamente errados, aguardando-se esclarecimentos das câmaras municipais a que dizem respeito.

O Stape viu-se obrigado igualmente a proceder a rectificações em 63 freguesias devido a diversos lapsos nas suas comunicações, nomeadamente por não terem sido contempladas as inscrições eliminadas.

Regionalização

Hoje tudo é dimensionado a partir de Lisboa

O presidente da Câmara Municipal de Viana do Castelo afirmou que «regionalizar significa desconcentrar» e «consequentemente, uma maior eficiência da administração pública».

Lucínio Araújo acrescentou que «hoje tudo é dimensionado a partir de Lisboa e os autarcas, embora se fale muito no poder local, estão vinculados a pareceres dados por organismos instalados em Lisboa».

«A administração pública deixa muito a desejar pois são desbaratados imensos recursos financeiros com serviços que nada fazem, mesmo a nível distrital», disse.

A este propósito, Lucínio Araújo frisou que «há serviços que foram esvaziados e continuam com o seu corpo de funcionários sem nada ter para fazer».

O presidente da Câmara Municipal de Viana do Castelo referiu ainda que «ao regionalizar tem que se ter em conta zonas do País com muitas afinidades, com uma certa assimetria económica comum, não podendo coexistir zonas muito pobres e muito ricas».

«As regiões mais desenvolvidas têm tendência a subjugar as menos desenvolvidas» – acrescentou.

Lucínio Araújo defendeu a existência de um fundo de equilíbrio financeiro de intervenção «para canalizar fundos para as regiões menos desenvolvidas», tendo em vista «a harmonização do todo nacional de forma a que as zonas mais pobres possam vir a aproximar-se das mais ricas».

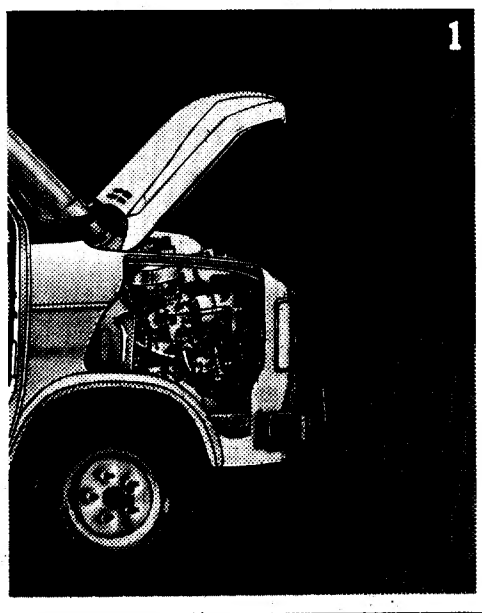
Acerca da forma de gestão regional o autarca disse que «as regiões devem ter órgãos próprios, eleitos pela população da região, em que os municípios estejam à partida representados, e que possuam meios financeiros autónomos, não dependendo da administração central».

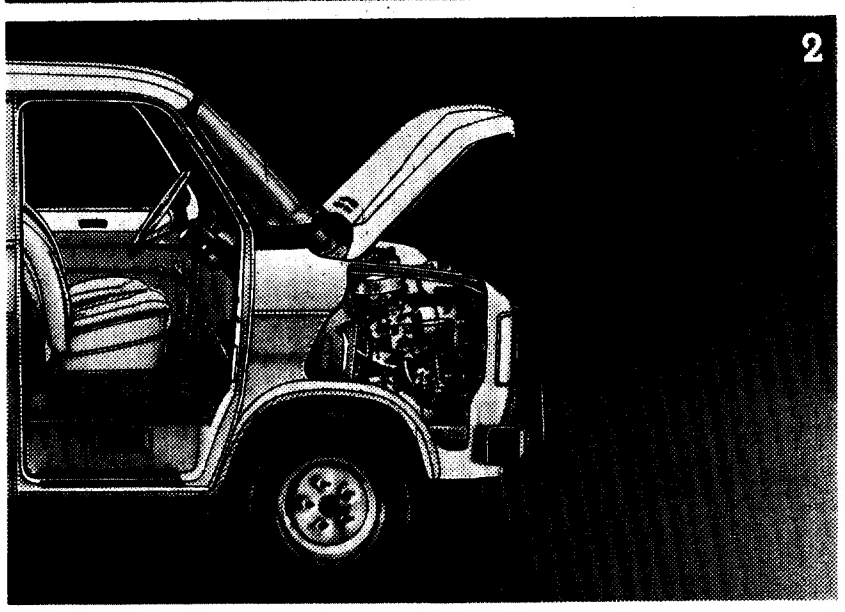
«Isto não significa que do todo nacional se façam pequenos Estados», frisou o edil.

Adiantando a sua opinião sobre a futura região Norte, Lucínio Araújo defendeu que ela «não deve ultrapassar para Sul o rio Douro, excepto nas zonas ribeirinhas, naturalmente idênticas nas duas margens».

Lucínio Araújo, mostrou-se convicto de que a regionalização «ainda vai demorar alguns anos» e observou que, «a exemplo da vizinha Espanha», se deveria «regionalizar primeiro determinada zona e depois estende-la ao todo nacional».

FORD TRANSIT
O COMERCIAL QUE MAIS CIRCULA EM PORTUGAL





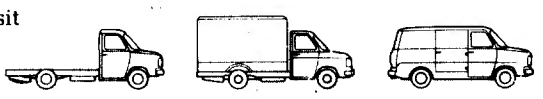
FORD TRANSIT é o comercial que mais se vê em Portugal. De Norte a Sul. Em todas as actividades.
E não admira. Há muitas e boas razões para preferir a Transit. Eis apenas três — três razões de sobra que justificam uma só preferência:

1. MOTOR COMPROVADO E ACESSÍVEL PARA BAIXOS CUSTOS DE MANUTENÇÃO V. precisa de um motor comprovadamente forte — o magnífico Ford Diesel 2.4 litros!
Sob o amplo capot, todos os componentes são de fácil acesso para tornar mais simples e rápido o serviço de manutenção. E, além da garantia normal de 12 meses ou 20.000 km, a Transit pode beneficiar da super-protecção da Garantia-Extra Ford!

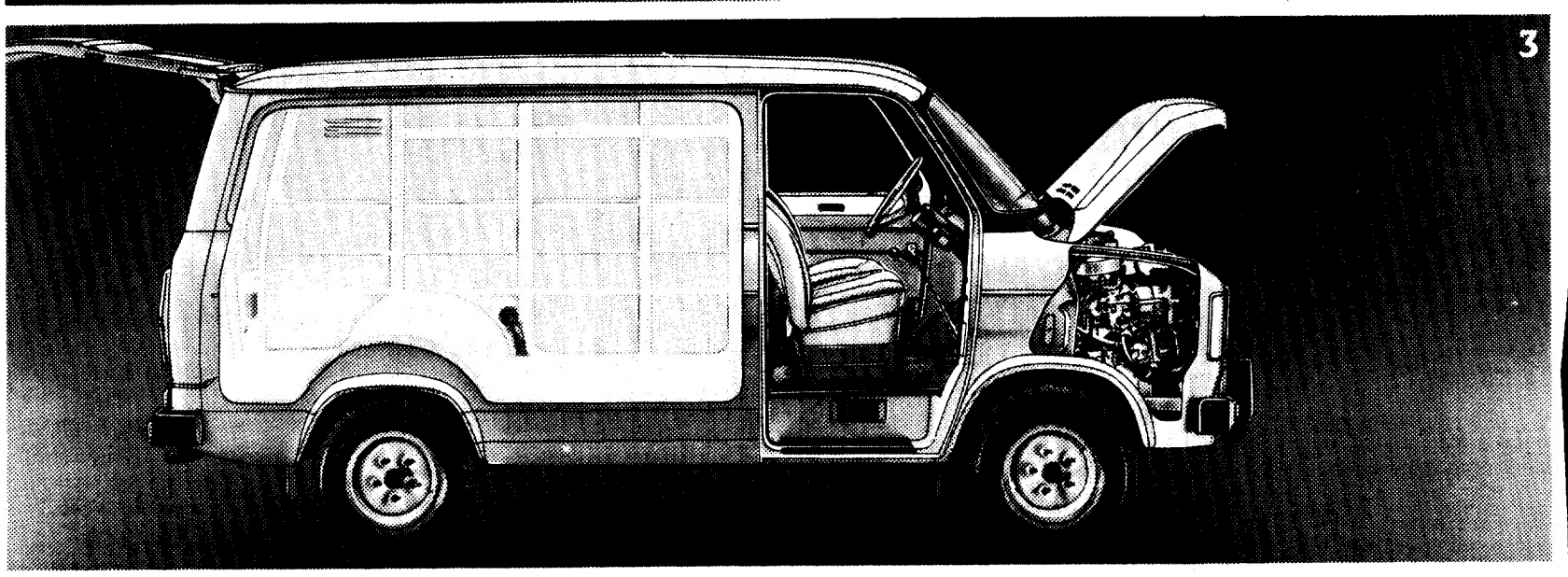
2. AMBIENTE DE CONDUÇÃO DE 1ª CLASSE A condução da Transit é simples e muito agradável. A sua ampla largura da via facilita a condução, melhora a aderência à estrada e aumenta a estabilidade. O ambiente de condução é, sem dúvida, o melhor da sua classe. Os acessos e o espaço interior da cabina são de primeira categoria. E o motor não se interpõe entre os passageiros e o seu conforto.

3. COMPARTIMENTO DE CARGA SUPER-ESPAÇOSO O compartimento de carga da Transit aproxima-se da perfeição. A sua superfície baixa e plana, o seu óptimo acesso e a sua largura não têm rival. Assim, e graças à versatilidade da gama Transit, as cargas mais difíceis são transportadas com toda a facilidade!

Contacte já o seu Concessionário Ford.
E junte o êxito da Transit ao seu próprio sucesso!



EFICIÊNCIA PARA DURAR FORD TRANSIT Ford



Derivado de cianeto na origem do síndroma tóxico

A presença de uma substância altamente tóxica derivada do cianeto em certos óleos estaria na origem do sindroma tóxico atribuído à ingestão de óleos adulterados, afirma o diário madrileno «Diario 16».

Segundo o diário, o Centro Nacional de Alimentação e de Nutrição (CNAN) conseguiu isolar essa substância, o «Fenilsocianato», cuja formação se deveria ao tratamento de que certos óleos são alvo, com o objectivo de tirar o sabor e o cheiro que a anilina lhes confere.

A anilina, produtos acrescentado a certos óleos para os desnaturar é considerada por numerosos investigadores como responsável quase certo do síndroma tóxico. Esta última tese, nota o «Diário 16», é totalmente contraditória com a descoberta do CNAN.

As informações do CNAN explicariam assim que o «óleo maldito» não tenha atingido a região de Barcelona e de Valência (leste do país), enquanto assolou a região de Castela. O óleo desnaturado através das anilinas não teria sido refinado da mesma maneira nas duas regiões.

Vestígios desta substância derivada do cianeto teriam sido postos em evidência nas vísceras de várias pessoas vítimas da doença, julga saber o jornal.

O facto de membros de uma família consumidora da mesma marca de óleo serem atingidos pelo síndroma de maneira diferente, explicar-se-ia assim pelas diferenças de capacidade de defesa imunológica, que varia de pessoa para pessoa.

Um outro organismo que efectua pesquisas sobre o síndroma tóxico, o «Conselho Superior das Pesquisas Científicas» (CSIC), chegou recentemente à conclusão que a doença era devida à conjunção de três causas: a degradação de óleos que se tornam rançosos, a «auto-agressão» de certos anticorpos, que atacariam o organismo depois de terem destruído as anilinas, e – único elemento comum com as conclusões do CNAN – a fraca capacidade de defesa de certos organismos.

O síndroma tóxico causou a morte a 165 pessoas desde o seu aparecimento na região de Madrid (Castela), no dia 1 de Maio de 1981, e cerca de 350 pessoas atingidas por esta doença estão actualmente hospitalizadas em todo o país. Só na capital espanhola, estão hospitalizadas cerca de 300 das pessoas afectadas pela doença.

de ontem para hoje

Pistola, tiro, 12 anos de prisão

ESTA é a história do industrial que resolveu comprar uma pistola ao comerciante. Mas não pagou os 13 contos acordados. Quando o vendedor insistiu na necessidade de pagamento, recebeu um tiro com a arma da transacção.

A bala entrou pelo pescoço, não matou mas parou metade do corpo do vendedor. O tribunal achou, agora, que houve intenção de matar e o comprador, industrial e autor do disparo foi condenado: 12 anos de prisão, 300 contos de indemnização à vítima. Desconhece-se o destino da pistola.

Mais tabaco apreendido em Faro

Desta vez foi num dos cais do porto de Faro. A PSP, a GF e a Marinha de Guerra colaboraram para apreender sete mil contos de tabaco americano. Conseguiram apanhar três homens que acusam de estar envolvidos no negócio e calcularam que 12 outros se escaparam.

A operação de contrabando envolvia um barco, o «Elisabete» que deveria descarregar para dois camiões estacionados no porto. O contrabando que segue, por favor?

Uma bofetada autárquica

O presidente da Câmara de Vila do Bispo terá procurado resolver um diferendo na Assembleia Municipal com uma bofetada no presidente respectivo. Contudo, o responsável do Município alega que apenas lhe passou os dedos pela cara.

A agressão foi denunciada pela APU de Vila do Bispo, que relata os acontecimentos registados no dia 20, em sessão da AM. O presidente da Câmara terá procurado intervir no período antes da ordem do dia, no que foi impedido pelo presidente da sessão.

O presidente do Município terá reagido com palavras ameaçadoras, acabando no «contacto» físico. Bofetada ou não? A democracia lamenta-se.

MRPP despejado da sede

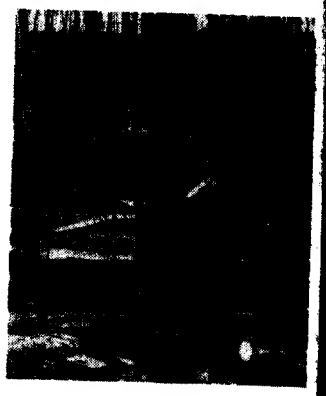
O diferendo entre a Câmara de Lisboa e o MRPP, que agora estava em recurso no Supremo, teve ontem um (in)esperado desfecho. A Polícia Municipal apoiada na sua congénere PSP, foi à Avenida Álvares Cabral e despejou o partido político.

O MRPP diz que os polícias eram acompanhados de «um séquito de bufos à civil» mas que «houve indignação do povo» que testemunhou a acção. E ataca a AD que «na prática» estará a «proceder à ilegalização do PCTP».

Fogos postos, «Boa Viagem»?

As chamas chegaram a alarmar os habitantes da encosta Sul da serra da Boa Viagem, na manhã de quarta-feira. Três casas de habitação estiveram em perigo.

A eclosão de incêndios nesta altura do ano já se tornou habitual o que faz aumentar as suspeitas quanto à origem criminosa. Os bombeiros da Figueira da Foz vão fazendo o que podem. Desta vez foram poucos para evitar o alastramento até às grandes proporções.



Mértola: adeus ao presidente

Milhares de pessoas prestaram ontem a última homenagem ao presidente da Câmara Municipal de Mértola, Serrão Martins, falecido num acidente de viação, na terça-feira, próximo de Alcácer do Sal.

O funeral realizou-se para o cemitério do concelho, tendo estado presentes, entre outros, o governador civil do Distrito de Beja, Parreira Cortês, deputados pelo distrito e presidentes das câmaras do Baixo Alentejo e Algarve.

Os estabelecimentos comerciais da vila encerraram as suas portas, ao mesmo tempo que os edifícios e repartições públicas colocaram a meia haste as bandeiras nacional e do concelho.

Cinco centrais de camionetas

A construção de cinco centrais de camionagem deverá iniciar-se até ao final do corrente ano – disse à ANOP fonte do Ministério da Habitação, Obras Públicas e Transportes.

A decisão foi tomada em reunião do scretário de Estado dos Transportes Interiores, Abílio Rodrigues, com os presidentes das Câmaras Municipais de Vila Real, Guimarães, São João da Madeira, Tomar e Torres Novas, localidades onde as centrais vão ser implantadas.

Na reunião foi discutida também, a comparticipação do Estado nas obras e a metodologia a seguir.

TIR (dez mil contos) desaparece

O motorista de um camião TIR estava a fazer horas para levar a mercadoria à Alfândega do Porto. Por isso, estacionou a viatura, com atrelado, numa rua de Massarelos, arredores daquela cidade.

Só que, quando voltou ao local do estacionamento, já não havia rasto do TIR e sua mercadoria, a mais variada, no valor de dez mil contos. Agora é com a Judiciária.

Holandeses "embaraçados"

Portugal prefere as fragatas da RFA?

Portugal comunicou ao Governo holandês que pode desistir da compra de três fragatas anti-submarinas à Holanda e optar pela República Federal da Alemanha – anunciou hoje a agência norte-americana Associated Press (AP) citando funcionários governamentais de Haia.

Os funcionários disseram à AP terem ficado «embaraçados e alarmados» pela aparente mudança de decisão das autoridades portuguesas.

As fragatas, avaliadas em cerca de 28 mil milhões de escudos (400 milhões de dólares), destinam-se a proteger o flanco Sul da Organização do Tratado do Atlântico Norte.

O comandante Jorge Meira, do Ministério português da Defesa, disse em Lisboa à AP que «a compra destas fragatas estava ainda a ser estudada não havendo qualquer decisão».

Os estaleiros de Schelde-Verolme estão a construir seis fragatas da classe Kortenaer, enquanto seis outras já se encontram ao serviço da armada holandesa.

Uma fonte do ministro holandês dos Negócios Estrangeiros disse à AP que uma firma alemã, a Bremen Vulkan, procurava obter o contrato para as suas fragatas F122, mas fontes da empresa e do Governo da RFA recusaram-se a comentar o assunto.

Para a indústria holandesa, a transacção significaria um incentivo, atendendo às dificuldades que se lhe têm deparado com os concorrentes europeus.

A primeira fragata deste projecto da OTAN – aprovado há dois anos – foi construída pela Schelde-Verolme e outras duas em Portugal.

As fragatas Kortenaer, de 3600 toneladas, têm uma velocidade máxima de 30 nós e dispõem de mísseis.

Atuneiro japonês oferecido à Madeira

As autoridades japonesas ofereceram à Região Autónoma da Madeira um barco de pesca que utiliza uma técnica nova na captura do atum.

O barco, que se encontra já acostado ao cais da Docapesca, em Pedrouços, arredores de Lisboa, utiliza a técnica de «long line» para a captura do atum, uma tecnologia desconhecida em Portugal.

Com o barco, que parte para a Madeira na próxima semana, chegaram dois especialistas japoneses que durante um mês treinarão o pessoal necessário.

A embarcação dispõe de um sistema de lançamento e recolha automatizada do aparelho de «long line» e destina-se essencialmente à pesca experimental e ao treinamento de pessoal.

Viagem-teste arrancou ontem

Minicruzeiros algarvios a 25 contos por cabeça

Com partida de Portimão iniciou-se ontem um cruzeiro turístico que escala Sevilha, Málaga, Gibraltar e Tânger. O presente cruzeiro, organizado por duas agências turísticas, destina-se apenas a testar a tripulação e o navio, com vista à realização de um programa de viagens, que se pensa iniciar no dia 5 de Abril próximo. Um navio com capacidade para 169 passageiros será o barco que dará «abrigo» por uma semana aos interessados nos cruzeiros. Os preços oscilarão entre os 23 e os 25 mil escudos.

Quem quiser aproveitar esta estadia no mar terá de se apressar pois 75% dos lugares estão já preenchidos por turistas holandeses e ingleses.

A iniciativa dos cruzeiros, até agora inédita no turismo algarvio, será possível devido ao facto de o porto de Portimão já oferecer condições para a atracagem de navios até 2.500 toneladas. O primeiro barco de passageiros que utilizou o novo porto de Portimão foi o cruzeiro que ontem se iniciou.

As obras do porto de Portimão, iniciadas há alguns anos, deviam estar já concluídas. A falta de verbas fez com que estejam atrasadas cerca de um ano. A dragagem do canal de acesso ao porto, orçada em 400 milhões de escudos, é uma das principais obras ainda não iniciadas. Tal facto leva a que navios com mais de 2.500 toneladas não possam atracar em Portimão. A dragagem podia ser feita em seis meses estando o Governo da República Federal da Alemanha pronto a financiar metade do investimento. Só que o Governo português afirma nãm ter disponibilidades para financiar o restante.

Hospitais de Abrantes e Santarém talvez em Junho

O secretário de Estado das Obras Públicas, Eugénio Nobre, visitou as obras de construção do novo Hospital de Abrantes, que deverá estar concluído em Junho.

As obras, da ordem dos 1125 milhões de escudos, foram iniciadas em 1978.

O novo hospital, com 12 pisos, terá uma lotação de 359 camas e será dotado com serviços de internamento, diagnóstico e terapêutica, nomeadamente.

Antes de observar também os trabalhos do Hospital de Santarém, que estará igualmente cincluído em Junho, o secretário de Estado visitou a Estação Zootécnica da Fonte Boa.

O novo Hospital de Santarém, com um custo aproximado de 1400 milhões de escudos, é um conjunto de 14 pisos que terá capacidade para 484 camas.

S. R.

Serviços Municipalizados
de
Câmara Municipal do Barreiro

MOTORISTAS PARA TRANSPORTES COLECTIVOS

Estão abertas inscrições para admissão de motoristas para os Transportes Colectivos do Barreiro.

EXIGE-SE:
— Idade não superior a 35 anos;
— Carta profissional com averbamento de Serviços Públicos;
— Capacidade física e psíquica para adaptação à função.

OFERECE-SE:
— Vencimento equivalente à letra «O» da função pública — 16 400$00;
— Subsídio de almoço de 1200$00 e demais regalias em uso na função pública.

PREFERE-SE:
— Com conhecimentos de electricidade e mecânica.

As inscrições devem ser feitas no Departamento de Pessoal destes Serviços Municipalizados e manter-se-ão abertas pelo prazo de 20 dias a partir da data da publicação deste anúncio.

Serviços Municipalizados da Câmara Municipal do Barreiro, aos 24 de Março de 1982.

O PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO,
(Alfredo Rodrigues de Matos)

S. R.

Serviços Municipalizados
de
Câmara Municipal do Barreiro

ADMISSÃO DE UM CONTABILISTA

OFERECE-SE:

Entrada imediata c/ contrato a prazo;
Possibilidades de carreira e integração no Quadro, mediante concurso;
Vencimento compatível com as funções;
Subsídio mensal de almoço de 1200$00;
Demais regalias em uso na Função Pública;

FUNÇÃO:

Ficará a exercer a sua actividade nos Serviços de Tesouraria.

EXIGE-SE:

Curso dos I.S.C.A.S.

As respostas deverão ser entregues durante os próximos 15 dias, no Departamento de Pessoal dos Serviços Municipalizados da Câmara Municipal do Barreiro.

Serviços Municipalizados da Câmara Municipal do Barreiro, aos 17 de Março de 1982.

O Presidente do Conselho de Administração,
ALFREDO RODRIGUES DE MATOS

Oncologia aceita proposta do Governo

Doentes dos SMS continuarão a ser assistidos no Instituto

Os beneficiários dos Serviços Médico-Sociais continuarão a beneficiar de assistência nos três centros do Instituto Português de Oncologia (IPOFG) depois de 5 de Abril. Está assim definitivamente afastado o espectro de lhes serem «cortadas» as consultas e tratamento do IPOFG depois daquela data, como chegou a ser admitido há três semanas por via das dívidas dos SMS ao Instituto Português de Oncologia de Lisboa.

É o próprio IPOFG que o garante num comunicado agora tornado público, no qual dá conta desta decisão tomada pela comissão coordenadora deste estabelecimento hospitalar de Lisboa, após reunião mantida anteontem com o secretário de Estado do Ensino Superior, de que o IPOFG depende. O problema não se põe em relação aos centros de Coimbra e Porto, cuja situação, embora precária, é mais desafogada.

No encontro, embora não tenha havido um acordo total, os responsáveis do Instituto que haviam decidido não aceitar as credenciais a partir de 5 de Abril concordaram em levantar esta deliberação após terem recebido promessas de «um eventual reforço de verba» para 1982, a garantir pelo Orçamento Geral do Estado. O secretário de Estado informou também a Comissão Coordenadora de que o Ministério dos Assuntos Sociais manterá em 1982 o regime de comparticipação financeira pelos serviços prestados nos Centros do Instituto aos beneficiários dos Serviços Médico-Sociais – acrescenta o comunicado.

Segundo o comunicado, o MAS propôs que em 1983 a assistência aos beneficiários dos SMS seja assegurada pelo orçamento do Ministério da Educação e Universidades, um ponto de que a comissão coordenadora afirma discordar. «Esta solução não é a que consideramos justa» – afirma (declaração pessoal) o presidente da Comissão Coordenadora do IPOFG, José Conde.

Apesar da transferência do IPO para a Secretaria de Estado da Saúde estar programada há mais de seis anos (pelo I Governo Constitucional), o Instituto continua na dependência do Ministério da Educação. Caso passe a curto prazo para a SES, muitos dos seus problemas financeiros serão ultrapassados, pois aquela Secretaria de Estado tem como lema não deixar atingir tais situações de rotura.

Mercado do Povo:

A corda na garganta

A vida do Mercado do Povo anda agora com prazos cada vez mais curtos. O despejo pela segunda vez marcada para ontem, acabou por não ser consumado. Foi dado um novo prazo, desta vez até domingo, 28 de Março.

O restaurante do Mercado do Povo, porém, ainda tem ementa: açorda de marisco, cherne grelhado, corvina «au meunier», alcatra açoriana, «shashlik» à Kiev, espetadas mistas, perna de porco com salada russa.

Os artesãos, os lojistas ali instalados, esses ainda mexem numa esperança última de que lhes façam a vontade, dos gabinetes do Governo. Querem que os deixem só até ao fim do Verão, tempo suficiente para negociarem com os turistas as encomendas já feitas, os compromissos entretanto assumidos.

A ameaça que impende sobre as instalações à beira do Tejo, a Belém, é justificada com a necessidade daquele espaço para instalações da XVII Exposição de Arte e Cultura, do Conselho da Europa. O ultimato surgiu por intermédio da Administração-Geral do Porto de Lisboa, mas para os interessados é transparente que a «pressão» vem da Secretaria de Estado da Cultura.

A primeira ordem para que os comerciantes abandonassem o local chegou em Janeiro e dava um prazo de 60 dias. As pessoas que laboram no Mercado do Povo, reunidas sob a forma de uma Associação, começaram então as suas diligências para que ao menos lhes fosse concedido o Verão.

Até agora, a posição dos responsáveis, mormente da SEC, tem sido determinada, no sentido de libertar rapidamente os terrenos e mantendo uma soberana indiferença pelos dias que restam de 1982 para serem vividos pelos quase 300 interessados, juntamente com os seus familiares.

Uma recomendação levada pela APU à Assembleia Municipal no sentido de que a Câmara encontrasse um espaço em alternativa para os «mercadores» foi também rejeitada pela maioria AD daquele órgão autárquico.

Os feirantes movem-se agora na direcção de assegurarem uma futura integração na própria Exposição do Conselho da Europa, precedido de uma moratória até Setembro. Para tanto, tentam negociar com o secretariado da Exposição.

«A arquitectura da zona e a Exposição exigem que aquilo desapareça do local» – disse um porta-voz da AGPL, a propósito da notificação ontem entregue, com um pequeno aparato policial.

«Não podemos por mais tempo correr o risco de acontecer ao museu (de Arte Popular) o mesmo que aconteceu no ano passado à Galeria de Arte Moderna» – disse o director dos Serviços Centrais do Ministério da Cultura, em referência à proximidade entre as duas edificações.

O Ministério garante ainda que já há verbas libertadas para que as obras comecem naquele local o mais rapidamente possível, provavelmente já em Abril.

E agora, como vai ser?

"Roller-Magic" no terraço do Capitólio

Parque Mayer renova-se em rodinhas de patins

A reconversão do Parque Mayer vai ser feita sobre rodas, mais concretamente, as de patins e particularmente com os olhos na juventude que anda por aí sequiosa de locais para encher o tempo.

O primeiro passo para a recuperação social do parque será dado com a instalação, já em curso, de um «Roller-Magic» no terraço do Teatro Capitólio, nos últimos anos vocacionado aos «melhores filmes pornográficos».

A limpeza da área, porém, incluirá o regresso da velha sala ao convívio com os amantes do teatro, motivo porque se planeiam obras de recuperação e adaptação do seu interior. Então, a sala passará a ter o nome de Vasco Morgado.

A mobilização de capitais, que rondarão os 10 mil contos, está a cargo de cinco empresários, incluindo Vasco Morgado Jr., que é o actual concessionário do Capitólio. Outros nomes estão envolvidos Hermano Cardoso de Meneses, Manuel Correia, Miguel Polignac e Manuel Mocele. Em todos os casos, são pessoas ligadas à indústria do divertimento público.

Todos os planos que levam ao terraço do Capitólio passam, entretanto, pelas rodinhas dos patins, mesmo os que se prevêem para as ruas de Lisboa.

Lá, no alto, adapta-se uma área de 600 metros quadrados, dando-lhe som, luz e serviços de apoio que cativem os adeptos da modalidade para ali passarem o tempo que lhes aprouver. É o caso, do bar previsto, acessível também sobre rodinhas.

A entrada em funcionamento de tudo isto está prevista para mais ou menos dentro de dois meses. Em falta ficarão, então, as escadas rolantes, que se prevêem aprontadas até ao fim do ano.

Depois, é preparar os «cens» para a entrada, se for de segunda a quinta. As sextas levam 50 por cento de alcavalas, sábados e domingos 100 por cento.

TRABALHADORES DA FUNÇÃO PÚBLICA

FUNÇÃO PÚBLICA LUTA

MANIFESTAÇÃO

18,30 H. - M. POMBAL - S. BENTO

30 MARÇO

PELO DIREITO AO TRABALHO
CONTRA O DIPLOMA DE EXCEDENTES / DESPEDIMENTOS
POR SALÁRIOS DIGNOS
PELO DIREITO À NEGOCIAÇÃO

FRENTE COMUM DOS SINDICATOS DA FUNÇÃO PÚBLICA

VAMOS TODOS À MANIFESTAÇÃO

Quem paga as contas dos telefones sem fios que se "multiplicam" quase legalmente?

Ter um telefone sem fios é um alívio e um risco. Marcelo Rebelo de Sousa que o diga (e quantos não estarão nas mesmas condições do secretário de Estado da Presidência do Conselho de Ministros?) e o vizinho também. Um sujeito está no fim do mundo e a chamadinha vai-lhe parar às mãos (que é como quem diz aos ouvidos), quer ligar para o amigo (ou companheiro de acção governativa ou desgovernativa e não precisa de dar muitos passos, desarrumar o escritório, perturbar a empregada.

O risco é grande: às tantas, por acaso ou não, o vizinho também tem um telefone sem fios (que no mercado normal lhe custa cerca de vinte contos, e no contrabando menos de metade) na mesma frequência e centra o aparelho para o do vizinho. Tem assim direito (sem pagar chamada aos CTT) a ouvir segredos de Estado, negócios de todo o tipo, promessas e propostas e um nunca acabar de assuntos que por vezes as paredes não guardam – porque têm ouvidos.

A utilização de telefones sem fio entre nós é «semiproibida»: não está autorizada, legalizada. A compra, contudo, é perfeitamente legal, normal. Há pelo menos três casas em Lisboa que os vendem sem qualquer problema. É óbvio que, tratando-se de um aparelho «via rádio», portátil e individual, se os CTT fossem a fazer uso estrito e rígido do que a legislação estipula, já apreenderiam hoje, só na capital e periferia, mais de meio milhar de telefones sem fios (para referirmos os que foram vendidos aos balcões das casas comerciais com porta aberta) de fabrico japonês. Mas há para aí muitos de contrabando, em número que não será inferior àquele meio milhar.

Júlio Isidro foi bom propagandista dos telefones sem fios

Quem vê o «Dallas» ao domingo já deverá conhecer o telefone via rádio que é emissor e receptor, como todos os que os táxis de Lisboa têm. Aí está outro tipo de telefone sem fios que chegou a todos os cantos do País propagandeado por Júlio Isidro, nos primeiros tempos do «Passeio dos Alegres».

Tinha razões para isso: se a sua venda é permitida (e a sua procura cada vez maior) a sua utilização já não o é. Dirão que se trata de um desconcerto. É assim que a situação se põe, enquanto um grupo de trabalho dos CTT (Direcção de Telecomunicações) se debruça sobre o problema para nos colocar em igualdade com a maioria dos países europeus – onde o uso do telefone sem fios há muito está institucionalizado.

A intervenção dos CTT (Direcção de Telecomunicações de Portugal) no processo é fundamental: é a este departamento que cabe licenciar o uso e, mais que isso, determinar a sua frequência. Segundo nos foi afirmado o referido grupo deverá proceder a estudos que possam determinar uma uniformidade do feixe de frequência.

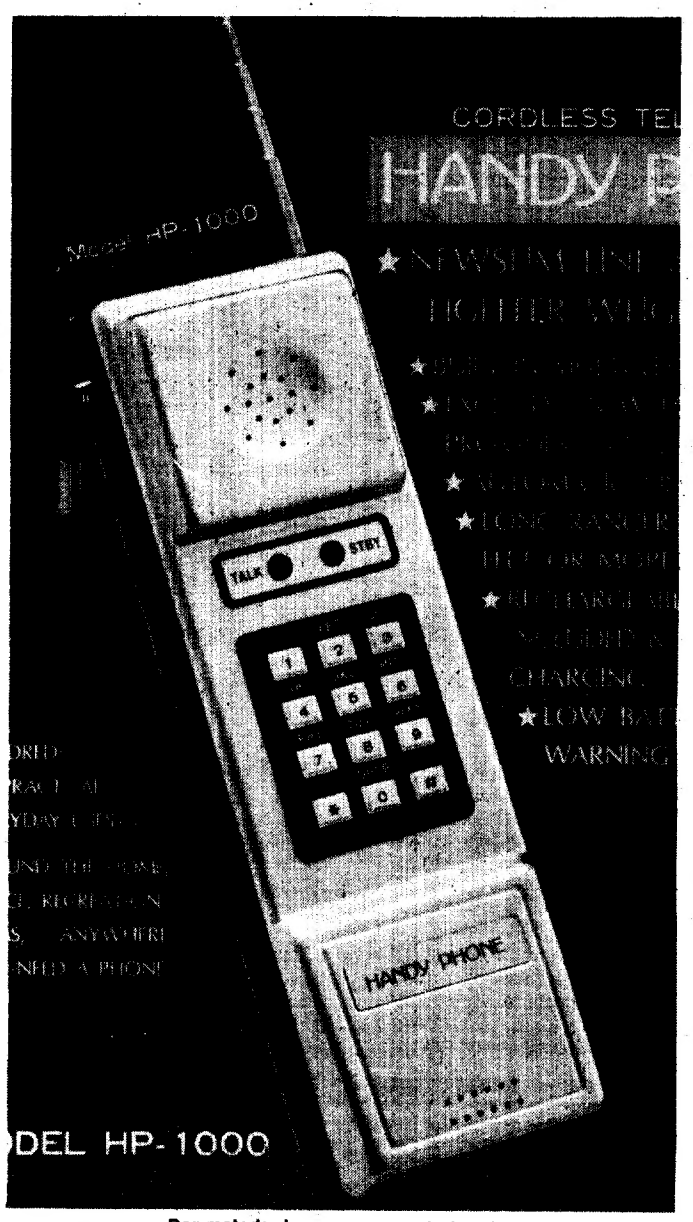
Quando isso suceder,os CTT garantirão aos seus utilizadores a mesma privacidade e inviolabilidade que garantem (com falhas «normais») na utilização do telefone fixo. Por enquanto, é essa a diferença básica: enquanto o sigilo está em princípio assegurado no uso do telefone fixo, já não o está no uso dos chamados «handyphone», telefones portáteis, sem fios. Justamente porque não há uma frequência uniforme e técnica convencional nem legislação apropriada.

Raio de acção pode ir até 300 metros

O raio de acção de um telefone sem fios depende muito das condições atmosféricas e orográficas. Em casos normais, o seu poder de captação estende-se a um raio de trezentos metros, nunca mais. Mas pode ser menos. Quem tiver um «handy phone», das duas uma: ou tem telefone e as chamadas são registadas pelo seu aparelho, ou sintoniza o aparelho e aproveita o número do vizinho dentro daquele raio. Portanto, caro assinante dos CTT: convém saber (caso não tenha um telefone sem fios) se não estará a pagar as chamadas do vizinho que o tem.

Quando os CTT regulamentarem a sua utilização, optarem por um feixe de frequências apropriado e uniforme, não haverá problemas. Mas enquanto isso não acontecer você estará no direito de pensar que não fez tantas chamadas como a que o seu número de facto regista, quando a conta lhe parecer exagerada. Terá carradas de razões se não vive isolado numa quinta, a uns bons 300 metros do aglomerado populacional.

O dispositivo do telefone sem fios é muito simples: há a linha dos CTT e a base electrónica, ligada à saída dos CTT. O aparelho está sintonizado com o telefone fixo e isso permite-lhe fazer e receber as chamadas que quiser. Para falar,o indivíduo acciona o sinal **talk** e para ouvir o **stby,** como no caso dos «walky-talkies». E vejam: mesmo neste caso, a Direcção dos Serviços Eléctricos das Telecomunicações de Portugal (CTT) pode actuar. Compete-lhe, por exemplo, apreender o aparelho a dois miúdos que comunicam entre si e levantar-lhes um auto, recorrendo às autoridades. Só que nunca o fizeram,. nem farão. Nesse aspecto tendemos também a evoluir, podendo os CTT vir a incluir a legalização do telefone sem fios depois dos projectos modernos que tem em curso, nas mãos do eng.º Sérgio Ribeiro Gomes: rede pública de dados, **bureaufax, telefax-/datafaz, videotex** e **teletex.**



Por metade do preço no contrabando

Vendedores dizem ao cliente que a utilização não é legal

As casas que contactámos na capital não têm nada a esconder sobre a venda pública de telefones sem fios. Um dos vendedores adiantou-nos que o cliente sabe sempre o que leva para casa e que a sua utilização não está legalizada, embora se preveja para muito breve a sua regulamentação. Depois disso, os CTT poderão passar à fase do chamado serviço móvel, isto é, a utilização do telefone via rádio em carros particulares, sempre num feixe de frequência uniforme e diferente, por exemplo, dos Bombeiros, Serviço Nacional de Ambulâncias, PSP e GNR.

Os telefones, também «via rádio», dos táxis têm utilização diferente, embora a sua concepção e funcionamento sejam idênticos. Neste caso, trata-se da utilização de um espaço pelo qual os interessados pagam determinado montante anual, para além do que desembolsaram com o seu licenciamento. Os rádio-táxis operam numa frequência uniforme, mas noutra banda que não é a RR ou RTP.

Mesmo nessa frequência convencionada houve muitos que em 25 de Abril apanharam mensagens e comunicações entre os militares.

Porquê a necessidade de licenciamento por parte da Direcção dos Serviços Eléctricos dos CTT? Um técnico das Telecomunicações de Portugal pôs-nos a questão nestes termos: se assim não fosse, teríamos uma autêntica poluição de aparelhómetros e ninguém a fazer-se ouvir. Isto é: torna-se necessário disciplinar a sua utilização. Os detentores de telefones sem fios passarão então a não poder interferir (conforme a sua banda) com os serviços públicos atrás referidos, nem a violar a confidencialidade de algumas mensagens e contactos. De outro modo, continuaria a haver também o risco de as chamadas serem registadas noutros telefones que não os desses aparelhómetros, com a passiva aquiescência dos CTT. E se estes ainda não homologaram a sua utilização é porque ainda ninguém o solicitou às Telecomunicações de Portugal.

Júlio Rodrigues

Ilha da Culatra: CTT "disciplinam" telefone sem fios

Os mil habitantes da ilha de Culatra, no Algarve, são os primeiros em Portugal a utilizarem telefone sem fios, através de um posto público aí montado pelos CTT.

Separados por um envolvente braço de mar, a nove quilómetros da vila de Olhão, os culatrenses estiveram por isso em festa na quarta-feira, por verem resolvido o seu principal problema de comunicações rápidas.

Perante a impossibilidade de montarem uma linha telefónica tradicional, dada a distância que separa a ilha de Olhão, os CTT optaram por esta solução no que constitui um primeiro passo para a instalação de outros postos públicos de telefone sem fios.

A sua instalação ficou por um milhão de escudos e a tecnologia utilizada poderá servir para outras iniciativas do mesmo tipo por parte dos CTT, em particular nas zonas serranas.

SERVIÇOS SOCIAIS DO ENSINO SUPERIOR

CANDITATURAS A BENEFÍCIOS SOCIAIS

Avisam-se os estudantes matriculados no Ensino Superior que o prazo de candidatura a benefícios sociais para o ano lectivo de 1982/1983 decorre de 15 de Abril a 31 de Maio.

Os impressos de candidatura podem desde já ser adquiridos nos respectivos Serviços Sociais.

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DE ÁGUA, ELECTRICIDADE E SANEAMENTO LOURES

Taxas de Conservação de Esgotos

LOCAIS DE PAGAMENTO

A partir de 1 de Abril do corrente ano, os contribuintes efectuarão o pagamento da taxa de Conservação de Esgotos nos seguintes locais, de acordo com a Repartição de Finanças onde o prédio está inscrito.

- **Posto de Odivelas — R. D. Dinis, n.º 74-A**
- **Posto de Moscavide — B.º Administrativo R. Ant.º Maria Pais, n.º 6 -1.º**
- **Tesouraria dos S. Municipalizados de Loures R. Ilha da Madeira (Sede)**

O Engenheiro Director-Delegado
Casimiro Martins Neves Cabaço

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS

CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES

AVISO AOS SENHORES CONSUMIDORES DE ÁGUA E ENERGIA ELÉCTRICA

Por imperiosa necessidade de trabalhos de remodelação nas redes eléctricas dos Serviços Municipalizados de Loures, avisam-se todos os consumidores de que o fornecimento de energia eléctrica será interrompido no próximo dia 28 (domingo) das 8 às 15 horas nas seguintes localidades:

— LINHA 10 KV — SACAVÉM — CAMARATE — UNHOS.
— LOURES.
— ODIVELAS (CODIVEL)
— LINHA 10 KV — LOURES/BUCELAS
— LINHA 10 KV — S. JOÃO DA TALHA — SANTA IRIA

Este corte afectará o abastecimento de água às povoações em causa.

Serviços Municipalizados da Câmara Municipal de Loures, 24 de Março de 1982

P'lo Engenheiro Director Delegado
José Eduardo Fernandes Lopes

O Papa poderá fazer no dia 13 em Fátima novas revelações sobre os "segredos"

Mesmo que João Paulo II não revele no próximo dia 13 de Maio o conteúdo do terceiro segredo de Fátima, não deixará no entanto de dar algumas precisões para pôr termo às especulações à volta deste assunto, consideram os mais qualificados estudiosos do problema, em Roma.

Logo na sua primeira aparição na Cova da Iria, perto de Fátima no dia 13 de Maio de 1917, a Virgem confiou mensagens secretas que diziam respeito à Igreja e ao mundo aos três pequenos pastores testemunhas do extraordinário acontecimento, que foi reconhecido pelas autoridaes eclesiásticas. Os dois primeiros segredos, transmitidos a Roma por Lúcia dos Santos, a única sobrevivente dos três pastores portugueses, foram revelados em 1941. A responsabilidade da «Rússia» nos tumultos do mundo era «denunciada» nesses segredos. A devoção à Virgem, e a colocação da «Rússia» sob a protecção de nossa senhora, era assinalada como o remédio para evitar catástrofes.

O terceiro segredo só podia ser revelado a partir de 1960 se o Papa o considerasse oportuno.

O cardeal Fernando Cento, Núncio Apostólico em Lisboa, e o cardeal Alfredo Ottaviani, Prefeito do Santo Ofício, entretanto falecidos, afirmaram há 15 anos que a parte já revelada da mensagem de Fátima era repetida na última parte e que devia portanto ser considerada suficiente para os fiéis.

João XXIII não deu «grande importância»

João XXIII não tinha atribuído grande importância, ao terceiro segredo de Fátima. O seu antigo secretário, o arcebispo Loris Capovilla, revelou à France Presse que depois de o ter lido, João XXIII esqueceu o envelope com o documento (escrito à mão, em português popular, pela irmã Lúcia) numa gaveta da sua secretária. Mons. Capovilla tinha anteriormente escrito no envolope, por indicação do Papa: «O Papa viu o documento. Ele não faz considerações sobre o seu conteúdo».

Esse documento ficou na gaveta – dita «Gaveta Barbarigo», do nome do santo que tinha sido proprietário da secretária – até ao dia em que Paulo VI pediu para o ver. Ninguém sabia onde o documento tinha sido colocado.

O mistério foi desvendado por Mons. Capovilla, que confirmou a Paulo VI que o seu antecessor não tinha feito comentários. «Nós também não os faremos», declarou então Paulo VI. Mas, segundo os peritos, designadamente o abade Ennio Innocenti, por ocasião da sua peregrinação a Fátima, em 1976, o Papa Paulo VI revelou, em substância, o terceiro segredo ao aludir a uma crise no interior da Igreja e à ameaça de um conflito mundial sem precedente.

Vários documentos publicados na Itália e na RFA, tal como uma «nota» diplomática (que teria sido enviada por João XXIII a governos ocidentais na altura da crise de Cuba), são citados pelos peritos para confirmar que o discurso de Paulo VI em Fátima aludia de facto ao segredo.

Outros especialistas do problema consideram que o terceiro segredo contém profecias relativas ao próprio chefe da Igreja. O facto de João Paulo II ter sido ferido no dia 13 de Maio, aniversário da primeira aparição da Virgem, em Fátima, e de Sua Santidade se deslocar no próximo dia 13 de Maio ao santuário, para agradecer a Nossa Senhora o ter salvo, é considerado muito significativo pelos peritos de Roma

Mons. Capovilla declarou que, em sua opinião, o terceiro segredo não aludia aos papas, limitando-se a reiterar, mais ou menos, as mesmas considerações contidas nas duas outras mensagens.

Pelo contrário, Joao Paulo II teria aludido a profecias mais inquietantes, durante um encontro em Fuda (RFA), em 1980, segundo a revista «Stimme Des Glaubens».

Vão morrer milhões?

O Sumo Pontífice teria designadamente afirmado que, para os cristãos, era suficiente saber que «se numa mensagem... se anuncia que milhões de homens vão morrer, não vale verdadeiramente a pena desejar a sua publicação».

Desde há cinquenta anos que o terceiro segredo de Fátima continua a ser objecto de numerosas especulações, que estão relacionadas, sobretudo, com a URSS e com o comunismo. Em Maio de 1981, um pirata do ar desviou mesmo um avião, exigindo a divulgação do segredo. No próximo dia 13 de Maio, João Paulo II poderá pôr termo a essas especulações, por ocasião da sua peregrinação ao santuário português, onde se avistará com Lúcia dos Santos, a pastora que se tornou religiosa.

Actualmente com 75 anos, ela é a única, para além do Papa, que poderá revelar esse segredo, já que foi escrito pelo seu próprio punho para o chefe da Igreja.

comunicação social

Infância em caixa alta

Jornalistas de 27 países (entre os quais Portugal) preocupados com os jovens

Cerca de meia centena de jornalistas da Europa, América Latina e Caraíbas emitiram uma declaração assumindo o compromisso de fazer da causa da infância um motivo de preocupação permanente – foi agora divulgado em Lisboa.

Cinquenta e dois jornalistas de 27 países da Europa, América Latina e Caraíbas e da comunidade de língua espanhola dos EUA (Portugal esteve representado por Helena Marques, do «Diário de Notícias») reuniram-se no último fim-de-semana na Universidade de La Rabida, Espanha, a convite da Associação UNICEF-Espanha para reflectir os problemas da criança no mundo.

Na declaração, agora divulgada, os jornalistas referem, nomeadamente, que a infância mundial «continua a viver numa situação insustentável sob todos os pontos de vista», ao mesmo tempo que continua a apresentar «tendências para uma crescente deterioração, o que exige uma intervenção urgente de todos os sectores das comunidades.»

Os jornalistas sublinham no documento que os meios de comunicação social não podem nem devem permanecer indiferentes aos desequilíbrios sociais existentes, que incidem negativamente no desenvolvimento das futuras gerações.»

Nesta ordem de ideias, os profissionais da Informação apelaram a todos os meios de comunicação que dêem a conhecer a dimensão real do problema.

O objectivo – afirma-se na declaração – é sensibilizar a opinião pública e os Governos, assim como os organismos de cooperação internacional e os países industrializados «para que, de modo urgente, reconheçam a prioridade que deve ser atribuída à formulação de políticas e estratégias de desenvolvimento social e concedam a máxima protecção aos recursos humanos» para que possa haver uma resposta efectiva «às inadiáveis necessidades da infância.»

Mário Soares segunda-feira na RTP/2

A partir da próxima segunda-feira, a RTP inicia a transmissão de uma série de programas subordinados ao título «Clube de Imprensa, através do Canal 2, programas que terão periodicidade quinzenal que serão da responsabilidade do Clube Português de Imprensa.

O primeiro desses programas, que irá para o ar em directo cerca das 21 e 30, terá como convidado Mário Soares, secretário-geral do PS, que participará num debate com cinco jornalistas, membros do CPI.

De momento, ignora-se que outros convidados terão acesso ao dito programa.

APU vence eleições na CT/RDP

Uma lista unitária de esquerda, afecta à APU, venceu, na RDP, as eleições para a Comissão de Trabalhadores, obtendo 695 votos e um total de cinco mandatos.

A lista conotada com a AD contabilizou 499 votos, averbando três mandatos.

Uma terceira lista, do PS, ficou-se pelos 434 votos, número que proporciona igualmente três mandatos.

Estes resultados eleitorais tiveram, na Rádio Comercial, a seguinte expressão: APU, 95 votos; AD, 21; e PS, 19.

No conjunto da RDP, tinham direito a voto cerca de 2300 trabalhadores.

Polónia: nova associação de jornalistas

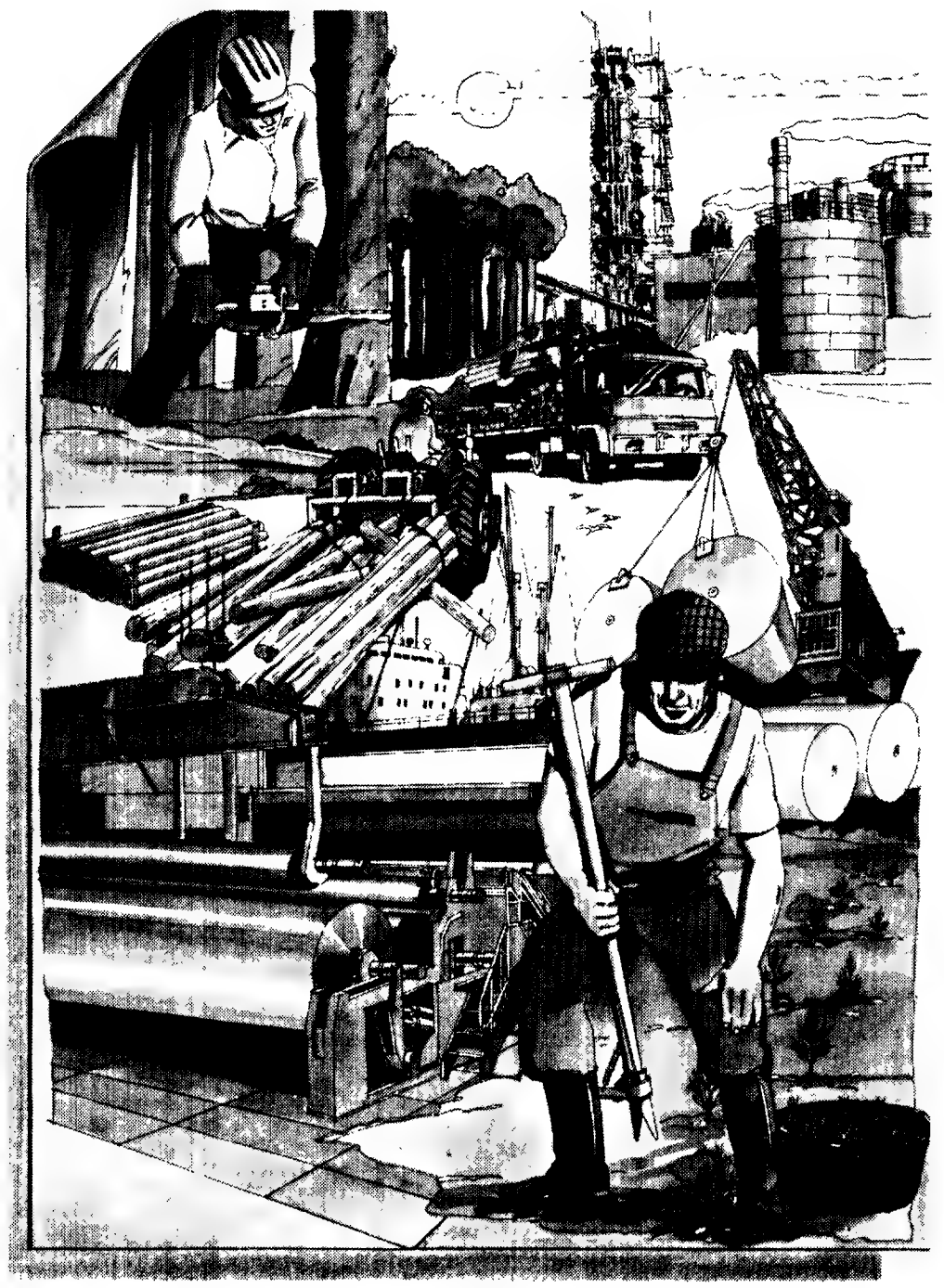
Uma nova associação de jornalistas foi legalizada em Varsóvia.

A associação foi formalmente registada na Câmara Municipal da capital da Polónia, adoptando a designação de Associação dos Jornalistas da República Popular da Polónia.

Esta nova associação substitui a antiga Associação Nacional dos Jornalistas, dissolvida na semana passada pelas autoridades militares por ser demasiado «liberal».

nós somos a Portucel

Uma actividade integrada, um desenvolvimento equilibrado.



Uma actividade que conhece os extremos de um processo.

Que conhece e opera nas várias fases do percurso que os une.

Que interpreta as solicitações de um complexo mercado e age de acordo com elas.

Utilizando a qualidade que o domínio da tecnologia proporciona.

Não esquecendo as exigências que a floresta coloca.

Conseguindo o equilíbrio que racionaliza o desenvolvimento.

PORTUCEL
EMPRESA DE CELULOSE E PAPEL DE PORTUGAL, EP

"Um símbolo da civilização e do progresso"

O elevador do Bom Jesus de Braga fez ont

Saudado na altura como «um símbolo da civilização e do progresso», o primeiro da Península Ibérica e 'irmão' mais velho de todos os elevadores lisboetas, o elevador do Bom Jesus, de Braga, fez ontem 100 anos e tem uma história apaixonante. Os bracarenses promoveram comemorações que incluiram uma grande exposição documental que se prolongam até ao fim do ano. Hoje o elevador é um simples meio de transporte, aliás agradável e de uma utilidade indiscutível. Todavia, a sua construção e os primeiros anos da sua existência foram marcados por uma acesa polémica em que, a par do orgulho da população local, se jogavam invejas e interesses políticos e económicos de vulto. Num olhar retrospectivo, o seu significado histórico e cultural é também muito grande e surge, a par de outras construções da mesma época, como um valioso documento da vida portuguesa na segunda metade do século XIV

As recolhas que fizemos para recordar aqui a história do elevador do Bom Jesus acabaram por transformar-se numa tarefa aliciante. Aos poucos íamos descobrindo nomes, pessoas e factos cujo interesse não era tanto o de estarem ligados à construção do elevador mas, sobretudo, o de traduzirem de algum modo um ambiente geral do país no último quartel do século passado. Numa época marcada pela abertura do caminho-de-ferro e pela construção de obras tão importantes e tão belas como são as pontes sobre o rio Douro, o Palácio de Cristal e os elevadores de Lisboa, para falar só nas duas grandes cidades, o elevador do Bom Jesus e as peripécias da sua concretização projectam esse ambiente ao nível de uma cidade como Braga, de características muito próprias e, santuário do catolicismo mais conservador, um tanto fechada sobre si própria. Pode dizer-se que a tenaz oposição levantada à construção do elevador decorre sobretudo dessas características locais. O confronto surgia assim, de uma forma muito clara, entre uma mentalidade aberta «à civilização e ao progresso», como então insistentemente se proclamava, e uma outra, obscurantista e desconfiada, apoiada numa já longa tradição. E, a par de tudo isso, como não podia deixar de ser, a inveja local, que tinha tanto de mesquinhez pessoal como de jogo de influências em que os interesses políticos e económicos eram igualmente determinantes.

Todavia, pode dizer-se que, uma vez tomada a decisão de construir o elevador, por comprovada viabilidade técnica, as várias oposições, que recorriam a todas as ameaças e ao insulto soez em panfletos anónimos, durante vários anos, não tiveram outro caminho senão aceitar o melhoramento.

O grande alvo de todos os ataques e insultos e também a pessoa a quem, antes de nenhuma outra, se deve a construção do elevador, era o comerciante bracarense Manuel Joaquim Gomes, nascido na vizinha freguesia de Santa Cristina de Longos, no ano de 1840. Figura interessantíssima, dotada de uma iniciativa e de uma energia invulgares, M. J. Gomes aparece retratado num pequeno volume de 70 páginas («Manuel Joaquim Gomes – A Sua Época e As Suas Empresas») escrito por um contemporâneo e admirador, M. Bento de Carvalho, impresso em Braga na Tipografia a vapor de J. M. de Sousa Cruz», em 1906. De leitura muito agradável é, embora pequeno, um importante repositório de documentação em torno da construção do elevador e do ambiente da época, cuja reedição julgamos impor-se, em defesa do património bracarense, neste ano do centenário. Trata-se, além do mais, de um olhar muito interessante sobre um homem e o seu tempo, em jeito de reportagem, que permite valorizar devidamente o empreendimento do Bom Jesus como um marco na história da Braga moderna.

Além de M. J. Gomes, outros dois homens ficaram ligados mais directamente à construçao do elevador: o engenheiro Raul Mesnier, nascido no Porto, e apenas com 30 anos à data do início dos trabalhos e o vedor de obras da Confraria do Bom Jesus do Monte, de seu nome António Brandão Pereira. Mesnier formou-se em matemática e filosofia em Coimbra, tirou especialidades mecânicas na França, Suíça e Alemanha e iniciou a sua carreira precisamente com o elevador do Bom Jesus, sendo também responsável pelos que vieram a ser construídos em Lisboa, desde o da Calçada da Glória ao de Santa Justa. Brandão Pereira, por seu lado, foi decisivo ao nível da aceitação do projecto por parte da Confraria do Bom Jesus a quem, como proprietária do local, competia autorizar as obras. A confraria tratou de acautelar os seus interesses e não há dúvida que os acautelou o melhor possível. O autor do livro citado não hesita em classificar de verdadeiramente leonino o contrato feito entre a confraria e M. J. Gomes, que arriscava tudo nesta empresa. O vedor Brandão Pereira presta homenagem, repetidamente, no seu parecer, ao «arrojado autor da proposta» que vai «arriscar nesta empresa importantes quantias». Na verdade, M. J. Gomes só pedia... as águas da montanha, aliás abundantes todo o ano, como ainda hoje e que, dizia o vedor, «actualmente se perdem por ninguém as pretender». E pedia, já agora, a madeira das árvores que seriam abatidas para abrir o trajecto na encosta do monte. E praticamente mais nada.

O vedor no seu decisivo parecer, mostrou não só saber defender a confraria que representava como, sobretudo, compreender o alcance da proposta do arrojado comerciante. E foi aqui que os interesses se conciliaram perfeitamente. M. J. Gomes arriscava muito porque... Lá tinha os seus planos. A confraria ganhava porque tinha tudo a ganhar e nada a perder. Mais: as mercadorias do santuario circulavam à borla no elevador e o excedente a 2.500.00 reis de receita anual revestia em 50 por cento para os cofres da confraria. A concessão era por 80 anos e os bilhetes dos passageiros não podiam ir além de 100 reis. Uma mina. Claro, o vedor podia dizer sem receio, como disse, que eram «muito para louvar e atender» tais ofertas, «direi mesmo de coragem pouco vulgar no nosso país como se apresenta o autor da proposta, oferecendo ao Bom Jesus tão multiplicadas conveniências» em troco de quase nada.

Mas aqui é que o génio empreendedor de M. J. Gomes se revelou mais uma vez. A abertura do «plano funicular» como lhe chamava a Imprensa da época, transformou as relações das pessoas com o lindo Monte do Bom Jesus. Subir, agora, era uma pequena aventura, agradável e barata. Logo no primeiro ano o elevador transportou 70 mil passageiros. Por outro lado, e nisto M. J. Gomes deve ter pensado desde a primeira hora, tomou de arrendamento, por oito anos, o Grande Hotel da Bela Vista, existente no Alto do Bom Jesus. Convidou a família real, que passou ali um bom mês de férias, promoveu o turismo e fez ampliações para aposentos mais baratos, destinados à época baixa, como hoje se diria. Em suma, um rendoso negócio, nao apenas para a confraria, como se vê.

Mas isto tudo, contado a traços largos, de acordo com a imprensa do tempo e o livro acima citado, não foi nada fácil. Durante os vinte anos em que a actividade de M. J. Gomes se desenvolveu na sua terra, foram constantes os ataques, as ameaças, os panfletos anónimos, tentando mobilizar a população bracarense contra ele. Um dos panfletos (fazendo lembrar métodos muito mais próximos de nós...) abocanhava o comerciante nestes termos: «irmãos do real santuário acordai. O Bom Jesus do Monte acaba de ser roubado por M. J. Gomes, no que a mesa foi conivente».

O homem passou maus bocados. Um ano mais tarde, quando inaugurou o transporte com «máquinas de montanha» (locomotivas), as primeiras do género a entrar em Portugal, os panfletos voltaram, o pessoal do comboio foi por vezes espancado nas ruas de Braga e, na sequência de um acidente, um grupo de indivíduos preparou-se para levantar os carris com barras de ferro e acabar com as ligações ao Bom Jesus. Chegou também a fazer-se um abaixo-assinado, com 300 assinaturas, pedindo ao governo para não consentir a obra...

Por trás de tudo isto, como pode deduzir-se dos textos da época, estavam interesses, que o M. J. Gomes personificava contra uma mentalidade instituída. O livro citado refere este clima de guerra dum modo saboroso: «desenvolveu-se uma tal oposição nuns certos generais de capote e outras nulidades em que a terra abundava, que mais tarde, não se acreditará em que num século chamado das luzes abundasse tanto imbecil, tanta ignorância e tanta maldade contra um melhoramento que honrava o país e ecoou por toda a Península, atraindo aqui milhares de forasteiros, surpreendidos de que numa terra onde se dizia haver sinos e padres, se pudesse realizar obra tão maravilhosa».

A festa do progresso

A distância de um século, o elevador é também um dos sinais históricos do Portugal de oitocentos, a afirmação duma energia e dum pensamento que conferiram um grande dinamismo à sociedade portuguesa do último quartel do século passado. A Imprensa do tempo deu grande destaque à inauguração do elevador e falou insistentemente em ciência e civilização, classificando o ambiente em Braga no dia 25 de Março de 1883 como sendo «a festa do progresso». Essas palavras e esse sentimento surgem sempre na prosa dos jornalistas. A revista «O Ocidente» (Edição de 1 de Maio) insere uma grande reportagem, completada por um documento valioso: o «auto de vistoria feito no plano inclinado automotor» do Bom Jesus, em que o seu funcionamento e características técnicas são minuciosamente descritos.

Caixeiro aos 10 anos, numa loja de panos da Rua Velha do Souto, ainda hoje chamada, M. J. Gomes cedo se tornou conhecido pelas suas qualidades. O patrão censurava-lhe as conversas com «esses pedreiros livres» que lhe entravam na loja. Aos 19 anos tomou conta do estabelecimento e no movimento da «Janeirinha» (1/1/1868) já M. J. Gomes apareceu como orador nos comícios. E de tal como o fazia, refere a Imprensa da época, que no sinédrio bracarense se perguntava «que misteriosas academias frequentara o estranho combatente». Fundou depois uma padaria, oferecendo ao público novos tipos de pão, onde teve êxito e fez fortuna. Desde essa altura (1874) até à sua morte, 20 anos depois, pode dizer-se que nada de importante se fez em Braga sem que a sua iniciativa ou a sua participação estivessem presentes.

«O Padeiro», (nome com que certa mentalidade local, ligada a privilégios e tradições rurais, desconfiada do progresso e das novas actividades, tentou diminui-lo aos olhos da cidade) iria então abalançar-se à grande obra da sua vida: o Elevador do Bom Jesus. De referir que o dia 25 de Março ficou sendo (e dizem-nos que ainda hoje) uma data celebrada pelos seus familiares e descendentes, tal o seu significado

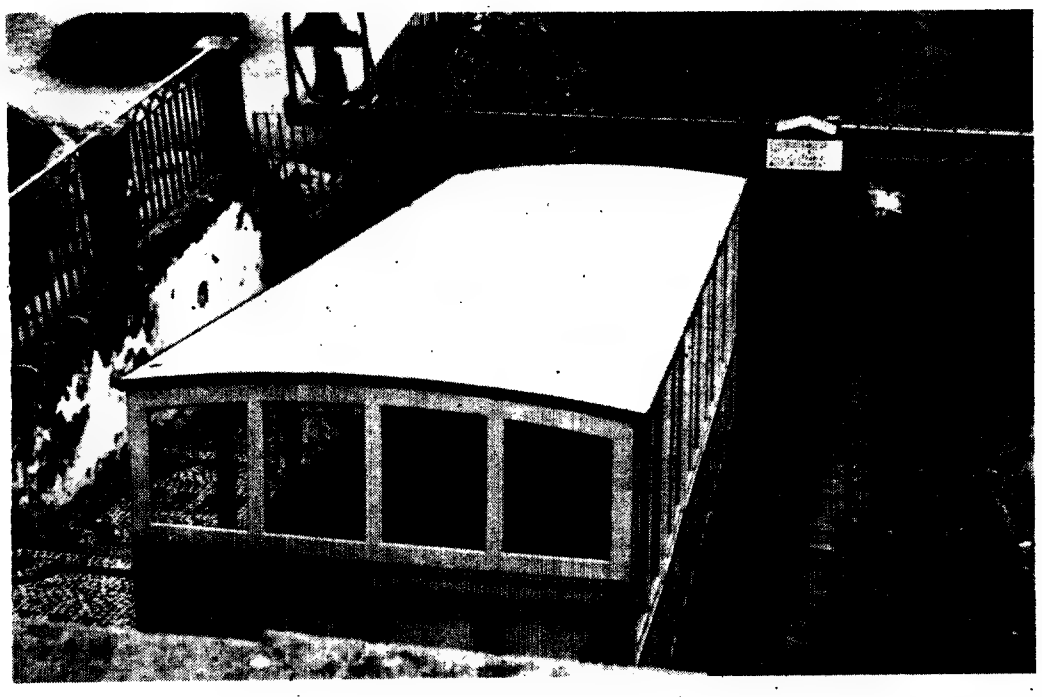
Sistema desconhecido na Península, o elevador inspirava-se num que se dizia haver na Suíça, mas empregando a força do vapor. M. J. Gomes informou-se, estudou o caso e concluiu que ali só com agua, que era abundante e muito menos dispendiosa. Pelo primeiro projecto pagou 400 mil reis, mas não lhe asseguraram o resultado. É nesta altura que pede o concurso de Raul Mesnier, concordando ambos em submeter os seus projectos à maior sumidade então conhecida na matéria: o engenheiro suíço Riggenbach. Este foi acompanhando as ideias dos dois portugueses e acabou por garantir que o projecto era tecnicamente viável. As obras iam começar, faltando apenas assinar o contrato com a confraria, o que o citado vedor Brandão Pereira iria facilitar.

Pelos escritos sobre as obras e personalidade de M. J. Gomes, esta fase inicial dos trabalhos revela-o dotado de uma energia e de uma coragem invulgares, num espírito aberto às ideias do seu tempo e exigente consigo próprio. Não era menor a sua dedicação à cidade de Braga, que nunca quis trocar por Lisboa, apesar dos insistentes convites dos influentes na capital.

«A festa do progresso», como os jornais chamaram à inauguração do elevador fez ontem, um século – levou a Braga gente de toda a parte. O jornal «A Folha Nova» inseriu, dois dias depois, uma reportagem exemplar e dizia que «Duma circunferência de bastantes léguas, bandos de indivíduos acorriam desejosos de assistir a um desses espectáculos que causam assombro». As ideias do tempo, o pensamento que revolvia o país nos finais do século, incendiando os ideais republicanos, pode de algum modo ver-se nestas palavras da reportagem de «A Folha Nova»: «o nosso tempo relegou da competência do sobrenatural para o domínio da ciência a produção dos milagres».

Julgamos ser esta luz que a celebração deste centenário tem grande interesse. Pelo menos, esta é também a opinião dos dirigentes da ASPA – Associação de Defesa do Património Cultural de Braga que, com a Universidade do Minho e a Confraria do Bom Jesus, promoveu as comemorações. Numa exposição que abriu na Casa Nogueira da Silva, estão fotografias e vasta documentação sobre o elevador e a Braga de há 100 anos, que os elementos da ASPA têm recolhido e que atestam quanto a inauguração daquele «milagre da ciência e do progresso» constituiu um marco importante na história de Braga.

José Gomes Bandeira



O «plano inclinado funicular» do Bom Jesus tem 220 metros de extensão e uma diferença de nível de 116 metros. Dando lucro logo no primeiro ano de exploração chega, hoje, a recolher quase meia centena de contos num bom domingo de visitantes

O Elevador do Bom Jesus numa grav construção de ferro (hoje inexistente «americano» que fazia a ligação à cid acabou por ceder o lugar aos «eléctric

Plataforma superior do elevador, poden descida, acciona o elevador) com a tor

tem 100 anos

gravura do começo deste século. Podem ver-se não só os dois carros e a tente) que dava acesso ao elevdor, como a locomotiva e a carruagem do cidade. A locomotiva a vapor substituiu, logo em 1883, a tracção animal e ctricos» e, mais recentemente, aos autocarros dos transportes urbanos de Braga

dendo ver-se uma parte do sistema de fornecimento de água (cujo peso, na torneira vertical e o cano (seta branca) que encosta ao depósito de 25 mil litros situado nos fundos do carro

ensino

Professores da Zona Centro propõem-se reinstalar Sindicato

A constituição de uma Comissão Directiva Provisória que terá a função de reinstalar o Sindicato dos Professores da Região Centro tal como foi concedido em 1974, deverá culminar o processo contestarário de muitos professores à actual direcção do SPZC.

O processo antidemocrático, através do qual os dirigentes do Sindicato dos Professores da Zona Centro impuseram à classe novos estatutos, que na opinião de muitos professores constitui «uma clara ruptura com os princípios, os objectivos e a estrutura que, desde a sua fundação, presidiram à vida do Sindicato dos Professores», tem sido por diversas vezes contestado em vários distritos da Zona Centro.

Essa contestação levou não só ao lançamento de abaixo-assinados que já recolheram várias centenas de assinaturas mas também à formação de comissões de defesa da unidade sindical (CDUS) nos vários distritos da Região Centro. As CDUS distritais estão a criar um organismo de enlace e coordenação regional que será o órgão responsável pela condução do processo e que deverá propor para ratificação na Assembleia Constituinte, a comissão directiva provisória.

As funções da CDP serão, além da reinstalação do Sindicato dos Professores da Região Centro de acordo com os estatutos aprovados em Assembleia Constituinte, promover a realização de eleições até ao final do ano

O projecto de revisão dos estatutos defendido pelas CDUS tem três objectivos fundamentais: adaptar os estatutos à nova situação, procedendo apenas às alterações consideradas indispensáveis; introduzir mecanismos de isenção e reforço das garantias de controlo de qualquer processo de consulta directa, e por voto secreto, dos sócios; empenhar-se junto dos restantes Sindicatos de Professores na reestruturação sindical a nível nacional.

Além da publicação do projecto de estatutos, a Comissão de Defesa da Unidade Sindical propõe a realização de uma assembleia geral para a confirmação do Sindicato formado em 1971, assembleia que funcionará descentralizadamente e em duas fases: nos dias 15, 16 e 17 de Abril, para discussão dos projectos de revisão dos estatutos e, no dia 22, para votação do projecto de estatutos e ratificação da comissão directiva provisória.

Professores da "São Julião" aguardam

«A razão e a verdade são as armas da luta dos professores da escola de São Julião» afirmam estes professores a propósito das declarações do ministro Crespo a partida para a Austria na segunda-feira.

Considerando a situação na escola normal, declarou o ministro da Educação que só iria tratar do inquerito relativo àquela escola de Setúbal, quando regressasse a Lisboa, ontem quinta-feira

«Esta atitude irresponsável do ministro, pretendendo minimizar perante a opinião publica a importância do problema da Escola de [illegible] e ocultar a [illegible] do ano lectivo [illegible] estabelecimento normal da escola, restabelecendo a gestão democrática.»

«Será o ministro Vítor Crespo», perguntam «que pretende arrastar a resolução do problema da escola sem dar conhecimento [illegible] conclusões do inquerito, [illegible] se indiferente para [illegible] e aos professores que [illegible] em prejuízos de um modo responsável e firme, na luta pela reposição da legalidade democrática e da escola e o prosseguimento normal do ano lectivo?»

Os professores [illegible] na escola secundária [illegible] não suspenderam [illegible] hoje [illegible] reuniões [illegible] Conselho Directivo [illegible] democraticamente eleito decerto a situação na escola

Hospitais Distritais reciclam administrativos

EVORA, — O curso de formação para oficiais administrativos que decorre no Hospital Distrital desta cidade até final do mês é o primeiro efectuado nestes moldes em Portugal, abrangendo pessoal dos estabelecimentos distritais de Evora, Portalegre e Elvas e dos 25 hospitais concelhios das três áreas. Nele participam 30 oficiais administrativos.

Organizado pelo Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional do Departamento de Recursos Humanos da Saúde, o curso tem como finalidade apoiar em reciclagens periódicas o pessoal administrativo da Saúde. Os trabalhos, de carácter intensivo e inseridos num plano a nível nacional daquela Secretaria de Estado, dirigem-se especialmente às unidades hospitalares da periferia, desde os hospitais distritais aos concelhios, Serviços Médico-Sociais e Centros de Saúde.

em duas palavras

● «IBÉRIA» EM VOO DIRECTO PORTO-MADRID

A «Ibéria» (Linhas Aéreas Espanholas) arranca domingo com um voo directo Porto-Madrid. A linha directa Porto-Madrid, que numa primeira fase se processará às terças, quintas, e domingos, permitirá na capital espanhola ligações aos voos da «Ibéria» para 91 destinos. Em conferência de Imprensa, o delegado em Portugal da «Ibéria», Garcia-Andino, declarou que «este novo serviço corresponde a uma crescente procura, tanto por parte dos homens de negócios como dos turistas do Norte de Portugal que desejam viajar directamente para Espanha».

● «DIA DA MARINHA» É NO FUNCHAL

As comemorações do «Dia da Marinha» decorrerão este ano (no dia 8 de Julho) no Funchal – revelou uma fonte oficial. Das cerimónias destaca-se uma homenagem da Marinha a Gonçalves Zarco, uma alocução pelo chefe do Estado-Maior da Armada (almirante Sousa Leitão) e uma revista naval. A Marinha de Guerra estará presente no Funchal com uma força naval constituída por duas fragatas, quatro corvetas e um navio de apoio, o qual transportará a banda de música daquela arma.

● JOÃO PAES: 1.º CONSELHEIRO DE PORTUGAL NOS EUA

João Paes é o primeiro conselheiro cultural de Portugal em Washington, para o que foi já empossado – revelou uma fonte próxima daquele antigo director do Teatro Nacional S. Carlos. João Paes, que desempenhou as funções de director daquela teatro nos últimos sete anos, deverá iniciar até ao dia 15 a sua actividade em Washington.

● SÉ E MIRAGAIA: DESALOJADOS VÃO PARA ALDOAR

O executivo da Câmara Municipal do Porto aprovou por maioria o projecto de alteração urbanística da zona das Antas, a norte da cidade.

A discussão do projecto, já elaborada há alguns meses, estava dependente da demolição de uma velha fábrica na Rua da Alegria. Em reunião à porta fechada, a Câmara do Porto decidiu, igualmente por maioria, dar parecer favorável ao estudo prévio para a implantação de 120 casas prefabricadas nos terrenos adjacentes ao cemitério ocidental, em Aldoar, para os desalojados das freguesias da Sé e Miragaia.

● CÂMARA DE LAGOA (AÇORES) FOI DISSOLVIDA

A Câmara Municipal da Lagoa (S. Miguel) aprovou ontem, por unanimidade, uma proposta dos vereadores socialistas visando a perda do mandato do presidente da edilidade. Na segunda-feira, no entanto o executivo açoriano já propusera à Assembleia Regional a dissolução daquela câmara na sequência de um inquérito levantado à actuação do presidente (Paulino Anselmo) eleito nas listas do PSD.

● CM DO BARREIRO REALIZA «SEMANA DA ECOLOGIA»

A CM do Barreiro comemora, em colaboração com a ES Santo André, desta vila, a «Semana da Ecologia», com várias iniciativas científicas e culturais. A ecologia é assim o tema nuclear, nos seus vários pontos relativos a energia, ecossistemas, meteorologia, geofísica, pedagogia do ambiente, indústria e poluição, importância dos estuários, poluição atmosférica e energia solar. Diversas personalidades de peso nesta área prestam o seu concurso à iniciativa, entre eles Paulo Morgado e Graça Robles.

● VILA FRANCA APRESENTA II «TURI-XIRA»

A Câmara de Vila Franca de Xira apresentará em 29 do corrente, na Casa do Ribatejo, em Lisboa, o programa da II edição da «Turi-Xira» iniciativa que como o nome indica respeita à 2.ª mostra de Turismo no pavilhão da Feira Municipal de Vila Franca.

● ARMADORES DE VIANA QUEREM «CERCAR»

Os armadores da frota pesqueira artesanal de Viana do Castelo solicitaram ao Governo a concessão de licenças para a pesca do cerco. Num documento entregue ao Governador Civil do distrito de Viana do Castelo, os armadores preconizam a atribuição de subsídios para o gasóleo e para o apetrechamento das embarcações e a isenção da taxa de atracagem.

● BV DE ALBUFEIRA TÊM 5 ANOS

Os Bombeiros Voluntários de Albufeira (Algarve) completaram cinco anos. O aniversário será comemorado domingo com várias cerimónias, entre as quais o início das obras de construção do novo quartel da corporação (orçado em 31 milhões de escudos), uma missa campal e o baptismo de novas viaturas.

● TAP VOA MAIS PARA OS AÇORES

A TAP/Air Portugal passa a partir de domingo a realizar 11 voos semanais entre Lisboa e Ponta Delgada – anunciou a delegação da Transportadora Aérea Nacional em Ponta Delgada.

● MANUELA EANES AMANHÃ EM VIALONGA

Manuela Eanes inaugura amanhã (às 11 e 30) em Vialonga uma creche e jardim de infância, no Parque Nacional daquela crescente freguesia do concelho de Vila Franca de Xira. Trata-se de uma iniciativa da Associação para o Bem-Estar Infantil da terra que levou seis anos a concretizar. Participarão no acto as forças autárquicas, representantes de todos os centros e associações e de colectividades do concelho.

RN de Santarém

Greve dia 30 pelo levantamento de quatro processos disciplinares

Quatro processos disciplinares levantados a trabalhadores da filial de Santarém da Rodoviária Nacional, na sequência da greve geral de 12 de Fevereiro, são o motivo da paralisação geral de 24 horas decretada pelo Sindicato dos Trabalhadores dos Transportes Rodoviários e Urbanos do Centro, para o próximo dia 30. Com efeito, terminou ontem o prazo dado ao conselho de gerência (CG) pelos trabalhadores daquela filial para que os processos sejam arquivados.

Em comunicado agora distribuído ao Secretariado da Federação dos Sindicatos dos Transportes Rodoviários e Urbanos (FESTRU) admite a generalização do conflito a toda a empresa, caso o CG não modifique a sua posição. A propósito, a FESTRU considera tais processos como «absolutamente discriminatórios e infundados, com evidentes intuitos de perseguição ideológica a trabalhadores cuja dedicação à empresa nacionalizada é um facto».

Petrogal

Também na Petrogal serão desenvolvidas uma série de formas de luta, que poderá incluir a greve, por forma a ser conseguida a anulação dos sete processos disciplinares instaurados pelo CG da empresa contra sete trabalhadores.

Conforme o «DL» já anunciou anteriormente, estes processos disciplinares surgem na sequência da greve geral de 12 de Fevereiro. Três recaem sobre delegados sindicais e outro sobre um membro da comissão de trabalhadores (CT).

A Federação de Sindicatos dos Químicos, que considera essas suspensões como «ilegais», anuncia que, em reunião efectuada no passado dia 18, a comissão central de trabalhadores (CCT) e os representantes sindicais decidiram repudiar aquele «atentado à lei e aos direitos e garantias dos trabalhadores» e responsabilizar o CG da Petrogal por todas as consequências que daí possam advir.

Seguros do Norte

Os trabalhadores das empresas privadas de seguros do Norte poderão desencadear uma série de acções e paralisações parciais, não estando mesmo afastada a hipótese de realização de um dia de greve a 26 de Abril.

Tais acções devem-se ao facto de as associações das seguradoras privadas se recusarem a assinar o contrato colectivo de trabalho. Regista-se que os trabalhadores da indústria seguradora têm sempre tido um contrato único estando agora as entidades patronais do sector privado (quase todas estrangeiras) «a tentar abrir o precedente inaceitável de dois contratos colectivos para a classe», diz, em comunicado, o conselho geral do Sindicato dos Trabalhadores de Seguros do Norte (STSN).

Tudor

Novo período de luta que engloba paralisações de duas horas diárias foi encetado pelos trabalhadores da fábrica Tudor, de Castanheira do Ribatejo. Os cerca de 600 trabalhadores do sector produtivo abrangidos pela greve lutam por aumentos salariais de 22 por cento, rectroactivos a Janeiro.

Tendo em vista estes objectivos os trabalhadores da Tudor efectuaram já seis dias de greves de duas horas, em períodos progressivos de um, dois e três dias.

Um porta-voz da comissão de trabalhadroes (CT) anunciou, entretanto, que estão já marcadas novas greves de duas horas e meia diárias para os dias 29, 30, 31 de Março e 1 de Abril, prevendo-se que as paralisações mantenham o seu carácter progressivo caso não haja, entretanto, acordo com a administração.

Egrauto

Os trabalhadores metalúrgicos da empresa Egrauto, da Guarda, anunciaram ontem o aumento, a partir de segunda-feira, para seis horas e meia do período diário de greve em defesa de reivindicações salariais. Desde 24 de Fevereiro que o pessoal da Egrauto tem paralisado durante quatro horas diárias.

Os metalúrgicos da empresa pretendem equiparação e aumentos salariais de 20 por cento. As negociações entre as partes envolvidas no conflito, encontram-se suspensas.

Marcha contra o Desemprego

"Contestação já se tornou um imperativo nacional"

— diz a USL

Tem início já no domingo a «Marcha contra o Desemprego», promovida pela CGTP e que tem dois percursos, com partidas do Porto e de Évora e chegada a Lisboa, prevista para o dia 3 de Abril.

A «Marcha contra o Desemprego», que terminará com um desfile entre o Marquês de Pombal e a Praça do Comércio, passando pelos Restauradores e Rossio, insere-se na luta contra o desemprego, um dos principais objectivos da CGTP-IN.

Entre o Porto e Lisboa, os participantes percorrerão, em seis dias, cerca de 100 quilómetros a pé, enquanto que a marcha entre Évora e Lisboa percorrerá, em cinco dias, 97 quilómetros.

Os cerca de 1500 participantes serão apoiados por autocarros da organização, sendo as dormidas garantidas em pavilhões e ginásios e a comida confeccionada em duas cozinhas desmontáveis.

Estão igualmente previstas várias iniciativas, entre as quais plenários de empresas, sessões de esclarecimento e paralisações simbólicas em diversas empresas no dia 2 de Abril.

À chegada a Lisboa, as duas colunas juntar-se-ão aos manifestantes que participarão nesta iniciativa de denúncia da política fomentadora do desemprego seguida pelos Governos da AD.

Apoios

A propósito da «Marcha contra o Desemprego» a União dos Sindicatos de Lisboa (USL) emitiu um comunicado em que afirma que o movimento sindical unitário «tem desde a primeira hora tomado iniciativas, dando corpo aos anseios dos trabalhadores, para que em Portugal reine a justiça, o progresso social e o bem-estar» e «com a AD no poder, mais a luta se tem intensificado, primeiro denunciando a sua política desastrosa, depois mobilizando os trabalhadores, na unidade da luta, para a exigência de uma nova política, para a necessidade de um Governo democrático, respeitador do 25 de Abril». O documento sublinha ainda que esta contestação «não é, porém, particularizada à política da AD», já que, «dia a dia ganha volume e já se tounou um imperativo nacional».

Entretanto a Organização Unitária dos Trabalhadores (OUT), anunciou o seu apoio à Marcha afirmando em comunicado que «centenas de milhares de trabalhadores, particularmente jovens e mulheres, sofrem em Portugal, no dia-a-dia, o terrível flagelo do desemprego».

A OUT diz ainda que «o desemprego é simultaneamente efeito e necessidade do sistema capitalista (necessidade do exército de reserva); «só acabando com tal sistema de exploração e opressão será possível iniciar um período de resolução séria do desemprego, assim como de todos os outros grandes problemas que afectam diariamente os trabalhadores».

Festa-comício no Porto

Vai realizar-se amanhã, com início às 21 e 30, no Pavilhão do Académico, no Porto, uma festa-comício integrada nos preparativos da «Marcha contra o Desemprego», durante a qual haverá intervenções sobre o problema do desemprego e a actuação de Carlos Moniz e Maria do Amparo, bem como do conjunto «rock» «Grupo X».

No domingo, às 8 e 30, a «Marcha» partirá da Praça da Liberdade, contando-se à partida com a presença de trabalhadores e desempregados que acompanharão os participantes durante parte do percurso do primeiro dia, como manifestação de apoio e solidariedade.

Comissão Interministerial do Emprego

A Comissão Interministerial para o Emprego (CIME), recentemente criada pelo Governo, visa contribuir para a definição de uma política global de emprego em Portugal, segundo afirmou o seu presidente, Artur Mota.

Acrescentou que compete também àquela Comissão Interministerial a coordenação de acções de formação profissional desenvolvidas pelos diversos Ministérios.

A CIME é composta por representantes de todos os Ministérios e dos Governos Regionais, num total de mais de 20 pessoas, e deverá reunir mensalmente.

A comissão efectuou a sua segunda reunião em que foi analisado o funcionamento interno da CIME e apresentada uma exposição sobre a situação e perspectivas do mercado de emprego – revelou o presidente.

A CIME tem carácter consultivo junto do Governo, cabendo-lhe dar pareceres sobre projectos de legislação sobre emprego e formação profissional e podendo propor soluções para a resolução do problema do desemprego – disse o presidente.

O secretário de Estado do Emprego revelou recentemente que a CIME irá ser chamada a pronunciar-se sobre alguns projectos de diploma, como a lei da aprendizagem.

AS ELEIÇÕES DE 28 DE MARÇO EM EL SALVADOR NÃO SÃO ELEIÇÕES LIVRES

Os portugueses conheceram durante muitas décadas um regime ditatorial que utilizou, entre outros meios anti-democráticos, o recurso às fraudes eleitorais.

Através de eleições falseadas e viciadas — quem não se lembra da fraude que roubou a vitória ao general Humberto Delgado nas eleições presidenciais de 1958 — a ditadura procurava a sua «legitimação» democrática.

Em El Salvador, também hoje uma ditadura que se prolonga desde 1931 procura, através de «eleições», legitimar um poder que não lhe pertence e que enfrenta a oposição de todo um povo.

Apesar das muitas diferenças existentes entre o período fascista vivivo no nosso país e a situação actual em El Salvador — onde o genocídio de milhares de pessoas tem sido uma prática constante — os portugueses sabem, por experiência própria que eleições como as marcadas para 28 de Março próximo naquele país da América Central nada têm a ver com a democracia, nem com a livre expressão da vontade popular.

Os portugueses sabem:
— que não há eleições livres num país que vive em permanente estado de sítio;
— que não há eleições livres num país onde a prisão, a tortura e o assassinato são diariamente utilizados pela Junta no Poder;
— que não há eleições livres num país onde os mais elementares direitos humanos são constantemente violados;
— que não há eleições livres num país onde a oposição, internacionalmente reconhecida, é perseguida;
— que não há eleições livres num país onde nos últimos dois anos foram assassinadas mais de 30 000 pessoas.

E é nestas condições que vive o povo salvadorenho.

E é nessas condições que a Junta no Governo, cada vez mais isolada e desacreditada, interna e externamente, procura levar a cabo uma farsa eleitoral que a mantenha no Poder.

Por tudo isto, os abaixo-assinados:

Reafirmam o seu veemente repúdio pela farsa que se prepara em El Salvador que em nada dignifica a democracia;

Manifestam a sua profunda solidariedade com o povo salvadorenho e a sua luta pela liberdade, pela democracia e pela paz;

Apelam ao Governo português no sentido de condenar a farsa eleitoral de 28 de Março, em consonância com as moções aprovadas na Assembleia da República em Janeiro e Dezembro de 1981 e com as posições assumidas por Governos democratas de todo o mundo que recusaram enviar observadores às «eleições».

Saúdam as várias iniciativas que, a nível internacional, vêm defendendo a necessidade de se chegar a uma solução política negociada, única forma de se alcançar a paz em El Salvador;

Subscrevem:

- **Marechal COSTA GOMES — ex-Presidente da República**
- **HENRIQUE DE BARROS — Presidente da Assembleia Constituinte**
- **TEÓFILO CARVALHO DOS SANTOS — ex-Presidente da Assembleia da República**
- **LUÍS FILIPE MADEIRA — membro da UIP — União Inter Parlamentar Europeia**
- **CARLOS LAGE — vice-presidente do Grupo Parlamentar do PS**
- **CARLOS BRITO — Presidente do Grupo Parlamentar do PCP**
- **ANTÓNIO LOPES CARDOSO — Presidente do Grupo Parlamentar da UEDS**
- **MAGALHÃES MOTA — Presidente do Grupo Parlamentar da ASDI**
- **HERBERTO GOULART — Presidente do Grupo Parlamentar do MDP/CDE**
- **MÁRIO TOMÉ — Deputado da UDP**

GSAL — GRUPO DE SOLIDARIEDADE COM A AMÉRICA LATINA

Função Pública acusa o Governo de não cumprir as suas próprias leis

Os trabalhadores da função pública (TFP) da administração central, regional e local manifestam-se em Lisboa na próxima terça-feira (entre a Praça do Marquês de Pombal e S. Bento) para exigirem a revisão dos seus salários e protestarem contra o «pacote legislativo», que o Governo pretende impor-lhes.

Com a mesma finalidade, os TFP realizarão uma semana de luta, de 19 a 23 de Abril, que culminará, no último dia, com uma greve nacional. Até fins de Maio, a Frente Comum organizará uma conferência sindical internacional sobre o direito à negociação colectiva na função pública.

Os sindicatos que integram a Frente Comum e que decidiram em reunião estas acções de luta, afirmam que o Governo «nem sequer cumpre a legislação por si próprio elaborada e publicada». Recordam a propósito a «triste história do tecto salarial» fixado pelo Executivo em 17 por cento e que em muitos sectores foi largamente ultrapassado.

Por outro lado, a Frente Comum afirma que a imposição do tecto salarial ao sector (aumentos de apenas 11 por cento) «não é legítima nem democrática», recordando que a própria OIT condenou inequivocamente a actuação do Governo nesta matéria.

Deste modo, consideram os sindicatos «o Governo actua contra e fora da lei» e que os TFP «são queixosos» e têm «motivos de sobra para pedir a sua condenação».

Os TFP acrescentam que «o prestígio de que o Governo goza é pouco ou nenhum» e que «mais cedo ou mais tarde, a razão que lhes assiste sairá vencedora».

Químicos dispostos a lutar contra a repressão

Os delegados sindicais da indústria química decidiram em plenário nacional apoiar as acções que venham a ser desencadeadas pelos seus sindicatos representativos e que tenham em vista anular os efeitos da suspensão de trabalhadores nas empresas do sector.

Os sindicalistas manifestaram também a disposição de combater e denunciar todas as formas de repressão e «terrorismo psicológico», que se abaterem sobre os trabalhadores químicos.

Esta tomada de posição surge na sequência de numerosas suspensões de trabalhadores verificadas recentemente, após as lutas desencadeadas no sector e a greve geral de 12 de Fevereiro.

Os delegados sindicais apontaram como exemplos as suspensões de 20 trabalhadores na Fábrica de Plásticos Campelos, de sete trabalhadores na Petrogal do Rosarinho (três dos quais delegados sindicais), de um trabalhador do Ar-Líquido, na Mitrena, de um delegado sindical da Sociedade Nacional de Sabões e de outro da Sincoral. Denunciaram também a instauração de um processo disciplinar a um delegado sindical e membro da comissão de trabalhadores da Sundlet.

Os delegados repudiamramigualmente a posição das associações patronais, que se recusam a assinar o texto acordado com a Federação sindical do sector e que contém as novas tabelas salariais acordadas em Janeiro.

Governo belga quer impedir remessas dos emigrantes clandestinos

O Banco Central da Bélgica tomou recentemente algumas decisões no sentido de limitar a saída de francos belgas em condições cambiais reservadas, entre outras situações especiais, às remessas de emigrantes para as suas famílias. Assim, foi enviada uma circular a todos os bancos estabelecidos naquele país, na qual se recorda que os emigrantes apenas podem utilizar o sistema de transferência de francos convertíveis caso as remessas se integrem na noção de «ajuda familiar» a parentes residentes no seu país de origem.

Deste modo, as autoridades belgas procuram evitar que os emigrantes transfiram francos convertíveis para contas abertas em seu próprio nome nos seus países. Procura-se também evitar que os emigrantes clandestinos, sem a respectiva situação legalizada na Bélgica, possam beneficiar das vantagens do sistema de transferências de francos convertíveis.

Estas vantagens traduzem-se num benefício líquido de cerca de 10 por cento em relação às transferências efectuadas através do mercado livre dos francos financeiros.

No dia de hoje, sexta-feira, um emigrante que envie para Portugal 10 000 francos belgas, ao abrigo so regime da «ajuda familiar» a que se aplica o câmbio dos francos convertíveis, recebe em Lisboa 15 618 escudos. Caso a transferência seja feita por um qualquer cidadão, belga ou estrangeiro, no regime do franco financeiro (mercado livre), aos mesmos 10 000 francos correspondem apenas 13 900 escudos.

Os francos convertíveis só podem, contudo, ser utilizados até um certo limite mensal e nas condições recordadas pela circular do Banco Central da Bélgica (reservado a certos casos, entre os quais, os de transferência de «ajudas familiares» de emigrantes legalmente residentes).

A inlciativa bélga de fazer aplicar leis já anteriormente em vigor, traduz-se apenas num maior controlo dos nomes dos destinatários das transferências, que não podem ser os mesmos daqueles que as ordenam na Bélgica, e na tentativa de impedir que os bancos aceitem ordens de transferência de clandestinos.

Os reflexos destas medidas são, porém, mínimos, apesar de existir neste momento uma certa confusão na comunidade portuguesa da Bélgica, no seio da qual correm algumas informações erradas sobre o assunto. Com efeito, existem muitas vias de rodear (conformr afirmaram ao «DL» fontes bancárias portuguesas de Bruxelas), sem quaisquer consequências, as imposições legais belgas, e sem que os emigrantes percam o benefício das transferências em francos convertíveis.

Para tal, como é óbvio, os emigrantes, legais ou clandestinos, terão todo o interesse em efectuar as suas transferências através das filiais locais dos bancos nacionalizados portugueses que lhes prestarão toda a ajuda necessária.

Esta situação veio antes de ontem a lume em jornais espanhóis, que a deturparam por completo, e a apresentaram como visando especialmente os emigrantes portugueses, o que, como é óbvio, não tem qualquer fundamento.

Em França também não há problemas

As medidas recentemente anunciadas pelo governo francês para limitar a saída de francos do país em nada afectam as remessas dos emigrantes portugueses.

As fontes contactadas pela ANOP consideram que as medidas tomadas se destinam fundamentalmente a diminuir a fuga de capitais que se processa pela prática da subfacturação e da sobrefacturação.

Os bancos com dependências em Paris não receberam qualquer directiva das autoridades monetárias relativamente às remessas de emigrantes.

A forte desvalorização do franco francês obrigou as autoridades a adoptarem um conjunto de medidas de apoio à divisa francesa, cuja cotação tem de flutuar, numa margem pequena por se encontrar integrada no Sistema Monetário Europeu.

Depois da vitória dos socialistas nas eleições em França, tem-se assistido a uma grande fuga de capitais para o exterior e a uma grande venda de francos nos mercados de câmbios, o que contribuiu para enfraquecer a dívida francesa e está a obrigar as autoridades francesas a irem ao mercado em apoio da sua moeda.

A Banca no Cachão e na Ferrominas

Representantes da Banca portuguesa visitam no sábado as instalações mineiras de Moncorvo a convite da Ferrominas.

Este convite visa dar aos representantes da Banca uma informação detalhada e no local sobre o projecto mineiro que envolve um investimento total de 12,7 milhões de contos a preços de 1980.

O projecto tem em vista a produção de dois milhões de toneladas anuais de peletes de ferro dos quais 1,65 milhões de toneladas destinam-se à Siderurgia Nacional e o restante à exportação.

Na sequência desta deslocação a Moncorvo, os representantes da Banca visitarão no domingo o complexo

Pescas no horizonte da cooperação com Angola

O Ministro das Finanças, João Salgueiro, mostrou-se ontem optimista, em Luanda, quanto à possibilidade de Portugal cooperar com Angola no ramo das pescas.

João Salgueiro recordou que o assunto não se inscreve na agenda da comissão mista intergovernamental luso-angolana reunida em Luanda, cuja sessão de sexta-feira de manhã funciona em plenário. A reunião tem o seu encerramento oficial à tarde.

O Ministro das Finanças deverá regressar a Lisboa ainda hoje, enquanto os restantes membros da comitiva poderão fazê-lo no domingo, refere a Agência ANGOP.

João Salgueiro, que preside à parte portuguesa da comissão mista, visitou a província de Moçâmedes, acompanhado pelo ministro angolano das Finanças, Ismael Martins.

Os vistantes estiveram em algumas unidades económicas afectas às actividades piscatórias e mineiras.

13 milhões de contos exportados

Portugal exportou em 1981 mercadorias para Angola no valor de 13 800 milhões de escudos e importou no valor de 919,6 milhões de escudos – informou o Fundo de Fomento de Exportação.

As principais mercadorias exportadas para Angola são tecidos de algodão, medicamentos, vestuário, calçado, livros, máquinas e aparelhos agrícolas, sabão e produtos de limpeza.

Só no primeiro trimestre de 1981 Portugal exportou tecidos de algodão no valor de 467 milhões de escudos.

Em 1973 Angola ocupava o quarto lugar entre os importadores de produtos portugueses e desceu para sexto em 1975 e para nono em 1980, passando em 1981 novamente para o quarto maior consumidor de produtos portugueses.

Angola não aparece entre os 20 principais fornecedores de Portugal nos anos de 1980 e 1981. Portugal importa essencialmente café e sisal.

MUNICÍPIO DE OEIRAS
CÂMARA MUNICIPAL

Pelouro do desporto
CIRCUITO DE MANUTENÇÃO EM NOVA OEIRAS

A Câmara Municipal de Oeiras montou um Circuito de Manutenção nos terrenos circundantes das Torres de Novas Oeiras que se destina aos habitantes da Freguesia de Oeiras e a todos aqueles que desejem praticar actividades físicas de manutenção.

A inauguração do Circuito far-se-á na tarde do próximo dia 27 do corrente pelas 16 horas e convidam-se todos quantos praticam já a actividade da corrida ou a ela se desejam dedicar, a estarem presentes para tomarem conhecimento do Circuito.

Oeiras, 24 de Março de 1982

O Vereador do Pelouro do Desporto
A. Melo de Carvalho

NOTARIADO PORTUGUÊS

OITAVO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA
RUA DA HORTA SECA, NÚMERO SETE, SEGUNDO,

NOTÁRIO
LIC. EDUARDO ANTÓNIO CORREIA DE AZEVEDO

CERTIFICO, para efeito de publicação, que por escritura de 16 de Março de 1982, lavrada de fls. 94 a 95-v. do Livro 44-G de notas deste Cartório, foi constituída uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada denominada «TRANSPORTES DE MERCADORIAS CURTO & OLIVEIRA, LIMITADA», que se há-de reger pelos artigos constantes da fotocópia anexa, que, com esta se compõe de quatro folhas e vai conforme com o original.

Lisboa, 19 de Março de 1982.

O Terceiro Ajudante
Zoé Carona de Azevedo Francisco Pedro

PRIMEIRO — A sociedade adopta a denominação de «TRANSPORTES DE MERCADORIAS CURTO & OLIVEIRA, LIMITADA» vai ter a sua sede em Lisboa, na Rua de São Jacob, n.º 595, Bairro da Liberdade, freguesia de Campolide, e durará por tempo indeterminado a contar desta data.

PARÁGRAFO ÚNICO — A sociedade poderá mudar a sua sede e estabelecer agências, sucursais ou qualquer outra norma de representação nas áreas de prestação predominante de serviço, no território nacional, mediante deliberação da Assembleia Geral e cumpridas que sejam as formalidades legais.

SEGUNDO — O objecto social é o exercício de transporte de mercadorias em geral, podendo em todo o caso vir a explorar, dentro dos limites da Lei, qualquer outro ramo de negócio que os sócios acordem.

TERCEIRO — O capital social integralmente realizado em dinheiro, já entrado na Caixa Social é de um milhão e cem mil escudos e é representado pelas seguintes quotas: — uma de quinhentos e quarenta mil escudos pertencente ao sócio Luís Manuel Proença Curto Fernandes; — uma de quinhentos e quarenta mil escudos pertencente ao sócio António Augusto de Oliveira e uma de vinte mil escudos pertencente ao sócio José Curto dos Santos.

— QUATRO — A cessão de quotas, no todo ou em parte, é livre entre os sócios. A cessão a terceiros depende do consentimento da sociedade, que se reserva o direito de preferência na aquisição, e se ela o não quiser exercer, tal direito poderá ser exercido pelos sócios não cedentes.

QUINTO — A gerência da sociedade e a sua representação em juízo e fora dele, será exercida pelos três sócios, que ficam nomeados gerentes, dispensados de caução e com remuneração ou não conforme fôr fixado em Assembleia Geral.

PARÁGRAFO PRIMEIRO — Para a sociedade se considerar validamente obrigada em todos os seus actos e contratos são necessárias as assinaturas de dois gerentes, para os actos de mero expediente basta a assinatura de um só gerente.

PARÁGRAFO SEGUNDO — É proibido aos gerentes obrigar a sociedade em fianças, abonações, avales, letras de favor e em outros actos ou contratos semelhantes, estranhos aos negócios sociais, sob pena de o infractor responder perante a sociedade pelos prejuízos que lhe causar.

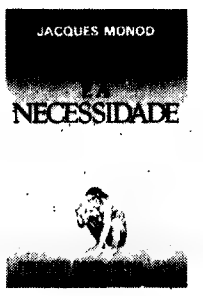
SEXTO — As Assembleias Gerais serão convocadas por meio de cartas registadas, dirigidas aos sócios com a antecedência mínima de oito dias, salvo nos casos em que a Lei exija outras formalidades.

PARÁGRAFO ÚNICO — O sócio impedido de comparecer à Assembleia Geral poderá fazer-se representar, por outro sócio, mediante simples carta, por ele assinada, dirigida à sociedade.

NOVIDADES na BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA

A BIOLOGIA DO EGOÍSMO
Germano Sacarrão
(Professor catedrático de Zoologia e Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade Clássica de Lisboa).
Reflexão sobre o darwinismo, nos seus prolongamentos ideológicos, na sua relação com a sociedade

METODOLOGIA E TÉCNICAS LITERÁRIAS
SALVATORE F. DI ZENZO
PIETRO PELOSI
Estudo prático de análise textual



O ACASO E A NECESSIDADE
JACQUES MONOD
(Prémio Nobel da Medicina)
«Ensaio sobre a filosofia natural da biologia moderna»

TRADUZIR Teoremas para a TRADUÇÃO
J. R. LADMIRAL
(filósofo, linguista, tradutor)
A teoria da tradução feita a partir da prática de tradutor

uma edição com a garantia de
PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

FINALMENTE
É FÁCIL IR A ESPANHA!

CONFORTO. RAPIDEZ. ECONOMIA
PARTIDAS REGULARES EM AUTOCARRO
A SEXTA, DOMINGO E TERÇA
CONSULTE AS AGÊNCIAS DE VIAGENS E EMPRESAS RODOVIÁRIAS

INTERCENTRO
Av. Casal Ribeiro 18 B
Telefs. 571745 1000 LISBOA

Intersul
Av. Rep. Guiné Bissau 17 2 Dto.
Telef. 29043 2900 SETÚBAL

TRANSPORTES INTERNACIONAIS RODOVIÁRIOS

Para combater o desemprego

Governo de Paris vota reforma aos 60 anos

O princípio da reforma aos 60 anos, em vez de ser aos 65, para os cerca de 18 milhões de pessoas que compõem a população activa francesa (55 milhões de habitantes), foi ontem adoptado em Paris pelo Conselho de Ministros.

O conselho adoptou igualmente projectos de lei e regulamentos sobre a formação profissional dos jovens, sobre a extensão dos jovens, sobre a extensão dos direitos dos trabalhadores nas empresas e sobre a concessão de «cheques-férias» para os trabalhadores que tenham os rendimentos mais baixos

Trata-se do último caderno de medidas sociais do programa do Governo cujo principal é atacar o desemprego, que afecta eois milhões de pessoas.

A mais contestada das medidas anteriormente adoptadas tinha sido a redução do tempo legal de trabalho de 40 para 39 horas, não pelo seu princípio, mas sim pelas suas modalidades de aplicação, que deram lugar a numerosos conflitos.

Depois do seu fracasso nas eleições locais dos dias 14 e 21 de Março (eleições cantonais), o Governo empenhou-se em prosseguir a sua política de reformas, pondo um maior cuidado na sua preparação e avaliando as suas consequências de maneira mais precisa.

Apesar da vontade do Governo francês em prosseguir essa política à diminuição da idade da idade da reforma parece ser para certos observadores, mesmo os que são favoráveis ao Governo, uma medida da qual se ignora ainda o custo.

Em princípio, qualquer assalariado que atinja a idade de 60 anos e que tenha descontado durante 37 anos e meio para o sistema obrigatório da segurança social, reformar-se-á com uma pensão máxima de cerca de 3300 F.F. (cerca de 39 contos).

IRA ataca em Belfast

Três soldados mortos numa emboscada

Três soldados britânicos morreram e mais seis pessoas feridas numa emboscada montada ontem de manhã pelo I. R. A. numa rua movimentada de Belfast, Irlanda do Norte, contra uma patrulha do exército britânico. Os atacantes dispararam contra a patrulha a partir de dois pontos das escadas de um prédio, fugindo de seguida pelas traseiras. Na foto um cobertor esconde o cadáver de um dos soldados.

Vitória do SDP britânico

Jenkis eleito em bastião conservador

Roy Jenkins, candidato do Partido Social-Democrata Britânico, foi ontem eleito deputado pela circunscrição de Hillhead, nos arredores de Glasgow. A vitória de Jenkins, um dos mais detacados dirigentes do SDP, apresentado como o seu líder natural, coincidiu com o primeiro aniversário do partido, que resultou de uma cisão da «ala moderada» do «Labour», e vem culminar três vitórias consecutivas em eleições locais dos sociais-democratas.

A eleição do antigo ministro do Tesouro e presidente da Comissão Europeia numa zona de tradição conservadora, um bastião «Tory» desde o final da Primeira Guerra Mundial, vem demonstrar, segundo observadores de Londres, a crescente influência do SDP.

Com efeito, a vitória de Jenkins, uma maioria de 2038 votos sobre o seu adversário mais directo, o conservador Gerry Malone, inverteu totalmente a tendência de voto na circunscrição de Hillhead. O seu antecessor, o conservador Sir Thomas Galbraith, fora eleito em 1979 com 2002 votos de maioria. No âmbito dos números, e a nível de percentagens, o Partido Trabalhista aparece também como derrotado, com a percentagem de 24,8 por cento dos sufrágios, contra os 33,4 dos sociais-democratas e 26,6 dos conservadores. No entanto, para estes últimos, a derrota tem um duplo sabor amargo. Por um lado, foi a perda de uma posição eleitoral considerada histórica, de grande valor simbólico. Por outro, as medidas anunciadas nas vésperas da eleição pelo Governo de Londres em socorro do seu candidato, não surtiram qualquer efeito, uma vez que o eleitorado preferiu ignorar as medidas fiscais e os planos de investimentos estrangeiros revelados à última hora. Assim, o teste de popularidade atingiu ainda mais directamente o Governo da sr.ª Thatcher. A terceira alternativa de que falava Jenkins após a sua eleição, alternativa política à tradicional alternância conservadores-trabalhistas, parece estar em marcha.

O casal Jenkins com um aderente do SDP

Bilbau

Absolvidas todas as rés acusadas de aborto

O tribunal provincial da cidade basca de Bilbau absolveu ontem nove mulheres julgadas por práticas abortivas.

Júlia Garcia, acusada deprática de três abortos noutras mulheres, foi condenada a nove anos e seis meses de prisão, mas o tribunal recomendou que ficasse livre ao abrigo das amnistias de 1975 e 1977.

As mulheres foram julgadas por ofensas cometidas entre 1968 e 1976. O julgamento foi adiado por duas vezes por falta de comparência das principais acusadas.

As outras rés eram na sua maioria mulheres de trabalhadores de Basauri, uma área industrial dos arredores de Bilbau.

A sentença dizia que cinco rés foram absolvidas por falta de provas e as quatro restantes porque na altura em que abortaram oxagiram por cn iderarem que o aborto era o menor mal nas circunstâncias em que viviam na altura».

Algumas acusadas disseram ao tribunal que tinham interrompido a gravidez devido aos graves problemas económicos que as suas famílias atravessavam e porque a compra de contraceptivos era ilegal na altura.

O julgamento provocou uma série de manifestações de rua e protestos por parte de mulheres que defendem o aborto.

Grupos parlamentares de esquerda estão a exercer pressões para que um projecto de lei que legaliza o aborto seja apresentado e debatido na câmara baixa.

Tribunal decidiu

Prisão para raptores de Dozier

Um tribunal de Verona condenou ontem 17 membros das «Brigadas Vermelhas» a penas de prisão que variam entre os 26 meses e os 27 anos, por os considerar culpados do rapto do general norte-americano James Dozier.

Após sete horas de deliberação, os três juízes, encabeçados por Francesco Pulicini, leram as sentenças perante o pesado silêncio da sala de audiências.

O tribunal aplicou a pena mais pesada – 27 anos de prisão – a Cesare Di Lenardo, um dos elementos detidos que se recusou a colaborar com a Polícia.

Alberta Biliato, de 36 anos, namorada de Lenardo, que também reivindicou a qualidade de prisioneira política, teve uma pena de 17 anos e seis meses de cadeia.

Antonio Savasta, 27 anos, líder confesso do grupo que raptou o general Dozier e o manteve sequestrado aparentava grande nervosismo e abanava a cabeça enquanto se ouvia a leitura da sentença. Savasta foi condenado a 16 anos e seis meses de prisão, dois anos e meio mais do que a acusação pedira.

Os restantes oito réus que se encontravam no tribunal permaneceram muito sérios e imóveis nas suas duas gaiolas de aço. Oito outros acusados, que ainda se encontram fugidos, foram julgados à revelia.

Cerca de 50 amigos e familiares dos réus permaneceram no fundo da sala de audiências.

Tina Francella, mãe de Emnuela Francella, de 22 anos, uma das condenadas, escondeu a cara com o jornal para evitar que os fotógrafos lhe tirassem a fotografia.

Após a leitura da sentença, a senhora Francella e seu marido Mário acenaram tristemente na direcção da filha e abandonaram a sala do tribunal.

A setença mais leve – dois anos e dois meses – coube a Ruggio Volinia, 25 anos, que guiou o automóvel na noite em que Dozier foi raptado e posteriormente indicou à Polícia o esconderijo onde o general se encontrava sequestrado.

Conforme iam sendo conhecidas as sentenças, os réus olhavam ansiosamente na direcção dos amigos e familiares, muitos dos quais choravam enquanto outros lhes atiravam beijos com os dedos ou lhes dirigiam sorrisos de encorajamento.

O procurador público, Guido Papalia, declarou-se «contente» com o resultado do julgamento, mas todos os 14 advogados de defesa, anunciaram tencionar recorrer das sentenças na próxima semana.

Os oito réus julgados à revelia foram condenados a oito anos de prisão cada.

Ministro polaco denuncia pressões do Ocidente

O ministro polaco dos Negócios Estrangeiros, Jozef Czyrek, afirmou ontem que a Polónia é objecto de uma «campanha sem precedentes de pressões ocidentais destinadas a alterar o equilíbrio das forças e a realidade política na Europa».

Discursando no parlamento no início de uma sessão de dois dias, Czyrek disse que as tensões internacionais em relação aos acontecimentos na Polónia não são provocadas pela lei marcial instaurada pelo regime de Varsóvia mas «pela substância da actual política norte-americana».

Na audiência no parlamento, a que assistiu também o general Wojciech Jaruzelski, o ministro polaco acrescentou que «a campanha de pressões inclui agressão com propaganda política, restrições económicas, esforços para isolar a Polónia e limitar os contactos bilaterais».

Por outro lado, o vice--primeiro-ministro Mieczyslaw Rakowsky declarou que a resistência ao regime militar continua e que as autoridades ainda não decidiram quando levantarão a lei marcial, imposta no passado dia 13 de Dezembro.

«Existem ainda inimigos contra este governo» – disse Rakowski ao jornal das Forças Armadas – «eles tentam lutar contra as autoridades».

Entretanto Patrycjusz Kosmowski, presidente do «Solidariedade» na região de Podbeskidzie, foi condenado a seis anos de prisão por haver prosseguido a sua acção sindical após a proclamação da lei marcial na Polónia – anunciou a agência PAP, captada hoje em Paris.

A agência noticiosa oficial polaca acrescenta que o tribunal de Bielsko-Bila, que pronunciou esta sentença, condenou na mesma ocasião outro militante do «Solidariedade», Jery Jachnik, a um ano de cadeia, por haver dado asilo a Kosmowski quando este era procurado pela polícia militar.

Entretanto, segundo anunciou ontem Rádio Varsóvia serão parcialmente restabelecidas a partir de 29 de Março, as comunicações telefónicas entre a Polónia e o estrangeiro.

Contudo, apenas os serviços estatais, as centrais de comércio e as agências de viagens poderão utilizar essas ligações com o estrangeiro e apenas depois de terem formulado expressamente um pedido de restabelecimento de linha.

As ligações automáticas entre as diversas voivodias polacas serão também restabelecidas na mesma data.

Apelo do Papa difundido em Varsóvia

A Imprensa polaca de ontem destacava o apelo do Papa João Paulo II para que os seus concidadãos mostrem moderação e prudência face à situação no país.

O Papa foi citado na Imprensa e rádio pedindo aos polacos que «evitem reacções de massa imprudentes e pressionem prudentemente no sentido das suas reivindicações individuais e sociais».

O apelo foi feito na quarta-feira passada em Roma, durante a audiência geral semanal do Sumo Pontifice.

TASS denuncia "ignorância" ou "falsidade" da NATO

A União Soviética denunciou a decisão tomada pelos ministros da Defesa da NATO de prosseguir com os planos de instalação de 572 mísseis norte-americanos de médio alcance na Europa Ocidental.

O analista militar da agência TASS, Vladimir Bogachyov, escreveu que os ministros manifestaram uma atitude negativa ao acusarem a União Soviética de tentar consolidar o monopólio de Moscovo em mísseis no continente europeu. É difícil dizer se é a ignorância ou a falsidade deliberada que prevalece em tal comunicado, comentou.

Bogachyov considerou ainda que os ministros ocidentais deveriam lembrar-se de que a União Soviética tenciona colocar o Ocidente e, em especial, o território dos Estados Unidos, em posição análoga, caso os novos mísseis da NATO sejam apontados para a URSS.

Weinberger na Ásia

O secretário norte-americano da Defesa, Caspar Weinberger, chegou ao Japão no início de uma digressão por três países da região, durante a qual inspecionará as bases militares ali instaladas pelos Estados Unidos.

Weinberger procurará durante esta viagem, obter a reafirmação do compromisso dos Aliados dos Estados Unidos «de defender a região ocidental do Pacífico».

O avião da força aérea norte-americana, que transportou Weinberger, chegou ao Japão às 15h, 14 tmG (mesma hora de Lisboa) após um voo desde Colorado Springs, Colorado, onde participou na reunião da NATO.

Oposição categórica

O Partido Social Democrata Canadiano manifestou ontem em Otava a sua oposição categórica ao plano governamental de testar no Canadá os mísseis norte-americanos «Cruise».

A dirigente social-democrata Pauline Jewett, declarou ante uma comissão parlamentar tratar-se de uma das mais graves, ameaçadoras e desestabilizadoras decisões dos últimos anos.

Os liberais, no Governo canadiano, aceitaram, em princípio, a proposta norte-americana, embora as negociações não estejam ainda concluídas.

As "eleições" em El Salvador

D'Aubuisson é o favorito reconhece o embaixador dos EUA

Deane Hinton, embaixador dos Estados Unidos em El Salvador, declarou ontem que o partido de extrema-direita de Roberto D'Aubuisson é o favorito para as «eleições» de domingo para a assembleia constituinte em El Salvador.

D'Aubuisson, descrito pelo anterior representante diplomático de Washington, Robert White, como «um assassino patológico», é o líder da Aliança Renovadora Nacional (ARENA), que acusa o presidente democrata-cristão, Napoleon Duarte, de ser comunista. O embaixador Hinton considerou que o ex-major líder da ARENA, estará certamente na assembleia: «Não há dúvidas quanto a isso. É o candidato número um por São Salvador e não se põe em causa que ele tenha os votos para eleger um certo número de deputados pela capital».

Deane Hinton falava com jornalistas no pátio da sua residência oficial, na capital salvadorenha.

Repetiu, declarações anteriores, de que o Governo de Washington procurará trabalhar com quem quer que ganhe as «eleições» de domingo.

Quanto à hipótese de ser D'Aubuisson o vencedor, Hinton admitiu que isso «não seria exactamente positivo

Roberto D'Aubuisson: se ele ganhar as eleições teremos novo golpe de Estado na América Central?

para a opinião pública mundial».

Não comentou, todavia, as afirmações do seu predecessor, de que o ex-major estava implicado em diversos assassínios políticos, incluindo o do arcebispo Óscar Romero.

Pouco antes de ser morto, o chefe da Igreja salvadorenha qualificou D'Aubuisson de «mentiroso, torcionário, assassino».

Recorda-se que os seis partidos que concorrem às eleições organizadas por Napoleon Duarte são todos de direita e extrema-direita.

Deane Hinton calculou que existam 1,45 milhões de pessoas entre os 4,5 milhões de habitantes do país com capacidade para votar no domingo.

Considerou que, «se 500 000 votassem, seria uma «eleição» com êxito, se fossem 600 000, seria muito satisfatório, e 700 000 ou mais seria fantástico».

Historicamente – disse o embaixador – pode esperar-se uma afluência de cerca de 30 por cento, mais ou menos 435.000 eleitores.

Além da Democracia Cristã de Napoleon Duarte, o homem querido de Wishinston, e da ARENA quatro outros partidos de direita concorrem às «eleições»: o Partido de Conciliação Nacional, o de Orientação Popular, a Acção Democrática e o Partido Popular Salvadorenho todos defendem o regresso «da ordem, da liberdade, do patriotismo e da paz».

Dessas quatro formações partidárias, apenas a Acção Democrática (que representa principalmente a classe média e o sector dos negócios) bem como o Partido de Conciliação Nacional (representante das empresas privadas) poderão conseguir lugares em número decisivo, embora não suficiente para governarem sozinhos. Terão, assim, de procurar alianças com os dois principais partidos, os quais também não conseguirão por si só, conquistar a maioria absoluta da câmara, segundo todos os indicadores.

Guerrilha em plena acção

No seguimento da palavra de ordem «a luta continua antes, durante e depois, das «eleições», que consideram uma farsa (no que é acompanhada pela opinião pública mundial progressista), a guerrilha intensifica a sua acção.

Vários atentados perpetrados ontem pela oposição armada contra serviços públicos privaram totalmente de água potável e de electricidade a cidade de San Miguel, a terceira do país em número de habitantes, situada 137 km a leste de San Salvador, no distrito com o mesmo nome.

Na capital apesar do reforço de tropas, no passado fim-de-semana, depois da instauração do estado de alerta no país, os guerrilheiros da FMLN actuaram por várias vezes.

O Conselho Central das Eleições, instalado no nordeste de San Salvador, foi atacado a partir de quarta-feira à noite pelos guerrilheiros, que conseguiram retirar-se da zona do vulcão de San Salvador, onde o exército tinha procedido durante os últimos meses a «operações de limpeza», que não resultaram.

Nicarágua-EUA

Ortega disposto a avistar-se com Reagan

O Coordenador da Junta de Governo da Nicarágua, Daniel Ortega, declarou ontem que está disposto a ter «em qualquer momento» conversações com o presidente Ronald Reagan, inclusive quando da sua estada nos Estados Unidos por ocasião dos trabalhos do Conselho de Segurança da ONU, reunido a pedido de Manágua.

Numa conferência de Imprensa dada dada na sede da ONU, Ortega acentuou que o governo americano pôs de parte a hipótese de enviar tropas para a América Central, mas não afastou a possibilidade dum recurso a acções indirectas, «através de outros países».

O chefe de Estado nicaraguense admitiu que as propostas formuladas pelo secretário norte-americano, Alexander Haig, ao ministro dos Negócios Estrangeiros mexicano, Jorge Castaneda, são, no fundo, as mesmas que as feitas, em Agosto passado, em Manágua, pelo secretário de Estado adjunto para os assuntos interamericanos, Thomas Enders.

Para Ortega, a diferença está em que, naquela altura, Washington não queria negociar, mas «impôr estas propostas». «Para que as propostas de Haig tenham sentido – continuou Ortega – os Estados Unidos devem declarar claramente que não tencionam agredir a Nicarágua».

Daniel Ortega exprimiu acolhimento favorável ao plano das Honduras propondo um desarmamento geral na América Central, mas indicando que as Honduras deviam começar por suspender «a protecção concedida por certos sectores do exército hondurenho aos somozistas, para atacar a Nicarágua».

Debate adiado

O Conselho de Segurança das Nações Unidas adiou o debate sobre a queixa da Nicarágua, depois de a representante dos Estados Unidos, Jeane Kirkpatrick, ter negado categoricamente que Washington esteja a preparar-se para intervir na Nicarágua.

Os trabalhos do Conselho de Segurança deverão prosseguir na próxima semana.

O comandante Ortega disse ainda que o seu Governo está disposto a assinar imediatamente um pacto de não-agressão com todos os países da América Central, «para garantir a paz e segurança na região».

Acentuou, porém, que a política da actual administração americana «contradiz a realidade da região. Foi a iminência de uma intervenção na América Central que nos obrigou a convocar esta sessão», acrescentou Ortega.

Guatema

O órgão do PC soviético, «Pravda», diz hoje que não é de esperar» qualquer mudança importante» na Guatemala, depois do golpe de Estado de terça-feira passada.

A nova Junta no Poder, afirma o jornal, é formada por «representantes dos meios de extrema-direita da soldadesca do país» que, desde a chegada ao Poder, começou a «ameaçar os patriotas que lutam pela liberdade e a democracia».

Situação explosiva na Cisjordânia

Autarcas palestinianos não aceitam destituição

O presidente da Câmara de Nablus, na Cisjordânia, Bassam Al-Shaka, destituído das suas funções pelas autoridades israelitas de ocupação, declarou que se recusa a aceitar esta acção que classificou de ilegal.

O autarca palestiniano disse à agência Reuter que soldados israelitas o impediram, e ao conselho municipal, de entrar no edifício da Câmara.

«Eles riram-se de mim e disseram que era apenas meio homem» – contou Al-Shaka, que perdeu ambas as pernas em 1980, em consequência de um ataque bombista atribuído pelos palestinianos a extremistas judeus.

Outro dos presidentes demitidos compulsivamente, Elias Freij, da cidade de Bethlehem, disse que esta medida das autoridades israelitas constitui «o prelúdio de anexação da área».

Esta medida provocou uma série de protestos por parte de governos ocidentais e árabes, Washington diz-se muito preocupada.

Nas cidades libanesas, assim como na Síria e na Jordânia, foi efectuada uma paralisação simbólica de uma hora, destinada a manifestar «solidariedade com as manifestações de protesto na margem ocidental e na faixa de Gaza».

Em Jerusalém, as autoridades israelitas prenderam 30 palestinianos que se encontravam em greve de protesto pelas medidas contra os autarcas.

Na margem ocidental, as cidades de Nablus, Jenin e Tulkarm foram palco de manifestações de estudantes, que agitaram a bandeira palestiniana, verde negra e vermelha, e apedrejaram as forças de segurança israelitas, noticiou a Rádio Israel.

Contudo, o incidente mais violento ocorreu na faixa de Gaza, onde duas granadas foram lançadas contra um veículo do exército israelita, matando um soldado e ferindo outros três.

Este atentado foi reivindicado pela Frente Democrática de Libertação da Palestina, uma das facções da Organização de Libertação da Palestina (OLP).

Contudo, esta organização demarcou-se já do atentado, num telefonema, à agência Associated Press, em Beirute.

O comité executivo da OLP, que ontem esteve reunido durante quase todo o dia, emitiu um comunicado no qual reafirma que Israel tenciona anexar a margem ocidental e apela ao apoio árabe e internacional.

Acrescenta que foram tomadas algumas decisões destinadas a apoiar os levantamentos das populações palestinianas na margem ocidental, mas não dá pormenores.

Apelo da OLP

A Organização de Libertação da Palestina (OLP), apelou às Nações Unidas e à Cruz Vermelha Internacional para que ponham fim à «escalada de repressão contra a população dos territórios árabes ocupados».

O observador permanente da OLP junto destas instituições em Genebra, Daoud Barakat, enviou cartas urgentes ao presidente do Comité Internacional da Cruz Vermelha, Alexandre Hay, e ao comité especial da ONU que investiga a situação dos direitos humanos nos territórios árabes ocupados.

Nestas cartas, a OLP pede a recolocação dos presidentes das câmaras de Nablus, Ramallah e El Bireh, demitidos pelas autoridades israelitas, e acentua que «a violência israelita alcançou nestes últimos dias o paroxismo».

Reforma Agrária em Cabo Verde

Aprovado o princípio da indemnização

A Assembleia Nacional Popular de Cabo Verde aprovou o princípio da indemnização da Reforma Agrária.

Pedro Pires defendeu o articulado da lei agora em discussão no plenário da Assembleia, incluindo a aplicação do princípio da indemnização aos proprietários que abandonaram o país depois da independência e classificados como absentistas.

O primeiro-ministro cabo-verdiano lembrou a política «realista, pragmática e flexível do seu Governo – responsável, disse, pela imagem que o país tem no exterior.

«É preciso distinguir os grandes interesses dos pequenos princípios», afirmou o dirigente cabo-verdiano, lembrando aos deputados que se batiam pela eliminação do princípio da indemnização em relação aos absentists, os condicionalismos impostos à política interna e externa de Cabo Verde por factores exteriores.

Dependemos do exterior, ou não dependemos? Dependemos alimentarmente do exterior, ou não defendemos? Pergunta o chefe do executivo cabo-verdiano.

O secretário-geral adjunto do PAICV, que falou de improviso, assentou toda a sua argumentação na imagem de Cabo Verde, afirmando, nomeadamente, que «este país pretende ser um Estado de direito e ter a imagem de um Estado de direito».

«Nesta terra mesmo os reaccionários têm direito à justiça» – disse.

A propósito do direito à justiça extensivo a todos, Pedro Pires lembrou alguns factos que receberiam a aprovação dos «radicais».

«O radicalismo não conduz a lado nenhum», sublinhou Pedro Pires durante o discurso, que destruiu toda a oposição ao princípio da indemnização como base da execução da Reforma Agrária.

Encontro Reagan-Pertini

O presidente italiano, Sandro Pertini, foi ontem recebido na Casa Branca pelo seu homólogo norte-americano, Ronald Reagan, como um firme aliado e um campeão da liberdade.

Na sua saudação ao visitante, Reagan disse que «a preservação da liberdade não é uma tarefa para os fracos».

«Enfrentaremos juntos os desafios do futuro», garantiu o presidente dos Estados Unidos, que agradeceu a libertação pela polícia italiana, do general da NATO, James Dozier.

Pertini, que agradeceu o acolhimento amigável, declarou por seu turno, que «preciosos laços de sangue cresceram entre os dois países nos dois últimos séculos.

Apesar da existência de algumas divergências entre os dois governos, incluíndo a política norte-americana para a América Central, o idoso governante italiano abraçou calorosamente Reagan, quando este saiu do automóvel oficial.

Vaga de prisões no Bangladesh

A presidente da Liga AWAMI (oposição), Asina Wazed, foi detida ontem, em Dacca, pela administração da lei marcial instaurada após o golpe de Estado de quarta-feira no Bangladesh, segundo noticiou a agência indiana PTI.

Mais de 500 pessoas foram presas e mantidas em situação de incomunicabilidade, em diversas regiões do país, incluindo três antigos ministros: o das Finanças, Saufur Rahman, do Desenvolvimento da Mão-de-Obra, Atauddin Khan, e do Comércio, Chowdhury Tanvir Ahmed Siddique, indicam da mesma fonte.

O antigo deputado da oposição, Suranjit Sen Gupta, o antigo dirigente da Associação dos Combatentes da Liberdade, coronel Nuruzzman, e o director de uma escola, R. B. Shaha, encontram-se igualmente detidos.

O novo homem forte do Bangladesh, general Hussain Mohammad Ershad, designou ontem um conselho consultivo de três membros para o assistir na direcção do país.

Administrador-chefe da lei marcial e comandante supremo das Forças Armadas, o general Mohammad Ershad será aconselhado pelos dois vice-administradoreschefe da lei marcial, almirante Mahboob Ali Khan e vice-marechal da Força Aérea, sultão Mahmod, tal como pelo procurador-geral, K. M. Baker.

A administração da lei marcial anunciou que a corrupção e a detenção ilegal de armas seriam, a partir de agora, passíveis da pena de morte.

Outros delitos, como a aquisição de bens por meios fraudulentos, serão passíveis da pena de morte, de prisão perpétua ou de 14 anos de trabalhos forçados.

Estas novas disposições legais poderão ser aplicadas ao presidente Abdus Sattar, derrubado pelo golpe de Estado, aos membros do Governo e do Parlamento, aos funcionários e às autoridades regionais, acrescenta a agência indiana.

Entretanto, ao tempo em que, tanto Nova Deli como Londres manifestam o seu desejo de ver restabelecido um novo Governo constitucional no Bangladesh, o presidente do Paquistão, general Zia Ul Ha, dirigiu ao general Mohamed Ershad uma mensagem na qual faz votos pelo estreitamento da amizade e compreensão entre os dois países.

Ataque em Bombaim ao Consulado dos EUA

Morreu um manifestante e ficaram feridos vários outros, durante um ataque lançado ontem, contra o Consulado dos Estados Unidos em Bombaim, segundo informações colhidas na capital da União Indiana.

Guardas do Consulado americano abriram fogo, quando os manifestantes, que afirmavam pertencer às «Forças Indianas Independentes», lançaram contra o edifício bombas de fabrico artesanal, ampolas de ácido e outros projécteis.

DESPORTO

Borg, tal como o imaginávamos

Vencedor de Cascais

"Borg já se pareceu com o antigo campeão"

Vitas Gerulaitis declarou que o Bjorn Borg que ontem o venceu na final do torneio-exibição disputado no Pavilhão de Cascais «já se pareceu com o antigo» campeão.

Lennart Bergelin, treinador do tenista sueco que esta semana regressou aos «courts» após cinco meses de afastamento, tinha a mesma opinião: «Foi a primeira vez que o vi actuar como antigamente», sublinhou o técnico de Bjorn Borg.

Borg, 25 anos, cinco vezes campeão em Wimbledon e seis em Roland Garros mas ainda sem concretizar o sonho de vencer em Flushing Meadow, nos Estados Unidos, melhorou bastante entre o primeiro e o segundo dia do torneio-exibição que levou cinco mil pessoas ao Pavilhão Gimnodesportivo de Cascais.

Depois de uma pouco convincente vitória na véspera por 2-1 (1-6, 6-2, 6-4) frente ao australiano Paul McNamee, sem dúvida em boa forma, Borg defrontou na final o norte-americano Vitas Gerulaitis e o seu triunfo por 2-0, com 7-6 e 6-1, desforraram a derrota de três dias antes, em Copenhaga, no seu primeiro jogo em cinco meses.

No primeiro «set» da final Gerulaitis chegou com relativa facilidade a 4-1 e depois a 5-2. Borg salvou mesmo um «set point» e, aumentando o ritmo de jogo, recuperou até aos 5-5. Gerulaitis fez 6-5 para Borg de novo igualar. No «tie breac» Borg impôs-se com surpreendente autoridade por 7-2.

Os 52 minutos de duração deste primeiro «set» entre os finalistas do torneio foram o melhor ténis exibido no certame que em prémios valeu 120 mil dólares (cerca de 8,4 milhões de escudos), dos quais 60 mil para o vencedor e 30 mil para o 2.º classificado.

O segundo «set» durou metade do tempo do anterior. O tenista sueco necessitou apenas de 26 minutos para vencer por 6-1, depois de chegar rapidamente aos 5-0 perante um Gerulaitis sempre muito perigoso e eficaz junto à rede mas sem conseguir aguentar o frio e desgastante jogo de Borg.

O campeão sueco, que em Portugal inicia uma recuperação para os grandes torneios da época, esteve ainda longe da sua melhor forma e, se mostrou alguns lances de «virtuoso» da raqueta, não deixou de surpreender pelas falhas nos serviços e pelas deficientes colocações de bola.

Porém, a sua nítida melhoria entre o primeiro e o segundo jogo mereceu do tenista sueco o mais simples dos comentários: «Foi uma boa noite de sono», respondeu depois do jogo.

Borg, acrescentou que Vitas Gerulaitis, que na véspera derrotara facilmente o alemão-federal Rolf Gehring, por 6-2, 6-4, começara bem mas perdera a concentração. Vitas disse, por seu turno, ter sentido a determinada altura a pressão de Borg, que começara a bater a bola muito melhor.

Para o tenista norte-americano, Borg esteve em Cascais muito mais próximo do seu valor do que três dias antes, em Copenhaga.

Bjorn Borg actuará amanhã em Famalicão, ainda com Vitas Gerulaitis, e parte no domingo para Monte Carlo, onde se treinará alguns dias para o Grande Prémio do Mónaco.

«Ainda nada decidi quanto a torneios posteriores ao de Monte Carlo», declarou após a final do torneio-exibição de Cascais.

Com uma taça ganha e 4,2 milhões de escudos de prémios, Borg afirmou-se disposto a regressar a Portugal, onde acaba de se estrear perante uma vasta plateia que incluiu nomeadamente quatro secretários de Estado, Marcelo Rebelo de Sousa, José Alfaia, Vaz Serra de Moura e Nandim de Carvalho.

McNamee e Gehring, os menos cotados do «ranking» internacional que vieram para completar o quarteto com as duas «estrelas» do ténis mundial, classificaram-se segundo o previsto: o australiano no 3.º lugar, com direito a 20 mil dólares (1,4 milhões de escudos) e o alemão-federal na última posição, mas ainda assim com direito a 10 mil dólares (cerca de 700 mil escudos).

No jogo que disputaram ontem, antes da final, McNamee impôs-se por 6-3 no primeiro «set», mas o segundo ofereceu grande equilíbrio, com triunfo final do australiano em «tie break», 7-6, perante um Gehring consideravelmente inferior mas que conseguiu dar uma certa emoção à derradeira parte do jogo.

Gerulaitis: perturbação e derrota

nós somos a Portucel

Fábrica de Viana do Castelo: 1 milhão de toneladas.

Março de 1982
Em Deocriste
junto a Viana do Castelo

testemunhamos
a actividade de um distrito
e o engenho dos seus homens

Produzindo
mais de 500 toneladas/dia
de papel Kraftliner
somos a maior fábrica
da península
completamente integrada

Empenhando-nos
desde sempre
em vencer a poluição

Mantendo
uma total autonomia energética

Participamos
queremos participar
no futuro deste distrito
e no dos homens que o modelam

Março de 1982:
1 milhão de toneladas.

PORTUCEL
EMPRESA DE CELULOSE E PAPEL DE PORTUGAL, EP.

Borg, o verdadeiro!

Nos «mentideros» destas coisas do ténis, diz-se, à boca cheia, que Björn Borg chegou ontem a Portugal para disputar, à noite, em Cascais, um jogo empolgante com o conhecido Vitas Gerulaitis.

E diz-se também, que, cansado de correr o Mundo e farto de bater-se com segundos planos, Borg tem, desde há tempos, um «duplo», que, à custa de uma enorme parecença física, e com o proveito dos ensinamentos do sósia, avia os primeiros jogos dos torneios em que o campeoníssimo se inscreve.

Por isso é inútil reescrever, ou serquer emendar, o que aqui se disse ontem, sobre o jogo de qualificação para a final do torneio de Cascais que opôs o Björn Borg (sósia) e um combativo McNamee.

Vale a pena é falar da final, que deixou frente a frente o Borg (verdadeiro) e um nome «top» do ténis profissional – Vitas Gerulaitis.

Se o sósia, que está já há dias em Lisboa, se mostrou falho de reflexos, inseguro no «court» e nervoso, o legítimo foi aquilo que se esperava. Um monstro de precisão, com notável capacidade física, capaz de um maravilhoso jogo de pernas que, qual bailarina de Folies Bergères, servia para «épater» o burguês da assistência. E, também, senhor de um perfeito controlo de bola, autor de uns espantosos «amortis». Enfim, é escusado continuar a adjectivar. Borg é Borg, está tudo dito. Só merece sublinhado o facto de, apesar de tudo, ele necessariamente se ressentir de cinco meses de inactividade. Por isso, quase nunca conseguiu concretizar o seu primeiro serviço, e em pontos quase decisivos cometeu duplas faltas. Sombras, no entanto, demasiado pequenas para fazer esmorecer o brilho da sua actuação, contra um Vitas Gerulaitis que, incapaz de distinguir o Borg verdadeiro do Borg sósia, começou animado, chegou a estar a ganhar por 5-2 no primeiro «set» e depois foi cilindrado – 7-6 e 6-1 foram os resultados finais. Mais sessenta mil dólares para Borg (tirando, claro, uma pequena percentagem para o seu «duplo») e trinta mil para Gerulaitis. Valeu a pena ir a Cascais!

José Manuel Vilaça

MICROSCÓPIO

«Slalom gigante» para Maria

A alemã-federal Maria Epple conquistou a prova de «Slalom Gigante» do Campeonato Mundial de Esqui a decorrer em Sansicario, ao efectuar o tempo de 2 minutos e 24,97 segundos nas duas «mãos».

Maria Epple, 23 anos, assegurou a vitória na segunda mão, depois de obter o segundo posto na primeira corrida do dia.

A suiça Erika Hess, com 2.24,33, foi segunda classificada, seguida da norte-americana Christine Cooper (2.24,70).

A suiça Monika Hess e a austríaca Claudia Riedel ocuparam os lugares imediatos da competição.

A alemã-federal Irene Epple, irmã da vencedora da prova, não justificou o seu favoritismo ao terminar no sexto lugar.

Após a prova, a classificação geral do mundial de «Slalom Gigante» ficou assim ordenada: 1.º Irene Epple (RFA), 120 pontos; 2.º Maria Epple (RFA), 110; 3.º Erika Hess, (Suíça), 105; 4.º Tamara Mckinney, (EUA), 74; 5.º Christine Cooper, (EUA), 68.

DESPORTO

Transferências de vento em popa

Amaral é do FC Porto

Amaral não diz que sim, mas um trissemanário desportivo dado hoje à estampa apresenta como «super garantida» a presença a presença do guarda-redes setubalense no FC Porto já na próxima época. Segundo a notícia a que fazem os referência, Amaral contraiu um tal nível de responsabilidade com o clube nortenho que a possibilidade de vir a integrar outro dos emblemas que queria tê-lo do seu lado é remota. Primeiro, recorda-se, foi o caso do Benfica, que acabou por escolher Delgado, e recentemente o Braga com quem o guarda-redes chegou mesmo a firmar um contrato-promessa.

Eurico e Inácio juntam-se a Amaral?

Eurico e Inácio são outros dos nomes que aparecem na «dança das transferências» e também com possibilidades de virem a ser «apanhados» pelo Porto. Nesse sentido aquele clube teria dirigido aos dois defesas sportinguistas propostas financeiras. Relativamente a Eurico a sua participação no Porto será mais plausível se se tiver em conta que o jogador viu recusada a sua proposta quer ao Sporting quer ao Benfica de assinar um contrato, ascendendo a vinte e cinco mil contos, por três épocas. Inácio é um caso diferente uma vez que o Portimonense tem-se sabido manter no concurso para adquirir o jogador.

Central para Alvalade a 2500

Quem quiser entrar domingo no Estádio de Alvalade dificilmente arranjará já o ingresso necessário sem que, por exemplo, recorra ao tradicional mercado negro. Ontem mesmo paredes meias com o campo do Sporting, vários «vendedores» apregoavam bilhetes para a central a 2500$00 (!). Mas, o grande jogo dá ainda nas vistas por outros aspectos envolventes. Por exemplo, o da resolução dos problemas de trânsito agora agravados com o fecho da Alameda das Linhas de Torres. Hoje o problema conhecerá soluções que o atenuem realizando-se para o efeito uma reunião entre dirigentes do Sporting e responsáveis da Divisão de Trânsito da Polícia.

Eurico e Inácio de «braço dado» também na «estrada» para o Porto?

Assembleia do Benfica é hoje

O Relatório e Contas do Benfica correspondente a 1981 será hoje apreciado pelos sócios do clube que estarão reunidos no pavilhão do Estádio da Luz em Assembleia Geral Ordinária, a partir das 20 e 30 horas. Com idêntica finalidade reúnem também os sócios do FC Porto e do Boavista. Neste último clube será também eleita a direcção que sucederá à de Taveira da Mota que, como oportunamente já divulgaramos, decidiu não se voltar a recandidatar.

FC Porto perde no recurso

O «Jury d'Appel» da UEFA, presidido por Sergio Corzi, rejeitou em Zurique o recurso do protesto do FC Porto relativo ao jogo da segunda «mão» com o Standard de Liège para a Taça das Taças.

Os portistas protestaram o encontro, disputado nas Antas, com fundamento na irregularidade cometida pelo futebolista adversário Tamatha, que reentrara no relvado de jogo sem a prévia autorização do trio de arbitragem.

Segundo o mesmo protesto, tal atitude do jogador é punível, pelas regras, com cartão vermelho, o que implicaria a expulsão de Tamatha até final do encontro.

Em resposta, a comissão de controlo e disciplina da UEFA afirmou que a responsabilidade cabia apenas ao trio de arbitragem, indeferindo, assim, o protesto do clube nortenho.

A esta primeira decisão da UEFA, os portistas recorreram da sentença, interpondo segunda instância ao protesto.

A ratificação da decisão pelo «Jury d'Appel» possibilita a passagem dos belgas às meias-finais da competição europeia com uma vitória sobre os portistas por 4-2 no total.

Amaral: «apanhar bolas» para as Antas

Américo Sá responde a Pinto Magalhães

O presidente do FC Porto Américo Sá acusou Afonso Pinto Magalhães de pretender criar condições para o aparecimento de uma comissão administrativa no clube.

Na desistência da candidatura de Pinto Magalhães está implícito o seu desejo de se instalar no clube uma comissão administrativa, visto que só em ditadura ele sabe viver, disse.

Afonso Pinto Magalhães desistiu quarta-feira de se candidatar à presidência do FC Porto e na conferência de Imprensa em que anunciou o seu propósito criticou a gerência de Américo Sá dizendo que **o clube vive em anarquia e à beira da insolvência total.**

O FC Porto está agora menos insolvente do que quando Pinto Magalhães mo entregou em 1972. Nessa altura o passivo era de 30 milhões de escudos, o que não é inferior aos 170 milhões que deixo, tendo em conta a desvalorização da moeda e a inflação, disse.

O nosso passivo, prosseguiu, **é inferior, porque deixámos investimentos no clube (150 milhões de escudos em obras), criámos mais 30 mil lugares no estádio e reforçámos, e de que maneira em relação a 1972, o plantel do futebol.**

O presidente do FC Porto manifestou-se profundamente desgostoso com as críticas de Pinto Magalhães.

Poupei-o sempre, mesmo quando merecia, e ele critica-me quando não mereço, afirmou.

Com a desistência de Pinto Magalhães, apenas uma lista, a de Jorge Pinto da Costa, se apresenta dia 15 de Abril às eleições no FC Porto.

Bilhar

Theriaga: "a sua vez de perder"

O português Jorge Theriaga perdeu ontem com o belga Diellis por 60-56 na quinta jornada do Campeonato Europeu de Bilhar às Três Tabelas, a decorrer no Porto.

Theriaga ocupa o sétimo posto com quatro pontos e uma média geral de 0,957.

O campeão do Mundo Ceulemans (Belgica), venceu facilmente o sueco Blomdahl, por 60-37 e manteve o primeiro lugar do campeonato com dez pontos.

A derrota do italiano Zanetti com o austríaco Scherz por 60-18 constitui a surpresa da jornada, já que o bilharista transalpino é apontado, pelos especialistas, como o mais forte candidato ao segundo lugar, atrás de Ceulemans.

O francês Bitalis impôs-se por 60-50 ao holandês Van Bracht, que quarta-feira opôs forte resistência ao campeão mundial.

A partida, Muller (RFA) - Laursen (Dinamarca), ganha pelo primeiro pela diferença mínima (60-59) foi a mais emocionante da tarde e aquela que mais tempo demorou – cerca de três horas.

A sexta jornada da quadragésima edição do torneio está a disputar-se na sala do Clube Fenianos do Porto.

Resultados da quinta jornada do Europeu de Bilhar: Nadal (espanha) - Guyot (Suíça), 60-51 (56 entradas), médias 1,071--0,910. Melhor série: Nadal 8; Diellis (Bélgica) - Theriaga (Portugal), 60-56 (59) 1,016-0,949. Melhor série: Theriaga 6; Bitalis (França) - Van Bracht (Holanda), 60-50 (58) 1,34-0,862. Melhor série: Van Bracht 6; Scherz (Áustria) - Zanetti (Itália), 60-18 (39) 1,538-0,461. Melhor série: Scherz 5; Ceulemans (Bélgica) -Blomdahl (Suécia), 60-37 (36) 1,666-1,027. Melhor série: Ceulemans 6; Muller (RFA) - Laursen (Dinamarca), 60-59 (57) 1,052-1,035. Melhor série: Laursen 6.

Classificação: 1.º, Ceulemans, 10 pontos (média geral 1,428); 2.º, Muller, 8 (1,053); 3.º, Scherz, 8 (0,963); 4.º, Nadal, 8 (0,898); 5.º, Diellis, 6 (1,254); 7.º, Theriaga, 4 (0,957); 12.º, Guyot, 0 (0,824).

assim vai o TOTOBOLA

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 32 DE 28 DE MARÇO DE 1982

A Comarca de Arganil: 11X XX1 1XX 221X; Rádio Totobola: 111 111 1XX 2XXX; Correio de Coimbra: 1X1 X21 1XX 22X2; Correio do Vouga: 111 111 1XX 2X12; Defesa de Espinho: 111 X11 1X2 X2XX; Diário de Coimbra: 111 11X 1X1 XX11; Ecos do Cacia: 11X 111 1XX 2XX2; Estrela da Manhã: 111 121 1XX 22X2; Eu Sei Tudo: 111 1X1 122 1212; Folha do Domingo: 111 X1X 1XX 2X21; O Jornal de Felgueiras: 111 1X1 1XX 2X12; Jornal de Santo Tirso: 111 X11 X2X 121X; Jornal de Sintra: 1XX XX1 112 X2XX; Jornal Linhas de Elvas: 111 11X 12X 2221; Litoral: 111 X11 111 1X11; Maria da Fonte: 111 XX1 12X 22XX; O Norte Desportivo: 11X X1X 1XX X222; Notícias de Chaves: 111 XXX 12X 1XX2; Notícias de Évora: 111 111 1XX X21X; Notícias de Gouveia: 11X 11X 12X 2222; Reconquista de Castelo Branco: 11X XX1 121 X112; RDP/Secção Desportiva: 111 XXX 1XX 2212; A Voz das Beiras: 111 1X1 12X 121X; A Voz do Domingo/Coluna Desportiva: 11X XX1 1XX 211X; Voz de Lamego: 111 111 1X2 2222; A Voz de Palmela: 11X XXX 1X1 12X1; RDP/Grafanola Ideal: 11X 1X2 1XX 2212; Jornal do Sul: 111 121 1X2 1X21; A Voz do Domingo-/Palpitações: 111 111 111 1XX1; Rádio Renascença/Música e Não Só: 111 X2X 1XX X2XX; RDP/Ponto de Encontro: 111 121 1X2 121X; RDP/Pátio das Cantigas: 112 XX2 12X 121X; RDP/Café com Leite: 212 211 112 2112; Rádio Renascença/Bola Branca: 11X 1XX 11X 2XX2; Diário de Lisboa: 111 X11 1X1 XXX2; Alvo Desportivo: 111 111 1X1 1X1X; O Comércio de Leixões: 11X 1XX 12X 22X2; Estúdio 64: 122 22X 12X 21X1; Jornal de Gaia: 111 12X 112 X1X2; Jornal de Notícias: 111 XXX 1X1 2X21; Manchete Desportiva: 111 1X2 1XX 21X1; Penalty: 111 X11 122 2211; O Primeiro de Janeiro: 111 211 12X 2X12; Quadrante Norte: 111 11X 1X1 XX2X; Rádio Alvo: 111 12X 11X X222; Repórter do Dia: 111 X21 1XX X21X; Resenha Desportiva: 111 XX1 1XX 1XX2; A Voz dos Ridículos: 111 XX1 12X 2X2X; Jornal o Porto: 11X 2X1 11X 222X; Jornal a Voz do Ave: 111 XX1 111 1XX2; Rádio Placard: 111 111 111 1111; Cardeal Saraiva: 111 X11 12X 121X.

	R	E	S	U	M	O	B	O	L	A	S
		1	X	2				1	X	2	a)
1. PORTO - SETÚBAL		51	0	1				11	1	1	
2. BRAGA - PENAFIEL		49	2	1				10	1	1	
3. A. VISEU - ESPINHO		37	12	3				8	3	1	
4. BELENENSES - BOAVISTA		24	24	4				6	5	1	
5. SPORTING - BENFICA		22	21	9				5	5	2	
6. RIO AVE - PORTIMONENSE		33	16	3				8	3	1	
7. ESTORIL - U. LEIRIA		51	1	0				11	1	1	
8. AMORA - GUIMARÃES		10	27	15				2	6	4	
9. FLORENSE - VARZIM		11	32	9				3	7	2	
10. U. SANTARÉM - ÁGUEDA		15	12	26				4	3	5	
11. RIO MAIOR - ACADÉMICO		7	19	26				2	4	6	
12. JUVENTUDE - FARENSE		22	19	11				5	4	3	
13. E. LAGOS - MARÍTIMO		12	18	22				3	4	5	

a) - Nos termos do Artº 149. do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.-

A "CHAVE" LÓGICA SERÁ :

111 1ou X11 1XX 2212

crítica de cinema

JORGE LEITÃO RAMOS

"Pixote" De Hector Babenco

O Brasil a demonstrar um cinema não ignorável

Eis um filme invulgar. Suficientemente forte para adquirir fama e proveito. Apostando numa acção sempre violenta, capaz de nos agarrar, conduzir. Jogando em crianças e as crianças, se não têm sempre razão, são sempre bem amadas pelo espectador. **Pixote** tem trunfos e usa-os.

É uma espécie de «Mundo Cão» da delinquência juvenil brasileira ou os «400 golpes» do subdesenvolvimento latino-americano? Nem tanto ao mar nem tanto à terra. É um filme que denuncia alto, em gritaria, nunca soando a falso mas muitas vezes soando a fraco. Está no meio da engrenagem e vomita-a, mas porquê? Há o óbvio sentimentalismo face às crianças (sobretudo face a esse menino espantoso que é Pixote); chega?

Pixote é ainda um cinema que parece que se não pensa, que jorra, mas quanta «mão» por ali se sente! No tratamento e escolha dos personagens (notável o miúdo homossexual), na criação de tensão e de repouso (o plano em que o miúdo homossexual canta Caetano Veloso frente a Copacabana é inesquecível), nos momentos de violência, sangue e morte e nas fugas, pequenas brechas de ternura no edifício sórdido.

Não é já a lição do cinema novo de Glauber, Guerra, Diegues. É ainda, porém, uma estética da fome, urbana. Uma espécie de raiva, funda, escaldante. Um olhar sem boas intenções nem catecismos e isso é bom.

Mas há uma questão que sobra: que licitude a de usar miúdos num filme que não é deles nem para eles e que se duvida que seja por causa deles? Dúvida difusa (talvez marcada pelo mau passo de **Lúcio Flávio, o passageiro da agonia**), de difícil âncora, só suspeitada.

Filme invulgar. Tem garra para nos prender mas não nos convence. Faz-nos estremecer de indignação mas sem caminho. É como que uma vergastada: a gente espinoteia mas depois serena. Há alguma empatia possível com o mundo deste filme? Não e esse é que é o problema. **Pixote** fala na terceira pessoa do plural, a mais longínqua. «Eles», claro.

Os grandes filmes são os que ousam avançar até ao «nós», cortar até ao «eu».

FICHA:

Realização: Héctor Babenco (Brasil - 1980)
Fotografia: Rudolfo Sanches.
Música: John Neschling
Podução: José Pinto e Paulo Francini.
Interpretação: Fernando Ramos da Silva (**Pixote**), Marília Pera (**a prostituta**), Jardel Filho, Rubens de Falco, Beatrix Segal, Jorge Julião, Gilberto Moura, etc..
Distribuição em Portugal: Sacil.
Cinemas: Estúdio 444 e Quarteto - sala 4.
Classificação: Interdito a menores de 18 anos.

E se Cristo fosse negro?

O primeiro-ministro sul-africano, membros do seu gabinete, além de uma enorme multidão aguardam no aeroporto internacional de Joanesburgo a chegada de um avião de Israel.

Mas, eis que Botha e os seus mais próximos se agitam repentinamente e abandonam o aeroporto.

O visitante, há tanto esperado, Jesus Cristo em pessoa, era negro.

É assim que começa a peça «Voza, Albert», escrita por Mbonqueni Nguema e Percy Mtua, dois jovens sul-africanos.

A peça denuncia a África do Sul enquanto o regime que remete os africanos para cidadãos de segunda, obrigados ao servilismo. A ideia surgiu, por acaso, quando Nguema perguntou por gracejo a algumas pessoas o que aconteceria a Jesus Cristo se ele fosse negro e chegasse à África do Sul.

Cristo fica impressionado com a política de «apartheid» existente na RSA. Por ser negro é obrigado a usar um passe que comprove a sua identidade. Os africanos que circulem em território para os brancos sem esse documento são castigados com a prisão. Este regime severo foi introduzido em 87 por cento do território nacional. Mas, a impressão de passes para 22 milhões de africanos e a sua renovação custam muito dinheiro. Por esta razão, querem pôr um aro de plástico no pescoço de Cristo. Aliás, não se trata de uma invenção dos autores da peça. As autoridades sul-africanas estão realmente a considerar esta hipótese, o que facilitaria o trabalho da Polícia e economizaria muito ao tesouro.

No decorrer da peça, Cristo visita uma das empresas de Joanesburgo. Aqui, o mestre branco suspeita que ele é comunista e que veio para criar uma organização clandestina terrorista entre os cafres (alcunha desdenhosa dos africanos), e chama a Polícia. Põem Cristo na prisão mas ele foge auxiliado pelo arcanjo S. Gabriel. No entanto, é apanhado de novo e conduzido para a ilha de Robben, perto de Capetown, onde hoje se encontram os combatentes contra o «apartheid» e o racismo. Cristo foge também dali, aparecendo aos olhos dos carcereiros sobre as ondas do golfo, que separa a ilha da cidade. Utilizando um helicóptero, os guardas tentaram matar Cristo, mas as bombas caem sobre Capetown.

No fim da peça, Cristo vai a um cemitério e ressuscita os merecedores. «Voza (levanta-te), Albert», «Voza, Steve», «Voza, Verwoerd». Mas, o guarda do cemitério, presente, interrompe-o. Foi precisamente Verwoerd quem mais concorreu para que o «apartheid» se impussese, que os brancos decidissem pelos africanos, onde devem viver, trabalhar, em que hospitais se devem tratar, que transporte devem utilizar e em que locais devem beber e comer.

Cristo fica desesperado. Não sabe como pode auxiliar os africanos. Mas, sabem-no os autores da peça. Esta termina com um apelo aos africanos, para que se revoltem contra a tirania e a opressão.

E a censura compreendeu o seu significado. A peça foi incluída na longa lista de livros proibidos. Não obstante, as ideias nela contidas espalham-se por todo o país.

Comício fascista no Variedades

Com o título «Ó Zé Arreganha a Taxa» realizou-se no Teatro Variedades, na noite de 20 de Março de 1982, a primeira de uma série de sessões do grupo Os Saudosistas do 24 de Abril também conhecido por Os Campeões do Anticomunismo Primário, também conhecido por Os Antieanistas dos 4 Costados, também conhecido por Os Amigos do Fascismo, também conhecido por Os Analfacaptos & Mentebetos do Antigamente.

Além de alguns passarões de bico amarelo, e de muitos anónimos, participaram, entre outros, os senhores Eduardo Damas, Coelho Júnior e Carlos Coelho (autores); Resende Dias e Manuel Paião (músicos); Moniz Ribeiro (direcção plástica); Vera Mónica, Maria Tavares, Mariema, Vicente Galfo, Carlos Coelho, Carlos Cunha, Rosa do Canto, Pedro Vilar, João Coelho, D. Guimarães (intérpretes); Vasco Morgado (empresário).

Obviamente, por engano, apareceram por lá meia dúzia de pessoas, algumas das quais se retiraram a meio da segunda parte. Nós pertencemos ao número dos retirantes, pois decididamente não estamos interessados em comemorações fascistas, nem pouco mais ou menos. Cada um come do que gosta: se eles gostam do fascismo & colonialismo, é lá com eles. Que lhes faça bom proveito e tenham um lindo enterro.

Uma segunda razão explica a nossa saída antecipada do alegre sarau: tratando-se de um apelo à insurreição e ao golpe corríamos o risco de ver aparecer o senhor Ângelo Correia, encontro em que não estávamos interessados. Dessa ameaça, rápida e alegremente nos safámos. Uff. Sempre se cai em cada uma . . .

Carlos Porto

"Bruxas" fizeram festa

«Finalmente Clube», Travessa da Palmeira: «As Bruxas» comemoraram, com o monumental bolo da praxe e na companhia de alguns amigos da Informação, a 200.ª representação do seu espectáculo agora completamente renovado. Nas mangas largas de Lydia Barloff (a bruxa-mor), alguns contactos (Porto, Lisboa, Coimbra, Madeira, Espanha e Brasil) que o êxito daquele espectáculo de «travesti» no «Finalmente Clube» ainda não deixou concretizar. Na foto: José Vicente, Gomes da Costa, Lydia Barloff, Ruth Briden, Hugo d'Almeida e Armando Teixeira (o produtor). Todos estiveram na «Grande Noite do Fado»: foi o escândalo-sucesso maior.

Feira de Cerâmica nas Caldas da Rainha

A exemplo do que tem sido habitual nos últimos três anos, a Câmara Municipal de Caldas da Rainha apoiada numa Comissão Executiva vai levar a efeito pela quarta vez consecutiva a Feira Nacional da Cerâmica.

A decorrer, como é tradicional, no Parque de D. Carlos I, a Cerâmica 82 aponta para mais um êxito não só em termos técnicos relativamente ao tema que aborda, como também em termos turísticos, pois trata-se dum certame que – os anos passados têm-no provado – muito contribui para a difusão turística da cidade de Caldas da Rainha e de toda a sua região.

A recente presença duma representação caldense na Feira de D. Benito, em Espanha, e a próxima presença na Cevinder 82, em Valência, também em Espanha, no período entre 13 e 18 de Abril próximo, com importantes colecções de peças de cerâmica e pavilhões cuja apresentação muito dignifica a região que defende, traduzem-se num intercâmbio de presenças pelo que se espera – e já no passado ano tal aconteceu – que o país vizinho esteja fortemente representado na feira caldense.

Na Covilhã

Encontro dos Centros Culturais Regionais

Na sequência dos encontros periódicos organizados durante o ano de 1981, pelos Centros Culturais Regionais, realizou-se em 20 e 21 do corrente, na Covilhã, na sede do Centro Cultural Regional da Beira Interior, mais um encontro em que estiveram presentes, além do Centro Cultural da Beira Interior, a Casa da Cultura das Caldas da Rainha, o Centro Cultural Regional de Santarém, o Centro Cultural do Alto Minho e o Cento Cultural Regional de Vila Real.

O Encontro permitiu, além das habituais trocas de impressões e reflexão sobre a experiência dos centros representados uma análise da situação nas relações entre os Centros Culturais Regionais e a Secretaria de Estado da Cultura, de quem recebem financiamento e apoio técnico e metodológico.

Outros assuntos foram ainda tocados, destacando-se dentre os mesmos: a constituição de um grupo de trabalho com vista à sensibilização de diversas entidades para o conhecimento e colaboração na execução dos projectos dos Centros Culturais; o aprofundamento das relações entre os centros, na perspectiva da organização de acções conjuntas e da inventariação e implementação de formas de colaboração entre os mesmos. Por último foi elaborada a ordem de trabalhos para o próximo Encontro que terá lugar nas Caldas da Rainha em 22 e 23 de Maio próximo. Os pontos principais a tratar nessa reunião dizem respeito à reflexão sobre metodologias do levantamento cultural, organização de estágios rotativos entre os vários centros e relações entre os Centros Culturais e os vários serviços da Secretaria de Estado da Cultura.

Com este Encontro foi cumprida mais uma etapa na reflexão do projecto de Centros Culturais Regionais, no sentido de uma real institucionalização da rede de Centros Culturais existentes, factor fundamental no desenvolvimento das regiões em que se encontram implantados.

Artistas protestam contra demolição de teatros

Artistas como Richard Gere, Colleen Dewhurst e Celeste Holm foram ontem detidos com mais 160 pessoas quando protestavam contra a demolição de dois teatros históricos da cidade de Nova Iorque: o «Helen Hayes» e o «Morosco».

As detenções verificaram-se quando os manifestantes barraram o acesso das máquinas demolidoras aos teatros.

Depois de afastados os manifestantes, as equipas de demolição trabalharam durante todo o dia para deitar abaixo os teatros que serão substituídos por um hotel. O hotel deverá ter um teatro com 1500 lugares, que os manifestantes afirmam ser demasiado grande para ser bom.

O protesto de rua teve lugar poucos minutos depois de o Supremo Tribunal dos Estados Unidos ter autorizado a demolição, encerrando uma longa batalha legal que percorreu os tribunais estatais e federais.

«Estes teatros farão falta» – disse Joseph Papp, o produtor da Broadway que organizou o protesto. «Precisamos de teatros onde os espectadores possam ouvir a voz humana sem amplificação e onde saibam que actor está a falar, sem que para isso ninguém tenha de erguer a mão» – disse.

Entre os detidos, estavam Estelle Parsons, Treat Williams, Michael Moriarty, Gary Sandy, e outros artistas.

Jean Matellus poeta do Haiti e da opressão

Jean Matellus é um dos mais válidos representantes da moderna literatura do Haiti. Poeta de renome, Matellus afirma as suas qualidades de prosador com o romance «Crepúsculo Sobre Jackmel», recentemente publicado pela editora francesa «Galimard».

Jean Matellus nasceu em Jackmel, no Haiti, em 1937. Nos anos sessenta foi para Paris onde se formou em medicina e filologia.

Em 1978 publicou a primeira colectânea de poemas «O Pássaro Cantor Pipirita». Dos trabalhos seguintes destacam-se «Todas Estas Canções Pacíficas» e «Pessoas que disputam o Vento», obras editadas em 1981, e profundamente marcadas pela forma característica das cantigas rituais e rezas do Naiti.

Nos seus poemas, Matellus conta a história do povo haitiano desde a época de Colombo: a colonização espanhola; a revolução popular que pôs fim ao jugo, particularmente cruel, dos franceses e fez do Haiti a primeira República negra do mundo; a ocupação militar pelos EUA e a heróica resistência que não conseguiu vencer o invasor; a época de terror instaurada pela família Duvalier a quem o autor se refere como «lodo venenoso» que sufoca a esperança dos haitianos, «eternos infortunados» cuja memória está recheada de heróis que lutaram pela liberdade.

Em «Crepúsculo Sobre Jackmel», Matellus descreve os acontecimentos sangrentos de 1956 e reconstitui o dia-a-dia dos habitantes que em conversas na rua e no café, ligeiras ou mais profundas, deixam transparecer uma preocupação constante e a enorme dependência económica e cultural dos EUA.

O romance é uma crónica valiosa do quotidiano do Haiti e uma reflexão sobre o futuro de um povo ao qual uma feroz ditadura, apoiada por sucessivas administrações americanas, destruiu a cultura e transformou, de rico produtor agrícola, no único da América Latina que figura entre os 25 mais pobres do mundo. (NOVOSTI)

canal da crítica

Mário Castrim

Borg no ténis ou ténis na borga?

Primeiro foi a transmissão da final europeia de basquetebol – e convém lembrar que a RTP acabou por não transmitir, ao contrário do que ela própria anunciara, a final europeia de andebol, em que participava a União Soviética. Seria, crê-se vulgarmente, uma medida a incluir nas medidas de retaliação diplomática projectadas pelo Governo.

Depois, ao serão, o directo do Borg-Gerulaitis, que se prolongou até à meia-noite e meia hora. Após o que principiou a reportagem da «moção de censura» apresentada antes de ontem pelo Partido Comunista. Por lá passaram todos os partidos intervenientes no processo, com excepção do CDS que prescindiu do seu tempo de antena. Talvez por não querer atear mais fogueira – mas acabando, com esta atitude, por tornar, no seio da AD, a fogueira ainda maior. É que também na política as pausas fazem parte da música.

Ninguém, em seu perfeito estado de conservação mental, pode admitir que a uma hora da madrugada seja a mais indicada para assunto de tamanha importância. A verdade é que podia ser muito pior. Se o basquetebol tivesse prolongamento, se o Gerulaitis ganhasse a segunda partida e a terceira fosse inevitável – ah, tenham a certezinha de que teríamos a moção de censura servida com torradas e café com leite.

Esta deliberação da RTP integra-se na táctica governamental de retirar importância e relevo à moção de censura. E se, usando de discriminação, ofendeu a Assembleia da República, acabou por ofender, descontentar e humilhar milhões de portugueses através da Televisão.

A atitude demonstra mais uma vez a íntima sujeição da RTP aos interesses do Governo. Mas ontem mesmo aconteceram novas provas de tal sujeição.

A propósito dos factos derivados da apresentação da moção, seria lógico que pelo menos duas entidades deviam ser ouvidas: o PCP e o Governo. O primeiro, por ser o autor da moção; o segundo por estar sentado no banco dos réus.

Afinal, que sucedeu? A RTP ouve **exclusivamente** o Governo, na pessoa do seu porta-voz, o dr. Rebellllllo de Sousa, como antes de ontem já ouvira o também porta-voz João Alfaia!

A galeria de monstros cresce. O dr. Rebellllllo de Sousa é, no plano televisual, uma das últimas aquisições do Grand-Guignol que é o Governo actual. O bicho do nervoso e da insegurança começa a roê-lo. Atacado pelo caruncho, sua expressão desfaz-se em serradura electrónica. Para estas situações, a Televisão é implacável. Reparem: ele quer fingir serenidade, quer sorrir – mas o sorriso é de plástico, um lanho, uma ratoeira onde a boca estrebucha.

Uma gaita, meus amigos, quando se quer fazer política – sem políticos. De um crítico (de um comentador político) não se pode exigir actuação prática de merecimento correspondente. A função de um crítico é criar crítica e não obrigatoriamente criar matéria para crítica. Sei como se fazem ovos estrelados mas não sei pô-los. Ninguém seria cruel ao ponto de exigirem ao Carlos Pinhão, ao Vítor Santos, ao Mário Zambujal, ao Neves de Sousa que representassem o País em futebol.

Rebelo de Sousa podia saber de política no laboratório mas, na actuação prática, tem-se revelado um tremendo fiasco. É mau alfaiacte de factos. Os seus argumentos para «justificar» a ausência de Balsemão no Parlamento sofrem de acefalismo para uso externo. Ele nunca seria capaz de os expor sujeitos a discussão. Refugia-se na impunidade – e manda vir...

Como faria, aliás, qualquer político de aviário.

Voltando à emissão de ontem. Raízes deram-nos ontem mais alguns documentos para entendermos outras raízes além das raízes do povo negro: vimos os antecedentes, os avós históricos, os fundamentos sociais de personagens como Reagan, Haig, Kill Patrick, Carlucci, etc., etc. Suas raízes estão ali: estão no racismo, no ódio, na intolerância, na incultura, na vindicta, no revólver em punho – pam! pam! Tivemos ali as raízes dos seus tão apregoados «Direitos Humanos». Tivemos ali as raízes do «american way of life».

Quanto à transmissão do ténis, apenas alguns apontamentos ligeiros: os comentários de Moura Dinis e Luís de Sousa foram mais emocionais do que técnicos. Exageraram. Não está bem. É deseducativo.

Não é verdade que fosse «uma sessão inolvidável». Nem que se tratasse de «uma exibição maravilhosa». Nem que se praticasse um ténis de alto nível.

Não foi nada disso. Foi uma chachada. Uma brincadeira de mau gosto. Uma triste demonstração, com brevíssimos clarões lúcidos. Se ninguém pateou nem assobiou, é apenas porque somos pessoas delicadas, habituadas há séculos a sustentar mitos a pão-de-ló!

«Nós fazemos ténis – disse um jogador célebre – Borg faz outra coisa...» Pois sim. Mas entre nós, nem isso fez. Se ser Borg fosse aquilo, Borg nunca teria existido.

SINDICATO DOS TRABALHADORES NA HOTELARIA TURISMO RESTAURANTES E SIMILARES DO SUL

CGTP INTERSINDICAL

CONVOCATÓRIA
ASSEMBLEIA GERAL

Para dar cumprimento aos artigos 31.º alínea b) e 32.º e ao abrigo do artigo 34.º dos Estatutos desta Associação Sindical, convoco a Assembleia Geral deste Sindicato para o próximo dia 30 de Março de 1982 pelas 15.30 horas, na Sede do Sindicato, Pátio do Salema, n.º 4, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS:

— APROVAR O RELATÓRIO E CONTAS DA DIRECÇÃO E O PARECER DO CONSELHO FISCAL RELATIVOS A 81.

Notas: 1 — «As reuniões da Assembleia Geral têm início à hora marcada com a presença de qualquer número de sócios, podendo porém, a Mesa caso entenda não haver número de sócios suficiente, adiá-la por mais meia hora iniciando-se imediatamente com os sócios presentes» (artigo 35.º dos Estatutos).

2 — A partir do dia 15 do presente mês, está à disposição dos sócios, na Sede do Sindicato, o Relatório de Actividade e Contas de 1981.

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

JOAQUIM PEREIRA PIRES

GTH GRUPO TEATRO HOJE

TEATRO DA GRAÇA
Tv. S. Vicente, 11 — Tel: 875626

«O RUFIA NA ESCADA»
DE JOE ORTON
ÚLTIMOS DIAS
SÓ ATÉ DOMINGO
de 4.ª a sábados às 22.00 h.
Matinée sábados às 17.00 h.
Domingos só às 17.00 h.
A bilheteira abre às 19.00 aos dias úteis e às 15.00 nos fins-de-semana
2.º MÊS
Entrada gratuita aos sócios da Voz do Operário
Espectáculo interdito Men./13 anos
Subsidiada pelo Ministério da Cultura

COMUNA TEATRO DE PESQUISA

hoje às 21,45h

A VIAGEM
2.º MÊS

TEXTO - HELDER COSTA
ENCENAÇÃO - JOAO MOTA

DE 3.ª FEIRA A DOMINGO AS 21.45
SABADOS E DOMINGOS TAMBEM
• MATINÉES AS 17 H.

PRAÇA DE ESPANHA TEL 76 26 24
Sub. SEC

Manuel Rafael, Lda.
TUDO EM MATERIAL ELECTRICO
TV. DO FORNO, 7-A (AO ROSSIO) T. 371001/2

Hoje

O filme da série «Plantão de Polícia», a exibir esta noite na RTP-1 intitula-se «O Crime do Vidigal»

18.15 País, País
18.45 Tempo dos Mais Novos
19.20 Pergunte Connosco
19.55 O Tempo
20.00 Telejornal – o noticiário nacional e internacional.
20.30 Direito de Antena – com a CGTP-IN.
20.40 «Plantão de Polícia» – «O Crime do Vidigal». Intérpretes: Ilka Soares, Ruth de Sousa e Alcino Cunha. Realizador: Marcos Paulo.
21.25 Concurso Toma Lá, Dá Cá – sessão experimental.
22.30 Assembleia da República – moção de censura ao Governo.

A RTP-2 exibe esta noite mais um episódio de «Com a Corda na Garganta»

18.18 País, País
18.40 O Mundo dos Animais – o Hawai selvagem.
19.05 Jeito e Efeito
19.30 «Sítio do Picapau Amarelo»
20.00 Informação/2
20.30 «O Retrato de Ponelle» – documentário sobre o encenador Jean Pierre Ponelle.
21.30 Animação/2
22.00 «Com a Corda na Garganta» – intépretes: Antonella Lualdi, A. Florent e Bruno Devoldere. Realizador: Marcel Mousey.

Amanhã

10.32: Tempo dos Mais Novos; **12.00**: «O Bosque das Aventuras»; **12.30**: Inventário Musical; **13.00**: Novos Horizontes; **13.30**: Muito, Pouco, Tudo ou Nada; **13.55**: Sumário; **14.00**: 100 Grandes Quadros; **14.15**: Baralha, Parte e Paga; **14.30**: **Lículos e Bróculos**; **15.00**: Hoje Há Visitas; **16.00**: «O Barco do Amor»; **17.00**: Vivámúsica; **18.00**: National Geographic Magazine; **19.00**: Fila 1, **19.30**: Jornal da Economia; **19.55**: O Tempo; **20.00**: Aqui e Agora; **21.30**: Sabadabadu; **22.30**: «Dallas»; **23.30**: Última Sessão – com o filme «Hammar House of Horror»

16.30: Movimento/2; **19.00**: «Sitio do Picapau Amarelo»; **19.30**: Desenhos Animados, **20.00**: «Policia Cirurgião» – 12.º e último episódio; **20.30**: E Sempre Bom Saber; **20.35**: Vota ao Mundo do Cinema; **21.00**: Sábado Especial – com o filme «O Arco do Triunfo»

GRUNDIG
qualidade em toda a linha!

1 RTP «Plantão de Polícia» (20.40)

«Com a Corda na Garganta» (22.00) 2 RTP

Além de um programa a escolha oferece-lhe

1 RTP

Daniel diz a Laura que não vai permitir que ela morra e que para isso a vai obrigar a tomar os medicamentos e a comer.
Laura obedece às ordens de Daniel.
Prado diz a Virginia que a autorizará a sair de casa quando quiser e a ter dinheiro para fazer as suas compras com uma condição: a de não mencionar nunca o nome da mãe à frente dele. Por outro lado, apenas lhe é permitido vê-la uma vez por mês.
Luciana diz a Laura que Virginia está bem e feliz na sua nova casa.
Quando Daniel regressa vê Laura fazendo as malas no quarto...

ASSISTENCIA TECNICA GRUNDIG
NACIONAL RADIO – Rua B. Jesus Caraça, 17 Cruz Quebrada – Tel. 2112871

Rua Tenente Raul Cascais, 1-A 1200 LISBOA Telef. 661515/669205

teatro do bairro alto

Todos os dias às 21 horas
Domingos às 16,30
Segunda-feira — Descanso

PUB

ADÓQUE teatro
TELEF. 87 44 76

ÊXITO ESPECTACULAR!

HOJE: às 20.30 e 23 h

Horário
2.ªs, 3.ªs e 5.ªs f. 21.30
6.ª e sáb.: 20.30 e 23 h.
Domingo: 16 h. e 21.30
Folga: 4.ª-feira

Tá entregue à bicharada

HENRIQUE VIANA – IRRESISTÍVEL!

COM DELFINA CRUZ, ANTÓNIO MONTEZ, MAGDA CARDOSO, ANTÓNIO FEIO, CREMILDA GIL, MARIA VIEIRA, VIEIRA DE ALMEIDA, CARLOS GUIA E PAULA OLIVEIRA

à frente de um elenco *cada vez mais jovem!*

● A ÚLTIMA REVISTA NO MARTIM MONIZ ●

roteiro cultural

Teatro

O TAS-Teatro de Animação de Setúbal estreia amanhã, pelas 21.30 horas, no Teatro de Bolso de Setúbal, o seu 24.º espectáculo (2.º de 1982): «Doces do Diabo» sobre textos de Jorge de Sena e António Pedro, com encenação de Alexandre Sousa.

A Bonifrates-Unidade de Infância e Juventude, de Coimbra, está a apresentar no Carlos Alberto, do Porto, os seus espectáculos «Ma Liang», para as escolas, e «Auto da India», para os liceus e para o público em geral. A Companhia encerrará amanhã, esta sua primeira estada na capital nortenha com a apresentação daqueles dois espectáculos, respectivamente às 15.30 e às 22 horas.

O Grupo de Campolide, comemorando o Dia Mundial de Teatro, oferece «A Excepção e a Regra» à população de Almada. Na sequência de uma tradição que data da sua fundação, o grupo abre as portas do seu teatro a todos os espectadores, que poderão assistir gratuitamente ao espectáculo actualmente em cena, amanhã, às 16 horas. No domingo, às 16 e às 21.45, realizam-se as últimas representações da peça de Brecht no Teatro da Academia Almadense.

Música

A Oruqestra Sinfónica Juvenil leva a efeito amanhã, às 16 horas, na Igreja de S. Roque, em Lisboa, um concerto constituído por obras de Schubert e Beethoven. Dirigirá este concerto o maestro-titular da O.S.J., Alberto Nunes, e são solistas em violino Pedro Pacheco dos Santos e Lígia Soares Silva. A entráda é gratuita.

O Núcleo de Jornalismo do Liceu Nacional de S. João do Estoril leva hoje a efeito, às 20.30, nas instalações daquela escola, o 2.º Congresso Rock, em estreita colaboração com a Associação de Estudantes da Escola Secundária de S. João do Estoril. No concerto, intervêm os seguintes grupos: «Street Kids», «Trovante», «Abismo», «C.B.X.», «Teddy Bears», «Press», «Ohms», «Killers Band» e «Carp Diem».

Colóquios

Numa realização conjunta do Museu de Arqueologia e Etnografia da Assembleia Distrital de Setúbal e do Projecto Setúbal Verde, terá lugar amanhã, pelas 17.30 horas, nas instalações daquele museu, um colóquio subordinado ao tema «Património arqueológico da Praça do Bocage: que futuro?» que será orientado pelo arqueólogo dr. Carlos Tavares da Silva e por elementos do Projecto Setúbal Verde. A entrada é livre.

«Fernando Pessoa, autor de cartas de amor», sátira de Vasco em exposição no Casino Estoril

Exposições

Vasco expõe «cartoon» na Galeria de Arte do Casino Estoril. A mostra, que é hoje inaugurada, às 22 horas, e vai estar patente ao público das 15 às 24 horas de todos os dias até 6 de Abril próximo, integra desenhos de motivos literários com alusão predominante a Fernando Pessoa.

Uma exposição de óleos de Manuel da Silva, pintor luso-americano, é amanhã inaugurada, às 17 horas, na Galeria Capitel, em Leiria. A mostra, que tem o patrocínio dos Serviços Culturais da Embaixada dos EUA, vai estar patente ao público até 5 de Abril, das 10 às 13 e das 15 às 19 horas, excepto domingos em que o horário será das 16 às 19.

Semana de cultura africana em Coimbra

Está a decorrer em Coimbra uma Semana de Cultura Africana, com conferência, colóquios e exposições. O programa de hoje, assinala às 17 horas, no Instituto de Antropologia, uma conferência de Pires Laranjeira sobre «Aculturação, assimilação e alienação em **Nga Mutúri** de Alfredo Troni»; às 21 horas, no Edifício Chiado, Lourenço Rosário falará de «Língua portuguesa e cultura moçambicana. De instrumento de consciência e unidade nacional a veículo e expressão de identidade cultural». Amanhã, às 17, na Faculdade de Letras, Salvato Trigo: «Da oratura à literatura: Uanhenga Xitu»; às 21, no Edifício Chiado, decorrerá um colóquio. No domingo, às 17, também na Faculdade de Letras, Fernando Neves profere uma conferência sobre «Sociologia Política das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa»; às 21, ainda no Edifício Chiado, haverá outro colóquio. Entretanto estão patentes ao público uma exposição etnográfica (no Instituto de Antropologia).

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

SERVIÇO DE AQUISIÇÕES

(ANÚNCIO)

Concurso Público n.º 3 --0793/82

Fornecimento de conjuntos de tracção à pele

Recebem-se propostas até às 9.30 horas do dia 20 de Abril próximo para o mencionado concurso.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições (Campo dos Mártires da Pátria, 91) todos os dias úteis das 9 às 11.30 horas e das 14 às 16 horas, as respectivas condições.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa, em 19 de Março de 1982.

Pel'O Chefe do Serviço
a) **Júlio José Mendes**

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
BANCO FUNDADO EM 1864
PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
AFRICA DO SUL (rand)	55$10	60$10
ALEMANHA FED (marco)	29$20	30$30
AUSTRIA (xelim)	4$05	4$25
BELGICA (franco)	1$381	1$581
BRASIL (cruzeiro)	$200	$450
CANADA (dolar - notas de 1 e 2)	56$75	58$75
(notas de 5 a 1000)	57$25	59$25
DINAMARCA)coroa)	8$55	9$95
ESPANHA (peseta)	$629	$729
EUA (dolar – notas de 1 e 2)	69$60	71$60
(notas de 5 a 1000)	70$10	72$10
FINLÂNDIA (marka)	15$20	15$80
FRANÇA (franco)	11$05	11$75
HOLANDA (florim)	26$35	27$35
IRLANDA (libra)	102$00	106$00
ITALIA (lira)	$048	$058
JAPAO (iene)	$259	$294
NORUEGA (coroa)	11$50	12$00
REINO UNIDO (libra)	126$60	130$60
SUECIA (coroa)	11$90	12$50
SUIÇA (franco)	36$65	37$75
VENEZUELA (bolivar)	14$10	15$10

Observações:
1. – **No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.**
2. – **Todas as operaçoes de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.**

STAR TURISMO VIAGENS
UMA AGENCIA DE VIAGENS DE SERVIÇO COMPLETO
Lisboa Estoril Porto Guimarães Faro Portimão Madeira e Açores

rádio

Antena Um

17.00: Ovo de Colombo; **17.05**: Entreposto de ideias; **17.15**: Pela estrada fora **17.30**: Ontem, manchete de amanhã; **17.45**: Entreposto de ideias; **18.05**: Antologia teatral; **18.15**: Jogo de antena; **19.00**: Música; **20.00**: Ler, ouvir e falar – pé de poeta – aqui jazz; **21.00**: Toda a gente é pessoa; **21.30**: Programa da noite; **23.30**: Ultimo jornal.

Programa 2

15.15: Obras corais de Händel; **16.50**: Momento de poesia; **17.00**: Musicantes; **17.30**: Intérpretes portugueses; **18.05**: As cores e as formas; **18.35**: Música sinfónica; **20.10**: Música sinfónica; **21.00**: Dossiers sonoros; **21.30**: Concerto ao vivo; **23.00**: Solos de guitarra; **23.30**: Música do século XX; **00.35**: Canções de Schumann; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

Rádio Comercial (283, 290 e 397m)

14.03: Matinée; **15.45**: Teatro trágico; **17.03**: Ora, hora; **20.03**: Tempo de espectáculos; **20.30**: Quando o telefone toca (1.ª edição); **21.03**: Quando o telefone toca (2.ª edição); **21.30**: Quando o telefone toca (3.ª edição); **22.03**: Portugal e a CEE; **22.15**: Religiosos; **22.30**: Tempo de desporto; **23.06**: 24.ª hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.03: Vapor; **16.03**: Rock em stock; **18.03**: Círculo em FM; **19.83**: Em órbita; **20.03**: Espaço 3 P; **21.03**: Abandajazz; **22.03**: Café concerto Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

OM e FM de Lisboa

16.00: Aqui e agora; **17.00**: Jornal da mulher; **18.15**: Igreja em notícia – palavra do dia; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Programa da LAR; **19.30**: Nota de abertura; **20.00**: Dê no vinte; **21.00**: **Quando o telefone toca; 21.30**: Discos LAR; **22.00**: Diálogo e vida; **22.30**: Grande círculo; **23.05**: Grande círculo (continuação); **22.30**: Nota de abertura; **23.55**: Meditando. Grandes blocos informativos às **19.30** e **23.30**. «Flashes» noticiosos de hora a hora.

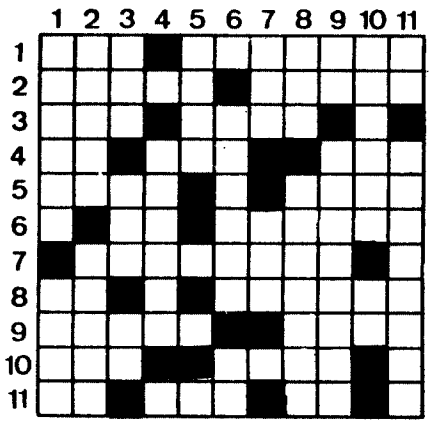
OM de Muge (Nacional)

Programa igual ao OM e FM de Lisboa, excepto no seguinte caso: **21.00**: Disto e daquilo.

Tiragem média diária do mês anterior: 43 493 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 13 386



HORIZONTAIS:

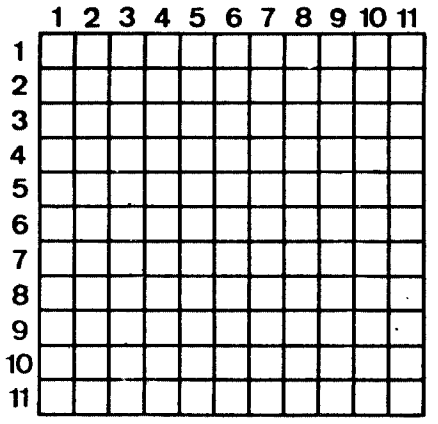
1 Conjunção. Pregara.
2 Respeite. Totais.
3 Lista. Aves pernaltas.
4 Batráquio. Cardeal e erudito italiano que publicou em 1822 fragmentos importantes da República de Cícero. Palavra gaélica que significa filho e precede um grande número de nomes irlandeses e escoceses.
5 Queimo. Cidade da Alemanha.
6 Érbio (s.q). Adejar.
7 Engano propositado contra alguém.
8 Ósmio (s.q). Fecharia as asas para descer mais depressa.
9 O mesmo que bermano. Apelido.
10 Escarneces. Planta têxtil do Ceará.
11 Carta de jogar. Ave pernalta. Abreviatura de Santíssimo.

VERTICAIS:

1 Contas. Produto.
2 Repetes (fig). Guarneceis de asas.
3 Desgraça. Ente. Reis.
4 Falecem.
5 Refeição depois da meia-noite.
6 Chefe de uma diocesw (pl). Centiare.
7 Ave da família dos láridas. Agarrei.
8 Pronome pessoal. Espicaçados.
9 Preposição latina que designa movimento. Residirias.
10 De Roma. Seguia.
11 Carta de jogar. Homem cruel (fig).

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVÁ MODALIDADE PROBLEMA N.º 9246



HORIZONTAIS:

1 Antigo peso de Malaca. Curas.
2 Género de crustáceos. Pronome pessoal. Cidade dos Países Baixos.
3 Caruma. Agarrar.
4 Senhor. Reis. Progénie que abrange várias famílias. (Ind).
5 Que é do ar Seguias.
6 Disfarçaras.
7 Apelido.
8 Ouro (s.q). Pesquisar. Nota musical.
9 Nesse lugar. Nessa altura. Prata (s.q).
10 Aparelhar. Livre de perigo.
11 Costumaras. Camareiras.

VERTICAIS:

1 Atravessa. Guardas segredo.
2 Aguces. Letra grega.
3 Caminha para cá. Víscera dupla. Estime.
4 Lavrem. Remar para trás.
5 Vê. Ave da família dos cotingidas. Batráquio.
6 O lado do vento. Folha de ferro estanhada.
7 Freguesia do concelho de Ponte de Lima. Aguentais (fig).
8 Preposição e artigo. Grande quantidade. Autores.
9 Feixe de luz do sol.(pl). Vi.
10 Acrescentaras. Limpa com água.
11 Tempo do verbo ser. Feiticeiros.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 385

HORIZONTAIS:
1 MAIS. PUXA
2 Io. Itu. Ce.
3 Caida Arco.
4 Ar Ira. Iara.
5 Amores. Ido.
6 Irás. AR.
7 Um. Ps. Lua.
8 Eis. Taras.
9 Aira. Aros.
10 Ada. Vira. SM.
11 Comparassem.

VERTICAIS:
1 MOÇA. QUE. AC
2 Ará. Miado.
3 III. Mo Siam.
4 Sódio.
5 Arriscava.
6 Pi. Aer. Ir
7 Uta. Saltara.
8 Xuri. Suaras.
9 Cai. Aro.
10 CORDA. Asse.
11 Ce. Aoros. MM.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9245

HORIZONTAIS:
1 Bentevi.
2 Ac. Rolim. Aa.
3 Borra. Agá
4 Raio. Or.
5 Ira. Aer. Mit.
6 La. Os. Atira.
7 Maus. Paro.
8 Acaba.
9 Ar. Adora. Pá.
10 Resto. Ac. Ai.
11 Iscas. Morro.

VERTICAIS:
1 Cabril. Sari
2 Coaram. Res.
3 Ria. As. SC.
4 Erro. Ou. Ata.
5 Noa. Assados
6 Tl. He. Co.
7 Eis. Raparam.
8 VM. Tabacó.
9 Mira.
10 Agoiro. Par.
11 Caarta. Maio.

Provérbio: MAIS PUXA MOÇA QUE CORDA

cartaz de cinemas e teatros

abCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade

SALA A

Às 14.30, 16.30, 18.30, 21.45 e 24
CAÇADA SELVAGEM

SALA B

Às 14.45, 17, 19 e 21.30
A AMANTE DO TENENTE FRANCÊS
Às 23.45
007, OS DIAMANTES SÃO ETERNOS

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Para Todos
HERBIE UM CAROCHA DOS DIABOS

APOLO 763319

Av. Júlio Dinis, 10-A

Estreia às 21.30 e 24
O FUGITIVO
Às 13.30, 15.30, 17.30 e 19.30
O CHARME DISCRETO DA BURGUESIA

AVIS 547163

Av. Duque de Ávila, 45

ás 15.30, 18.30 e 21.30
– Int. men. 13 a.
O CONDE DRÁCULA DA BAVIERA

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Estreia às 21.30
FORT APACHE, THE BRONX
Às 14, 16.30 e 19
O MAGO DE LUBLIN

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Para Todos
O MEU TIO

CASTIL 530194

Rua Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
UMA LOUCA HISTÓRIA DO MUNDO
O filme de Mel Brooks
5.ª Semana

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
(Não acons. menores 13 anos)
OS BURACOS ESTÃO NA MODA

Às 24 – Int. men. 18 a.
PARA QUE SERVEM OS AMIGOS

CINEBOLSO 573407

R. Actor Taborda, 27-B

Às 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– Int. men. 18 a.
O PALÁCIO DO DEBOCHE

Às 24
A VIÚVA NEGRA

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas

Estreia às 21.30
MARILYN TODA A VERDADE
Às 14.30, 16.45 e 19
REINCARNAÇÕES

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

Às 14.15, 16.30 e 21.30
E O HORIZONTE FICOU EM CHAMAS
Um filme de Earl Bellamy

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Int. men. 13 a.
Um furacão feito cinema!
O PROFISSIONAL
c/ Jean Paul Belmondo
Colorido

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21

Estreia às 21.30
A GRANDE DESFORRA
Às 14, 16.30 e 19
HERÓIS DO CÉU

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– Para Todos
O humor, a graça e a acção da mais célebre parelha do cinema
FESTIVAL TOM E JERRY

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15, 17, 19 e 21.30
– Int. men. 18 a.
Um filme sobre um país que começa a acabar, para dar lugar a um outro que acaba de começar.
BYE BYE BRASIL

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

estreia às 21.30 – N. ac. men. 13 a.
ENCONTRO COM OS EXTRATERRESTRES
Às 15.15 e 18.30
CAÇADA IMPLACÁVEL

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
A ESCOLHA DAS ARMAS
c/ Yves Montand, Gerard Depardieu e Catherine Deneuve

LUMIAR 79 52 96

Calçada de Carriche, 38

Às 21.30 – N. ac. men. 18 a.
OS INOCENTES DE MÃOS SUJAS
Sábado 27, à meia-noite
AS ALEGRES RAPARIGAS DO CAMPO

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Alvares Cabral, 37

Às 21.30
O MAGO DE LUBLIN
Às 15.30 e 18.30
O REGRESSO DO JUSTICEIRO DA NOITE

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha

Às 15.15 e 18.15 21.30
– Int. men. 13 a.
UM AMOR INFINITO

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.15, 18.30 e 21.30
ARTHUR, O ALEGRE CONQUISTADOR
Às 24
AS MOTOS DA MORTE

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
O TANGO DO CIÚME

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Int. men. 13 a.
BELOS E INSACIÁVEIS

BYE BYE BRASIL com BETTY FARIA, JOSÉ WILKER e FABIO JR. em exibição no ESTÚDIO 444 e QUARTETO

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1

Às 14, 16.30, 19.00 e 21.30
– Int. men. 18 a.
DUAS MULHERES APAIXONADAS

SALA 2

Às 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
Fantasporto/82
– N. ac. men. 13 a.
LOOKER

SALA 3

Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30
– Int. men 13 a.
A TERCEIRA GERAÇÃO

SALA 4

Às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24
PIXOTE, A LEI DO MAIS FRACO

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

Às 15, 17, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
OS BURACOS ESTÃO NA MODA

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

As 14, 16.30, 19 e 21.30
– Int. men. 13 a.
SOMBRAS BRANCAS
c/ Anthony Quinn, Peter O'Toole e Yoko Tani

S. JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

S. JORGE SALA 1

Às 15.15, 18.30 e 21.30
– Int. men. 13 a.
CAÇADA SELVAGEM
c/ Tom Skerrit e Michelle Phillips
2.ª Semana

S. JORGE SALA 2

Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
A AMANTE DO TENENTE FRANCÊS
14.ª Semana

S. JORGE SALA 3

Às 14, 16.15, 18.45 e 21.15
DE QUEM É A VIDA, AFINAL

SATÉLITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

Às 15, 17, 19 e 21.30
PARAÍSO AZUL

Às 24
A FÚRIA

7.ª ARTE 730715

Av. República, à Est. de Entre Campos Junto ao n.º 68

Às 14.45, 17 e 19.10

CAÇADA SELVAGEM
Estreia às 21.30 e 24
DE QUEM É A VIDA, AFINAL

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 14.30, 18 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
UNS E... OS OUTROS
70 actores de primeiro plano
19.ª Semana

TERMINAL 371573

Estação do Rossio

Sessões às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30

ARTUR, O ALEGRE CONQUISTADOR
c/ Dudley Moore e Liza Minnelli

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac men 13 a.
A CORRIDA MAIS LOUCA DO MUNDO
Um filme de Hal Needham
Colorido
9.ª Semana

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30
A CORAGEM DE UM HOMEM

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
PARAÍSO AZUL
Às 23.45
AS 100 MANEIRAS DE AMAR

outros cinemas

Lisboa

ALFA 1 – «Fort Apache, the Bronx», às 21.30 (18 anos)
ALFA 2 – «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.30 (13 anos)
ALFA 3 – «A Corrida Mais Louca do Mundo», às 21.30 (13 anos)
OLÍMPIA – «A Cabana das Gatinhas», sessões permanentes (18 anos)
CAPITÓLIO – «Do Sexo ao Crime», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
2000 – «O Bandido de Olhos Azuis», às 21.30 (13 anos)
CITY CINE – «A Coragem de um Homem», às 21.30 (18 anos)
POLITEAMA – «O Terror do Far-West», às 21.30 (13 anos)
MUNDIAL – «Herbie um Carocha dos Diabos», às 21.30 (6 anos)
RESTELO – «Caçada Implacável», às 21.30 (18 anos)
ROYAL – «Taxi Girl», às 21.30 (13 anos)
PROMOTORA – «Doce Refém», às 21.30 (13 anos)

Outra banda

ALMADA – Incrível – «Três Homens a Abater», às 21.15 (18 anos)
ALMADA – Academia – «Vai Trabalhar Malandro», às 21.15 (13 anos)
ALMADA – Cine-Almada – «Vai Trabalhar Malandro», às 21.15 (13 anos)
COSTA DA CAPARICA – Silcine – «Ninja o Imbatível», às 21.30 (18 anos)
SETÚBAL – Júpiter – «Trinitá Vai à Guerra», às 21.15 (13 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS – Stadium – «Da Vida das Marionetas», às 21.30 (18 anos)
PAÇO DE ARCOS – Chaplin – «Os Yanks», às 21.15 (13 anos)
OEIRAS – Oeiras-Cine – «Operação Amesterdão», às 21.15 (13 anos)
ESTORIL – Casino – «O Pequeno Lord», às 17.00 e 21.15 (13 anos)
ESTORIL – Palácio – «Fantasias Nocturnas», às 21.15 (18 anos)
CASCAIS – Oxford – «O Pequeno Lord», às 21.30 (13 anos)
CASCAIS – Impala – «Vai Trabalhar Malandro», às 21.30 (13 anos)

Linha de Sintra

DAMAIA – D. João V – «Emmanuelle Negra», às 21.30 (18 anos)
AMADORA – Cine-Plaza – «A Filha do Mineiro», às 21.30 (13 anos)
AMADORA – Lido – «O Pelotão Chanfrado», às 21.30 (13 anos)
AMADORA – Cinestúdio – «Tarzan o Homem Macaco», às 21.30 (13 anos)
CACÉM – Cine-Estúdio Flores – «Divina Loucura», às 21.30 (13 anos)
MEM AMRTINS – Cine-Chaby – «Os Quatro Duques», às 21.30 (18 anos)
SINTRA – Carlos Manuel – «Bronco Billy», às 21.30 (13 anos)
AZAMBUJA – Cine-Teatro – «Nas Garras dos Canibais», às 21.30 (18 anos)

Porto

LUMIÈRE-L – «O Pelotão Chanfrado», às 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE-SALA A – «Múdida pelo Caminho», às 21.30 (13 anos)
CARLOS ALBERTO – «Recordações», às 21.30 (13 anos)
PEDRO CEM – «Uns e... os Outros», às 21.30 (13 anos)
FOCO – «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
RIVOLI – «Sem Culpa Formada», às 21.30 (13 anos)
SÁ DA BANDEIRA – «Sexo Fora da Lei», às 21.30 (18 anos)
TRINDADE – «A Amante do Tenente Francês», às 21.30 (13 anos)
CHARLOT – «A Fortaleza Secreta», às 21.30 (18 anos)
ESTÚDIO – «Um Amor que Não Morreu», às 21.30 (13 anos)
OLÍMPIA – «Os 7 Indomáveis Cavaleiros», às 21.30 (13 anos)
JÚLIO DINIS – «Karate em Guerra», às 21.30 (18 anos)
COLISEU – «A Grande Desforra», às 21.30 (13 anos)
VALE FORMOSO – «Herbie um Carocha dos Diabos», às 21.30 (6 anos)
ÁGUIA – «Trinitá Vai à Guerra», às 21.30 (13 anos)
BEBÉ – «O Terraço», às 21.30 (13 anos)
CHAPLIN – «Amigo Desconhecido», às 21.30 (18 anos)

SÁ DA BANDEIRA – «Não Há Nada que Me Escape», às 21.30 (13 anos)

farmácias

Lisboa

PERMANENTE

Moura – Tv. da Memória 55 (T. 630944); **GARANTIA** – Av. Padre Manuel Nóbrega 5AB (T. 887300); **LINAIDA** – Rua Ferreira Borges 30 (T. 660955); **SALUTAR** – Rua B AB-B.º Liberdade (T. 533411); **MORÃO** – Lg. da Graça 63 (T. 860700); **ALEGRIA** – Est. de Benfica 180 AB (T. 780511); **DOURO** – Alam. Linhas Torres 93 AB (T. 791131); **LEALDADE** – Rua do Olival 226-228 (T. 663441); **BRITES MOITA** – Pç. da Alegria 33-34; **DALVA** – Av. Duque d'Ávila 125 (t. 545225); **ALMEIDA NIFO** – Av. Comb. Grande Guerra 64 (T. 2112070); **CORREIA** – Est. Principal, Lote 172 (T. 993148); **LEITAO** – Rua Guil. Gomes Fernandes 62 (910051).

REFORÇO

LÍBIA – Av. da Igreja, 4 BC (T. 891681); **LAVINHA** – Rua Eng. Paulo Barros, 28 A (T. 708242); **AFRICANA** – Rua Bernardino Costa, 43-45 (T. 369120); **SACRAMENTO** – Rua Actriz P. Bastos, Lt. 42 (T. 384904); **SÃO JORGE** – Lg. do Leão 3 AB (T. 534027); **CONFIANÇA** – Av. Almirante Reis, 46 B (T. 821653); **PAIVA DA COSTA** – Rua da Lapa, 105-107 (T. 664414), **MARLUZ** – Cç. da Picheleira, 140 BC, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **CUNHA** – Rua da Escola Politécnica, 18 (T. 325455); **BOTÂNICA** – Rua da Junqueira, 38-40 (T. 638132); **SALTER** – Rua de Xabregas, 63-65 (T. 381185); **LEITÃO RIBEIRO** – Rua A do Falcão, 3 A; **VAZ MARTINS** – Rua António Ferro 6 A (T. 970660); **NOVA** – Rua Açores, 11 A (T. 910305); **MATOS** – Tv. Prioras (T. 2519939)

Linha de Sintra

AMADORA – Dias & Brito – Av. Marquês de Pombal, 45-A (T. 934589) Permanente; **Carmelo** – R. Elias Garcia, Lote 28 (T. 933303). Até às 22 horas; **DAMAIA – Lemos** – R. de Goa, 21 – A (T. 971121). Até às 22 horas; **QUELUZ – Correia** – L. do Mercado, 3 (T. 905906) Até às 22 horas**CACÉM – Silva Duarte** – Permanente; **MEM MARTINS – Miranda Garcia** – Av. Mem Martins, 173 (T. 2914103) Permanente; **MERCÊS** – Claro Russo – R. Abade Faria, 2-A (T. 2915275) Das 9 às 13 e das 15 às 21 horas; **SINTRA – Misericórdia** – Vila (T. 2930391) Permanente; **RIO DE MOURO** – Av. Óscar Monteiro Torres, 8 (T. 2960194) Das 9 às 23 horas; **COLARES – Abreja** (T. 299088).

Linha de Cascais

TIRES – Guimarães – L. Duartes, Lote A-r/c (T. 2441616) **Até às 22 horas; ALCABIDECHE – Carvalho** – B. João P. Corr.º 40-B (T. 2690363) **Até às 22 horas; PORTO-SALVO – Ferreira Bastos** – R.D.Firmino Reb.º (T. 2421015) **Até às** 22 horas; **CARCAVELOS – Vilar** – Av. M.ª Conceição, Lote 8 (T. 2470777) Permanente; **S. DOMINGOS DE RANA – Godinho da Silveira** – Av. Sabioia, 29 – B (T. 260085) Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA – Luz** – Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS – Trindade Brás** – R. Costa Pinto, 184 (T. 2432034) Até às 22 horas; **OEIRAS – Godinho** – Av. Patrão Lopes, 4 (T. 2432039) Permanente; **NOVA OEIRAS – Leal** – Quinta das Palmeiras, Lote 24 r/c (T. 2478737); **PAREDE – Brandão** – Av. da República, 77-C (T. 2471054) Permanente; **S. PEDRO DO ESTORIL – S.Pedro** – R. 9 de Abril (T. 2683052) Até às 22 horas; **SASSOEIROS** – Amaral Semblano – Quinta das Encostas – Até às 22 horas; **MADORNA** – Madeira – Até às 22 horas; **AMOREIRA – Abrantes** – Viv. Maria – Carlos Anj. (T. 2682313) Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL – Lopes** – R. Hangar, 3 (T. 260008) Até às 22 horas; **CASCAIS – Cordeiro** – Av. Comb. G. Guerra, 40 (T. 280170) Permanente.

Outra banda

ALMADA: Nuno Álvares, Av. Nuno Alvares Pereira, 39 Permanente; **COVA DA PIEDADE: Rainha Santa**, R. Sociedade A. Piedense, 50-A. Até às 22 horas; **LARANJEIRO: Baptista Marques**, Laranjeiro de Fora. Permanente; **BARREIRO: Moderna**, R. D. Henriqueta Araújo, 12. Permanente; **SETÚBAL: Alice**, P. Quebedo, 6; **Soromenho**, P. Machado Santos, 24.

SESIMBRA – Lopes – R. Cândido dos Reis, 21 (T. 223028); **AMORA – Fonseca** – R. Ribatejo, 124 – Cruz de Pau (T. 2211131); **SEIXAL – Soromenho** – R. Paiva Coelho, 38 (T. 2218560) Até às 22 horas; **MONTIJO – Diogo** – R. Almirante Reis, 50 (T. 2310032); **MOITA – Silva Rocha** – P. da República, 16 (T. 239029); **ALHOS VEDROS – Portugal** – Av. da Bela Rosa, 8 (T. 204250); **ALCOCHETE – Gameiro** – L. António Santos Jorge, 15 (T. 234100)

●

LOURES: Sálvia (T. 2531240). Permanente; **MOSCAVIDE: Santa Bárbara** (T. 2518918). Até às 22 horas; **SACAVÉM: Maria** (T. 2514369). Permanente.

Porto

DE DIA E SÓ ATÉ ÀS 22 HORAS

CLÉRIGOS, R. dos Clérigos, 26; **CARDONA DOS SANTOS**, R. D. Manuel II, 90; **MARTINO, SUCURSAL**, P. Marquês de Pombal, 122; **MOURA**, R. do Bonfim, 582-A-B; **RAMOS**, P. do Exército Libertador, 91

DE DIA E TODA A NOITE

CAMPOS, R. Padre Luis Cabral, 943, Foz; **HENRIQUES**, P. da Batalha, 64-A; **ORIENTAL**, R. do Bonjardim, 27; **DAS OLIVEIRAS**, R. D. Afonso Henriques, 646, Areosa; **MAFALDA**, R. Monte Cativo, 444.

●

Coimbra

DAS 9 HORAS ÀS 9 DO DIA SEGUINTE

MACHADO, R. Bernardo de Albuquerque (T. 23767); **FERRAZ**, R. do Brasil, 70 (T. 71526).

teatros

Lisboa

VARIEDADES – «Ó Zé Arreganha a Taxa», às 20.30 e 23.00 (18 anos)
ABC – «Chá e Porradas», às 20.30 e 23.00 (18 anos)
TRINDADE – «Molly Bloom», às 21.30 (13 anos)
BAIRRO ALTO – «O Labirinto de Creta», às 21.00 (13 anos)
TEATRO DA GRAÇA – «O Rufia na Escada», às 22.00 (13 anos)
MONUMENTAL – «Virgem Até Certo Ponto», às 21.30 (13 anos)
MARIA VITÓRIA – «Não Há Nada p'ra Ninguém», às 20.30 e 22.45 (18 anos)
D. MARIA II – «Gin Game», às 21.30 (13 anos)
A BARRACA – «Fernão Mentes?», às 21.45 (13 anos)
COMUNA – «A Viagem», às 21.45 (13 anos)
ADÓQUE – «Tá Entregue à Bicharada», às 20.30 e 23.00 (18 anos)
ACADEMIA ALMADENSE – Grupo de Campolide – «A Excepção e a Regra», às 21.45 (13 anos)

DL

Serviço de notícias (depois das 21)
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3
Mensagens gravadas: 320229
Endereço telegráfico: DIÁRIO
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL
Delegação do Porto
Rua do Almada,
Telefones:

MARÉS DE HOJE
PREIA-MAR BAIXA-MAR

3.43 4,2 9.23 0,6 m
16.03 4,2 m 21.40 0,7 m
Dia 27
4.20 4,3 m 10.01 0,6 m
16.40 4,2 m 22.18 0,7 m

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS

VIANA DO CASTELO	11°
BRAGANÇA	7°
VILA REAL	7°
PORTO	10°
P. DOURADAS	3°
COIMBRA	10°
C. CARVOEIRO	12°
PORTALEGRE	9°
LISBOA	10°
ÉVORA	10°
BEJA	9°
SAGRES	13°
FARO	13°
P. DELGADA	11°
FUNCHAL	16°

últimas

Amesterdão: combate à droga muda face da cidade

O município de Amesterdão decidiu asfaltar o Zeedjik, a famosa rua onde as prostitutas oferecem os seus encantos adiposos pelas montras, esperando assim impedir os vendedores ambulantes de heroína, de esconderem a droga debaixo do pavimento antigo e degradado da rua.
Depois do asfalto, a cidade que já fechou as portas e as janelas de cafés onde se realizava o comércio da droga irá demolir alguns desses centros e já contratou uma companhia britânica para construir um hotel de luxo no espaço assim esvaziado. A menos de passar um buldozer por cima do que ainda está em pé em frente da estação ferroviária de Amesterdão, não haverá certamente maneira mais radical de combater a droga.

«Será o fim de uma época», diz um porteiro do hotel. Com as suas prostitutas drogadas e com o seu bairro chinês onde a chegada da heroína ara anunciada nas montras através de ideogramas, o Zeedjik era um dos pontos altos do vício.

Há exactamente dez anos, a heroína fazia parte em massa naquela cidade holandesa. Mais do que a droga, é o seu corolário, – a criminalidade – que as autoridades se esforçam por combater. O turista inconsciente que se aventurava no Zeedjik corria o risco de sair, na melhor das hipóteses, sem o porta-moedas, no pior dos casos, apanhava uma facada. A própria Polícia só entrava em grupo, acompanhada por cães de aspecto feroz.

Apesar de não estar acabado, o saneamento do Zeedjik já teve um resultado: o comércio da heroína fugiu para outros sítios da cidade. «Em todo o caso, os turistas estrangeiros deverão procurar durante dois ou três dias antes de encontrarem os fornecedores habituais, já conseguimos isso» comenta um responsável pelos serviços de saúde da cidade.

A Polícia confirma que, durante os últimos anos, Amesterdão perdeu «em proveito de Berlim Ocidental, de Francoforte e Roma, o seu título de capital da heroína fácil. Em Haia, três Ministérios (Justiça, Saúde e Cultura) constituíram uma frente comum de ajuda aos drogados».

A ajuda concentra-se sobre os verdadeiros toxicómanos que recorrem à droga dura. Mais de cem delegações de consulta e assistência estão a funcionar em todo o país. Mas ainda é preciso atrair essa clientela que por definição é desconfiada e revoltada contra as iniciativas da «sociedade». Utilizada em larga escala, através da cidade de Amesterdão, deslocando-se em autocarros que passam pelos bairros frequentados pelos drogados, a metadona serve de engodo nessa pesca aos toxicómanos.

A Metadona é um medicamento graças ao qual o heroinómano pode escapar ao terrível sofrimento do estado de carência se bem que não dá euforia da droga verdadeira.

Não podendo pagar a heroína a 200 florins (cerca de 6 contos) por grama (os grandes consumidores tomam mais de uma grama por dia), alguns toxicómanos recorrem às receitas médicas para a Metadona ou então recebem gratuitamente uma dose nos dispensários públicos. Cada dose é obrigatoriamente consumida no local pelos clientes para evitar que surga um tráfico dessa droga de substituição.

As autoridades verificam que entre os 6 mil heroinómanos oficialmente recenseados em Amesterdão, cerca de dois mil, de nacionalidade alemã, abastecem a RFA com Metadona holandesa comprada nas farmácias.

Esse produto não é o único engodo utilizado. Assim, a fundação Jellinek dispõe, tal como outros estabelecimentos, de uma pequena clínica dentária.

«Isso permite-nos manter o contacto com antigos drogados que, depois de pararem de tomar droga, substituem-na por doçarias, o que lhes estraga os dentes», explica o director da fundação. A clínica está prevista para tratar, entre os desintoxicados recentes, os danos causados por vários anos de negligências e dar-lhes confiança em si próprios. «Não é raro que prostitutas drogadas, preocupadas com o seu capital físico, passem pelos nossos dentistas para falarem dos seus problemas», acrescenta o director.

Cerca de três mil toxicómanos estão registados nos dispensários de Metadona, onde são convencidos, através duma longa persuasão, a deixarem-se desintoxicar. Mas a pobreza dos resultados conseguidos desencadeou muitas críticas contra o sistema e contra a pureza de intenções das autoridades, acusadas de estarem assim a «comprar a tranquilidade dos burgueses».

«Fechada desde há três meses numa clínica de desintoxicação, Helena, de 32 anos, com 14 anos de consumo de heroína, é totalmente hostil à distribuição gratuita dessa «porcaria».

«Se a mercadoria chegar em grande quantidade ao mercado, explica, os revendedores-iniciadores farão seja o que for para encontrarem novos clientes, até nas escolas. A droga gratuita só servirá para fazer mais vítimas.»

Helena, que recupera pouco a pouco um frágil equilíbrio, concorda com o secretário-geral do comité governamental de ajuda aos drogados, segundo o qual a política preventiva de informação foi, até agora, um fracasso: «Os danos da droga são ainda largamente subavaliados».

A aprendizagem do toxicómano em recuperação começa pela pontualidade e pela vida em comum com outros drogados. «Aprende-se a suportar as pessoas e também a escrever cartas pedindo emprego», contam vários pacientes da clínica, aparentemente satisfeitos com a experiência.

Para evitar os choques do regresso à vida normal, a clínica está no centro da cidade e são organizadas saídas. Mas o director da fundação sublinha que a comparação entre os paraísos artificiais e o desemprego, a miséria material e afectiva de todos os dias, é desencorajadora. «Nunca conheci nada de mais maravilhoso do que a Morfina, diz. Depois disso, as realidades são difíceis de suportar.»

A reinserção social é tanto mais difícil porquanto as empresas aceitam mal os «antigos drogados» e porque metade destes têm, segundo as estatísticas policiais, um passado penal.

Quanto à repressão do comércio da droga, parece estar a obter alguns sucessos desde que o código penal holandês foi tornado mais severo contra os traficantes e desde que a Polícia holandesa se instalou nas embaixadas em Banguecoque, Lima e Willemstad (Antilhas) para vigiar de perto, e na origem, as redes de abastecimento.

Charles Schiffmann (AFP)

O PAÍS SEM «DIÁRIO DA REPÚBLICA» não por falta de diplomas para publicar mas simplesmente devido a uma avaria técnica na rotativa. Este intervalo imprevisto na publicação de diplomas não trará graves inconvenientes pois, segundo afirma o informador da Imprensa Nacional, nada de importante havia para sair hoje.

INCÊNDIO DESTRUIU FÁBRICA DE CORTIÇA no lugar da Cruz, em Santa Maria de Lamas. O sinistro ocorreu esta madrugada por volta das 3 horas e foi combatido pelos bombeiros voluntários de Lourosa que utilizando todo o material não conseguiram impedir o desmoronamento do prédio e a destruição das treze máquinas que equipavam aquela unidade industrial. Pertence a Mário Ferreira da Silva Couto e os prejuízos devem rondar os 7 mil contos, parte dos quais cobertos pelo seguro.

ESPECULADORES CONDENADOS, Taibo Acoob Esmael Osseman, proprietário de um supermercado no Laranjeiro, Almada, em 10 dias de prisão e 3 contos de multa; Brites Margarida de Oliveira Caetano, comerciante em Volta da Pedra, Palmela, a mesma pena; António Alberto Fernandes Carneiro, feirante em Santo Tirso, 60 dias de prisão e 4 contos de multa; Laurentino Silvério Tomeh, camionista da Lousada, 300 dias de prisão e 35 contos de multa; Celestino Figueiredo Campos, produtor e retalhista de Barcelos, 30 dias de prisão e 3 contos de multa e Júlio Silva Marques, comerciante da Cova da Piedade, 15 dias de prisão e 3 contos de multa. Todas as prisões são remíveis a dinheiro, pelo que os infractores não serão retirados do mercado em que especulam.

UM DETONADOR NOS INTESTINOS de um detido do pavilhão de alta segurança da prisão de Nuoro, na Sardenha, foi agora detectado durante uma revista corporal. A descoberta de armas, inclusive bombas, dentro das celas é frequente nas prisões italianas. A semana passada tinham sido encontrados vários quilos de dinamite na prisão napolitana de Poggioreale, mas a descoberta deste detonador deve ser caso ímpar na história do mundo prisional.

Consórcio luso-soviético

Um consórcio de empresas portuguesas assinou um acordo com entidades soviéticas para a concretização do plano de aproveitamento hidroeléctrico de Kapanda, em Angola.

O empreendimento consiste na construção de uma barragem e respectiva central hidroeléctrica no rio Cuanza e a construção de linhas de alta tensão, entre Quileba e Gabela e respectivas subestações, na distância de 215 quilómetros.

No que respeita à parte portuguesa, o empreendimento envolve um investimento de cerca de 16 mil milhões de escudos.

Greve geral na Bélgica contra "austeridade" decretada pelo Governo

A Bélgica está hoje perturbada por uma greve geral de 24 horas decretada em todo o território pela «FGTB», sindicato próximo do Partido Socialista.

Com este movimento, o sindicato socialista quer protestar contra as medidas de austeridade decididas pelo Governo belga, que beneficia, para as impoir, de medidas especiais concedidas pelo parlamento.

O sindicato cristão, o «CSC», não se juntou ao movimento, preferindo agir separadamente, organizandoi amanhã uma manifetação na capital belga.

Na Valónia, onde o sindicato socialista é maioritário, o funcionamento dos correios e das administrações foi seriamente perturbado e os transportes públicos estão totalmente parados.

Na Flandres, designadamente em Antuérpia, ox transportes públicos funcionavam hoje de manhã, à execução dos eléctricos, que os piquetes de greve tinham impedido de circular colocando cimento nas agulhas. A actividade do porto da metrópole flamenga estava de igual modo parcialmente paralisada, devido ao encerramento de três das quatro comportas.

Todos os diários foram publicados, mas a emissora francofona só difunde um programa musical e alguns noticiários reduzidos.

1º de maio
URSS
MOSCOVO LENINEG.
27-04 MAIO
incluindo
Pensão Completa
Visitas turísticas e de caracter economico/social
PREÇO: 35.500 esc.
Preco especial para grupo min 5 pax
preco p.p. 34.000$00
inf. e inscrições na:
AMINHZARA
VIAGENS E TURISMO LDA
R. do Crucifixo nº 33
1100 Lisboa / Telefs
328858 - 360302

VILA FRANCA DE XIRA
uma terra de tradições·um centro de expansão económica
exposições feiras 1982
TURI-XIRA
II SALÃO DE CAMPISMO E TEMPOS LIVRES/3 A 11 DE ABRIL 82
• 6.ª EXPOSIÇÃO CANINA
• TURI-XIRA
• AGRIN-XIRA
• XIRA-INFANTIL
• COLETE ENCARNADO
• 2.ª FEIRA DO MELÃO
• FEIRA ANUAL E II SALÃO DE ARTESANATO
• LAR 82 MOBILIÁRIO E DECORAÇÃO
CONTACTE O DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E TURISMO DA CÂMARA M. DE VILA FRANCA DE XIRA

Diário de Lisboa

Sete Ponto Sete

VÁLIDO ATÉ À PRÓXIMA SEXTA-FEIRA

SEXTA-FEIRA, 26 DE MARÇO DE 1982

Estórias de Portugal

O Governo acaba de assumir uma das suas mais notáveis atitudes no sentido de devolver a este país a alegria irrequieta e buliçosa de que ele há uns tempos a esta parte anda carenciado. Nem outra coisa era de esperar dum Governo irrequieto e buliçoso como o nosso, todo dado a traquinices. Em toda esta Europa onde está um governo mais azougado do que este?... Apontem lá um se são capazes?... Um ladino à altura do senhor doutor Marcelo Rebelo de Sousa, onde está ele?... Um travesso como o senhor ministro da Justiça, quem o tem?... Um vivaço como o senhor doutor moderador Barbosa, sabem dalgum?... E de primeiro-ministro mais finório do que o doutor Balsemão, já ouviram falar?... O próprio senhor professor Freitas do Amaral, com aquele seu ar de quem não é capaz de partir um prato, só não as faz quando não pode... Círculos geralmente bem informados garantem que uma das suas partidas favoritas no Conselho de Ministros consiste em pôr, disfarçadamente, pionaises nas cadeiras das outras excelências para eles picarem os rabos ao sentarem-se. Mas assim é que é giro, é saudável, dá gosto. As pessoas andam tensas, é urgente desdramatizar.

E é isso que o nosso Governo está (e muito bem!) a fazer arrostando com incompreensões inevitáveis em gentes de horizontes tacanhos desprovidas do menor resquício de sentido de humor.

Querem coisa mais divertida, deliciosamente irreverente , delirantemente surreal que esta de, na moção de censura apresentada no Parlamento, o senhor primeiro-Ministro se fazer representar pelo senhor arquitecto Gonçalo Ribeiro Teles?... A coisa é mesmo bem vista!... Quem governa assim não é gago!

E não é que andam para aí a dizer que não foi cumprido o regimento?! Parece impossível!... Mas se o Governo está contra a tropa porque carga de água havia de cumprir o regimento?!... E essa acusação de não ter respeito pelas instituições, que lhe fazem, é mesmo coisa que só francamente!... Não se pode levar tudo tão a sério... Há que rir, saber tirar partido das situações, transformar o desagradável em felicidade, enriquecer os dias de sonoras gargalhadas!...

O nosso Governo assume atitudes pequeninas?... Mas há lá coisa melhor que os pequeninos?!... Estão a brincar?... Fazem muitíssimo bem!

O estoriador regista, alegremente, o episódio, certo de que esta nova modalidade de exercer a política do poder não se esgotará por aqui.

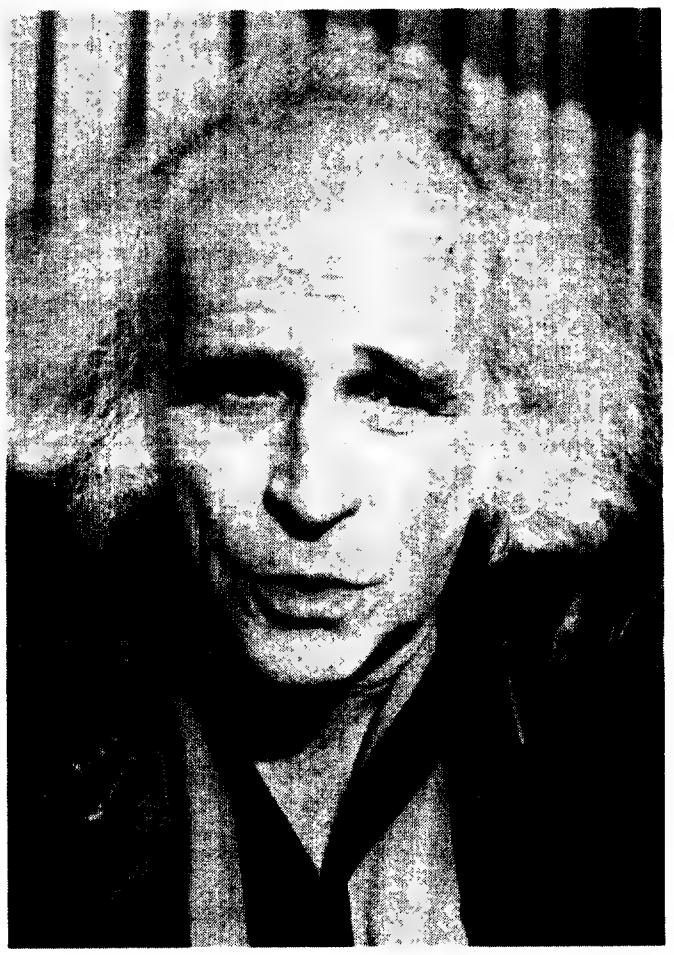
Tudo leva a crer que num futuro breve novas medidas de fundo, autenticamente revolucionárias, venham a ser tomadas e os senhores ministros deixem de ter direito a automóvel para passarem a ter direito a triciclo do estado e o bibe seja obrigatório nas suas reuniões para não sujarem as calças à golfe. Não se confirma que ministro que tenha três faltas de castigo perca a pasta. Até porque, com estas brincadeiras todas, o que eles estão a ver é se não perdem as pastas.

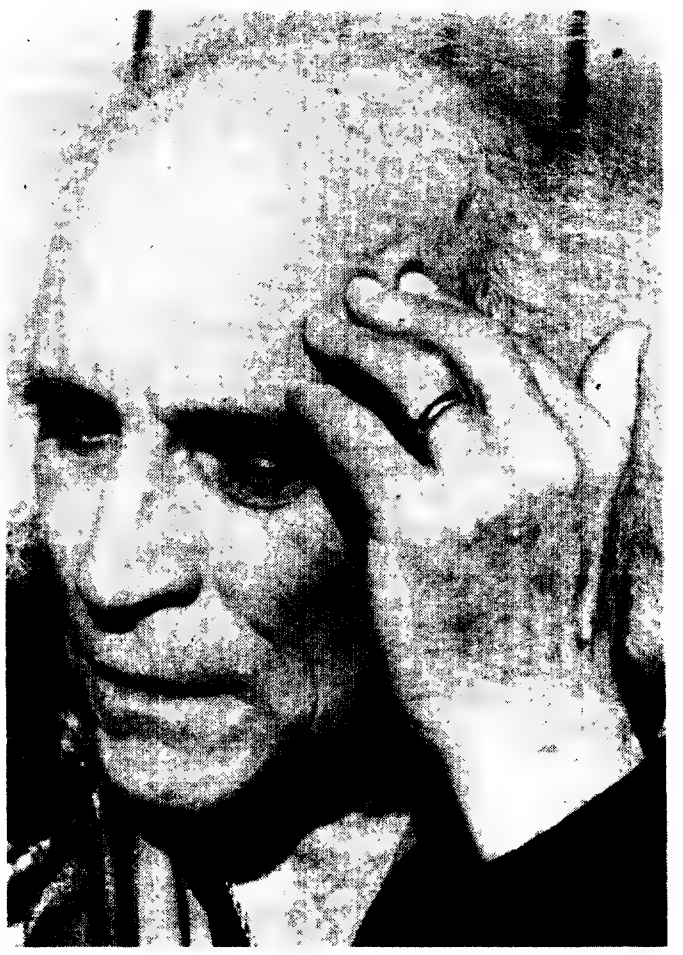
PS. Apostei com o Onofre em como era capaz de escrever esta estória sem falar do senhor doutor Ângelo Correia. Como ao relê-la não lhe acho uma graça por aí além utilizo a velha técnica duma boa piada para finalizar.
Ela aí vai: Ângelo Correia!
Não é boa?

Francisco Nicholson

Leo Ferré em Lisboa

"Destruo, porque sei destruir"





NÃO sou arquitecto; destruo porque sei destruir, assim respondeu Leo Ferré ao **Sete ponto Sete** sobre a sua recusa em aceitar qualquer organização social. Chegado pouco antes ao aeroporto da Portela para dois espectáculos no Coliseu dos Recreios hoje e amanhã, Ferré falou sobre a solidão do artista, riu-se da idolatria e do Poder. Com a voz calma, compassada, sentado numa das varandas do hotel, aproveitava os últimos raios de sol de uma cidade que visita pela primeira vez.

«A vida é um fait-divers»

«Fisiologicamente nasci só e morrerei só. O espaço compreendido entre essas duas datas é a vida, são os 'fait-divers', a escolha de caminhos». Uma concepção de vida entre dois pólos de individualismo que não exclui a solidariedade, o estabelecimento de laços afectivos e a comunicação. «Não há tempo para falar com as pessoas», constata Ferré. «Tenho um coração grande... como Lisboa e as pessoas moram em Paris». Do simbolismo de um mundo perdido, de que reivindica ser porta-voz, Ferré parte em direcção a um dos temas que mais tem explorado nos seus poemas, discos e na ópera «La Vie d'Artiste»: a solidão.

«O artista é um homem obrigatoriamente só. Eu falo da solidão do escritor perante a página em branco, do pintor face à tela. A solidão do pintor toca-me muito. Na nossa época com os meios que há — prossegue Ferré — tudo é diferante. Eu não faço **Um quadro, mas sim milhares de cópias de um disco. O caso oposto é o de Van Gogh que morreu só e na miséria, e que, em toda a sua vida, apenas vendeu um quadro ...ao irmão».**

«Os deuses também fazem pi-pi»

Nos seus poemas e com o sentido crítico que lhe é próprio, Ferré tem «despido» o meio artístico, as alavancas promocionais, os falsos ídolos. Sobre as máquinas económicas do mercado do espectáculo é já célebre a sua frase de acusação, quase hino de guerra: «primeiro o cu, depois o dinheiro».

Mas a idolatria é mais difícil de ser combatida quando se é artista. Ferré inquieto, pergunta-me: «essas pessoas de que você fala serão mesmo artistas?».

«Eles não são artistas, artistas são os que criam», acentua. «Esses cantores de que se servem os produtores para lançarem o disco da moda, não são artistas», afirma Ferré que se intitula «cantor de variedades».

Pela revolta sincera e espontânea dos seus poemas, Ferré tem contagiado plateias jovens. As suas palavras agressivas, «não sou violento, as palavras que digo é que o são», ressalva, levam a que alguns o considerem como um patriarca, um Deus. «A influência que possa ter sobre os jovens só pode ser benéfica», afirma.

«Uma vez em Paris uma mulher chamou-me Deus. Fiquei aflito e apenas lhe respondi que ia dali beber um copo, comer qualquer coisa e fazer um pi-pi. Os Deuses também fazem pi-pi», remata sarcasticamente.

«O socialismo é o amor»

Contestatário da sociedade dos ruídos, da identificação dos homens por matrículas, que considera «fascismo admitido», Ferré estende a sua recusa a qualquer organização de sociedade, acusa os ritmos de trabalho.

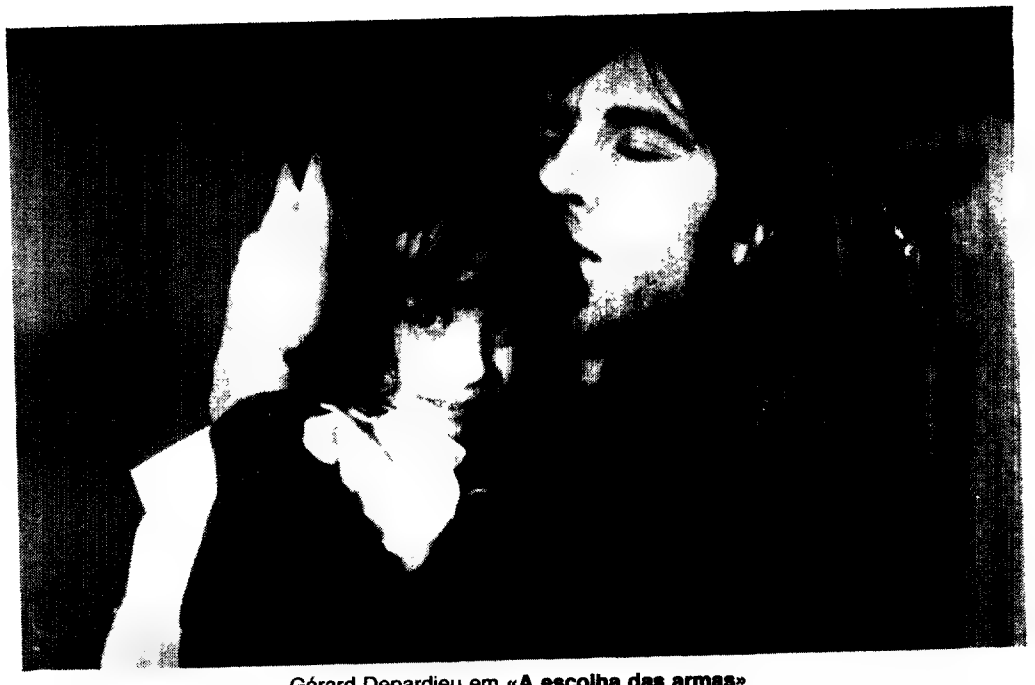
«Em França, uma jovem operária chegou um dia atrasada à fábrica. Então o contramestre, o pequeno patrão, porque tinha um capacete e era um pouco chefe, ou subchefe, começou a fechar a porta devagar e quase que a ia esmagando. Num momento desses o que está em causa é a organização, esta forma moderna de produção.»

Ferré, num relato emocionante conta a história. A revolta não envolve as pessoas. «As pessoas não são tão parvas ou más como se pretende fazer crer. O que é necessário — salienta — é convencê-las, ensiná-las, mas ninguém o faz.» «E a política, os políticos? Ferré associa política a Poder. «O Poder dá tudo. Aqueles que no Poder procuram dinheiro são uns infelizes». Os homens da polítita, os profissionais, os políticos «estão-se nas tintas para o povo».

Qual a solução para Ferré? «A destruição. Eu destruo, porque sei destruir. Quando quiserem construir chamem um arquitecto». O socialismo? «O socialismo é o amor».

Hoje e amanhã no Coliseu Ferré falará destas suas preocupações, por palavras e música. Duas horas e meia de denúncia e afirmação convicta.

Cinema



Gérard Depardieu em **«A escolha das armas»**

● A amante do tenente francês
de Karel Reisz
(G.B. --1981)

O romantismo revisitado ou o cruzamento de duas histórias de amor que divergem. Karel Reisz sobre argumento de Pinter sobre romance de Fowles a provar que é um realizador que consegue surpreender, num tempo a isso arredio.

Meryl Streep no tpo do cartaz.

Cinemas ABCine — sala B (14.45, 17, 19 e 21.30 h) e S. Jorge 2 (14.15, 16.45, 19.15 e 21.30 h) (não acons. men. 13 anos)

● O meu tio
de Jacques Tati
(França --1957)

O humor de Jacques Tati é sempre uma experiência de frescura e inteligência. **O meu tio** é, talvez o seu filme mais célebre.

Cinema Caleidoscópio (14, 16.30, 19 e 21.30) (para todos)

● Os salteadores da arca perdida
de Steven Spielberg
(USA --1981)

Spielberg e Lucas e a memória da adolescência. Aventuras impossíveis em ritmo delirante.

O cinema dos anos 80 arquivá-lo-á como um exemplo singular de mestria e de sintonia com largas camadas de público. Daí o enorme sucesso

A vedeta é aqui a marca da Lucasfilme.

Cinema Alfa 2 (13.45, 16.15, 18.45, 21.15 e 23.45 h) (não acons. men. 13 anos)

● Pixote
de Hector Babenco
(Brasil --1980)

O cinema brasileiro depois do «cinema novo». Uma «estética da fome» urbana, anos 80. Um filme cheio de trunfos na sua descida ao submundo da delinquência juvenil. Joga-os e ganha. Em todos os tabuleiros?

Uma grande actriz a assinalar: Marília Pera.

Cinema Quarteto — sala 4 (14.30, 16.45, 19, 21.30 e 24 h) (interdito a men. 18 anos)

● A calúnia
de Sydney Pollack
(USA --1981)

Pollack revigorado. Uma ficção liberal que já se não fica pela denúncia/reafirmação da sociedade americana mas toca questões basilares da comunicação: o que são factos, o que são significados? Como é que aqueles engendram estes?

Paul Newman no topo do cartaz.

Cinema Quarteto — sala 1 (15, 17, 19, 21.30 e 23.30 h) (interdito a men. 13 anos)

● Duas mulheres apaixonadas
de Salvatore Piscicelli
(Itália --1980)

O neo-realismo revisitado por portas travessas. Uma ficção estimulante mesmo se com falhas e erros. Piscicelli a firmar-se como um nome a seguir.

Sem vedetas no topo do cartaz.

Cinema Quarteto — sala 2 (15, 17, 19, 21.30 e 23.30 h) (não acons. men. 13 anos)

● A escolha das armas
de Alain Corneau
(França --1981)

A «qualidade francesa» numa estratégia de reconquista do grande público. Por isso os actores/personagens são apenas imagens de marca. Por isso o filme é tão liso, tão **standard**, tão insípido. Corneau a desiludir.

Yves Montand, Gérard Depardieu e Catherine Deneuve no topo do cartaz.

Cinema Londres (14, 16.30, 19 e 21.30 h) (interdito a men. 13 anos).

AS ESTRELAS

A amante do tenente francês	★★★
O meu tio	★★★★
Os salteadores da arca perdida	★★★
Pixote	★★★
A calúnia	★★★
Duas mulheres apaixonadas	★★
A escolha das armas	★

A «Chave»

★★★★ — **Excepcional**
★★★ — **Bom**
★★ — **Interessante**
★ — **Desinteressante**
● — **A evitar**

Teatro

ADÓQUE

● «Tá entregue à bicharada»
de F. Nicholson e G. Preto
Vá despedir-se do barracão do Adóque e aproveite para ver uma nova revista com coisas óptimas. Indispensável.

BARRACA

● «Fernão, Mentes?»
de Hélder Costa
A história, a música, os intérpretes — indispensável ver, indispensável apoiar.

COMUNA

● «A viagem»
de Hélder Costa
Um dos melhores espectáculos do grupo. Uma viagem indispensável.

MARIA VITÓRIA

● «Não há nada p'ra ninguém»
de H. Santana, C. Oliveira, R. Bracinha e A. Fraga
Continua a ser a melhor revista do Parque. A única, na verdade. Indispensável.

TEATRO DO BAIRRO ALTO

● «O labirinto de Creta»
de António José da Silva
Um divertimento de qualidade extra. Um espanto. Mais do que indispensável.

TEATRO DA GRAÇA

● «O rufia na escada»
de Joe Orton
Aproveite as últimas de um espectáculo de qualidade.

TEATRO NACIONAL D. MARIA II

● «Gin Game»
de D. L. Coburn
Fabulosa Eunice. Veja.

TRINDADE

● «Molly Bloom»
de James Joyce
Últimas sessões de uma discutida adaptação de Joyce.

FORA DE LISBOA

PORTO

TEATRO CARLOS ALBERTO
TEP

● «A boda dos pequenos burgueses»
de Brecht
Tem quatro dias para ver a nova encenação de Moncho Rodriguez, desta vez com o TEP, reforçado por Eugénia Bettencourt. Um grande texto de Brecht.

SEIVA TRUPE

Cooperativa do Povo Portuense

● «Longe da cidade»
de Jean-Paul Wenzel.
Uma bela peça para duas personagens, com encenação de Correia Alves.

TUP

● «No ventre do cavalo»
de Henri Lefebvre
Outra encenação de Moncho Rodriguez. Um texto débil, um belo cenário.

PÉ DE VENTO

● «A arca do não é»
de Manuel António Pina
Ainda não vimos mas não temos dúvidas em recomendar.

SETÚBAL

TEATRO DE BOLSO

● «Lady Strass»
de Eduardo Manet
Para os que vivem em Setúbal.

Janet Leigh grita de terror: é a cena do seu célebre assassínio em **«Psico»**

Ciclo Hitchcock

APROXIMA-SE do seu termo (que ocorrerá no próximo dia 4 de Abril) a monumental retrospectiva dedicada a Alfred Hitchcock, em curso na Fundação Gulbenkian. Mas ainda há um punhado de filmes a ver e, pelo menos pelo menos, quatro obras-primas.

As que assim nomeio estão na calha a partir de hoje. Logo à noite (dia 26) há **Vertigo**, de quem todo o bem que há a dizer já foi dito um pouco por todo o lado, mas cuja fascinação não esmorece nem que a gente veja dez vezes. É uma história de amor fabulosa com James Stewart e Kim Novak.

No domingo (28), às 15,30 h, uma sessão de ouro. Nada menos que **North by northwest** e **Psico**, aquele um filme de suspense salpidado de comédia (ou não fosse Cary Grant o protagonista), este um filme de terror, talvez mesmo aquele que mais medo causa entre todos os que Hitchcock realizou.

North by northwest é um filme geométrico, refinado, de ampla maturidade; **Psico** é algo de solitário, sem referências de similitude na carreira do seu autor, com coisas quase experimentais (como a celebérrima cena da morte de Janet Leigh no banho — um exercício de montagem genial) com uma tensão que nunca dá escapes e nos agarra quase até à insuportabilidade. Anthony Perkins foi de tal maneira bem escolhido por Hitchcock para o protagonizar que nunca mais se livraria da sombra de psicopata.

Domingo à noite (21,30h), **The birds.** Hitchcock penetra no cinema fantástico e faz um dos seus paradigmas. Surpreendentemente inconclusivo, **The birds** é, ainda, um paciente trabalho técnico no domínio dos efeitos especiais e no tratamento sonoro.

Não sei porquê, mas criou-se o hábito de considerar **The birds** como o último grande filme de Hitchcock. Quer **Marnie** (a exibir dia 29, às 21,30h), quer **Torn curtain** (que passará dia 30, também às 21,30h), quer, sobretudo, **Topaz** (que será mostrado dia 4, às 15,30h), passam por ser a curva descendente do grande realizador. São as suas fitas dos anos 60 (e quem sabe o que foram os **sixties** pode entender a desadequação imediatista entre Hitch e esse tempo) que me parece urgente reavaliar. A oportunidade está aí.

O ciclo terminará nesse domingo, dia 4, em que ainda se verá o espantoso **Frenzy** e o intrigantemente divertido **Family plot.** Com eles se completa a revisão quase total da obra de um dos maiores artistas deste século, o homem que amava o cinema acima de tudo e que, no dizer de Truffaut, fez filmes que sobreviverão sobre todos os outros.

Hitchcock forever!

J.L.R.

DICIONÁRIO Vinte anos de cinema português

JORGE LEITÃO RAMOS

RAMOS, ARTUR

Nasceu em Lisboa em 20 de Novembro de 1926. Curso liceal no Liceu Camões. Tenta estudos de Engenharia no Instituto Superior Técnico mas, eliminado na aptidão, vai para o INEF. Em 1943 consegue ingressar no IST de que desiste no segundo ano do curso. Vai então para a Faculdade de Letras de Lisboa onde se licenciaria em Filologia Germânica.

Faz teatro amador, como actor («O rei veado») ao lado de David Mourão Ferreira, Luis Horta, Couto Viana... Em 1951 vai para Paris, com uma bolsa do Governo francês onde tira o curso da Realização e Montagem no IDHEC. Como prova de fim de curso faria a sua primeira curtametragem **Le bel indiférent.** Em 1955 trabalha na televisão francesa como assistente de realização.

É convidado para integrar os quadros da RTP, então em formação e, em 1956, é ele quem dirige as primeiras emissões experimentais de televisão em Portugal, ainda na Feira Popular. A partir de 1957, embora realizasse emissões diversas, começa a especializar-se em teatro televisivo. Nesse ano dirigiria: «Um pedido de casamento» de Tcheckov (com Jacinto Ramos, Alina Vaz, Rogério Paulo...); «Cavalgada para o mar» de John Synge; «A continuação da comédia» de João Pedro de Andrade; «Realidade da fantasia» de Claude Gével; «O ausente» de Claude Spaak; «Balada do Outono» de Carlos Selvagem.

Em 1958 faria: «O urso» de Tcheckov; «O tio Simplício» de Almeida Garrett; «Aniversário do banco» de Tcheckov; «O festim de Baltazar» de Gervásio Lobato. Ainda nesse ano empreenderia uma experiência inédita (e sem seguimento) na RTP, a realização de peças teatrais transmitidas em directo de cenários naturais: «O amor posto à prova» de Marivaux (com Mário Pereira, Paulo Renato e Lourdes Norberto), encenado na escadaria do Seminário dos Olivais e «O doente imaginário» de Moliére (com Armando Cortez, Paulo Renato e Florbela Queiroz) encenado no Palácio Centeno.

Artur Ramos

Em 1959 faria: «A longa ceia de Natal» de Thornton Wilder; «Auto da Alma» de Gil Vicente; «O roubo do elefante branco» de Mark Twain / Miguel Barbosa; «O grande teatro do mundo» de Calderón de la Barca; «Quanto importa ser leal» de Óscar Wilde; «O improviso do Barba Azul» de Pierre Barbier; «Dez contos de Réis» de Teresa Rita.

Em 1960 faria: «O cão do jardineiro» de Lope de Vega; «Uma semana em Madrid» de Miguel Barbosa e uma experiência invulgar: realiza «A intrusa» de Maeterlinck só em grandes planos.

Em 1961 faria: «A cova de Salamanca» de Cervantes; «Caminhos traçados» de Anselmo Lopes Vieira; «O herói e o soldado» de Bernard Shaw (com um elenco de ouro: Lourdes Norberto, Paulo Renato, José de Castro, António Silva, Fernando Gusmão) que, acusado de pacifismo, originaria o seu despedimento político da RTP. Entretanto, numa breve estada em Paris, dirige, para a ORTF, «Before breakfast» de E. O'Neill, mais tarde transcrito para filme e, assim, incluível na sua filmografia.

Artur Ramos é então convidado a encenar teatro sobre o palco, encetando uma segunda carreira. No Teatro Nacional dirige, ainda em 1961 um espectáculo com as peças «O pescador à linha» de Salazar Sampaio e «Consultório» de Augusto Sobral.

No ano seguinte vai para Paris com um contrato da «Paris Match Television» para onde roda **L'anglaise** que ficaria incompleto por dissolução da companhia produtora. É também em 1962 que tenta o cinema, realizando a sua única longametragem até à data.

Em 1963 funda o «Grupo Experimental de Ópera de Câmara» com apoio da Fundação Gulbenkian e encena, com cenários de João Abel Manta, «Livietta i Tracolo» de Pergolesi e «Three's company», no Tivoli.

Em 1965 é a vez de dirigir Raul Solnado, no recém-inaugurado Teatro Villaret, em «Desculpe se o matei» de Alex Coppell. No ano seguinte reincide com o mesmo actor em «A guerra do espanador» de Neil Simon, encenando ainda «Jangada» de Romeu Correia.

Em 1967 volta ao Nacional (então no Avenida) para «Feliz aniversário» de Pinter.

A ópera ocupa-o, de novo, em 1968 («As variedades de Proteu» de António José da Silva, no Trindade), ano em que encena também «O tempo e a ira» de John Osborne e «Dias felizes» de Samuel Beckett.

Em 1969, regresso ao Nacional (já no Capitólio) para «Os visigodos» de Jaime Salazar Sampaio e mais ópera: «La cambiale di matrimónio», «La scala di seta» e «Adina» de Rossini, no Trindade. Dirige ainda «Black-out» de Frederick Knott, no Villaret.

É nesse ano de 1969 que, com a «primavera marcelista», volta à RTP, mas em regime de **free lancer:** «A fronteira» de Mrozek e uma antologia de Gil Vicente («As três barcas») são as peças que então realiza.

1970 é o ano de «A relíquia» no Teatro Maria Matos. Para a RTP dirige «O fidalgo aprendiz» de Francisco Manuel de Melo e «Auto da Natural Invenção» de António Chiado. Começa ainda uma curta actividade de empresário, com o Grupo de Acção Teatral, sediado no Villaret, onde encena «O processo» de Kafka.

Em 1971, no GAT, «Depois da queda» de Arthur Miller e «A capital» de Eça de Queiroz. O GAT extingue-se.

1971/72 são, na RTP, os anos em que A. Ramos programa e apresenta o Festival ORTF, selecção de peças francesas que obtém assinalado êxito. Mas 1972 é também o ano da célebre proibição de «A mãe», em ensaio de censura, no S. Luiz, o ano em que organiza (com José Sasportes) uma Antologia do Teatro Documento Alemão (no Instituto Alemão), para onde encena «Flores de papel» de Egon Wolf (no Teatro da Bugiganga). De 1978 a 1980 é o tempo da série TV, **Retalhos da Vida de um médico.**

José Peixoto (ao centro) na série TV **Retalhos da vida de um médico**

FILMOGRAFIA: Le bel indiférent CM (1954); **Antes do pequeno almoço** MM (1961); **L'anglaise** MM, incompleto (1962); **Pássaros de asas cortadas** (1962); **A tragédia do Monte da Pereira** CM (1975); **Retalhos da vida de um médico** série TV co-realizada por Jaime Silva (1978/80).

Nota: A. Ramos foi ainda assistente de realização em **Les amants du Tage** de Henri Verneuil (1954) e fez a locução de **Vida e obra de Ferreira de Castro** CM de Faria de Almeida (1971).

Com uma carreira muito importante como realizador de teatro televisivo e como encenador, o trabalho de Artur Ramos para cinema é bem menos notório. Mas é curioso verificar que está na origem de coisas assinaláveis:

Pássaros de asas cortadas marca (com **Dom Roberto**) o início do «cinema novo»; a série **Retalhos da vida de um médico** é o primeiro trabalho português no género a ter conseguido uma razoável adesão do público e a inverter um certo divórcio até aíexistente entre as séries portuguesas e os telespectadores. Facto interessante que nem as falhas de um e outro desses empreendimentos pode diminuir.

Pássaros de asas cortadas: o «cinema novo» vinha aí

cena «Toller» de Tankred Dorst, «Auschwitz, oratório em 11 cantos» de Peter Weiss, «O vigário» de Rolf Hocbhuth, «Interrogatório» de Brecht e «O caso Oppenheimer» de Heinar Kipphardt. A PIDE/DGS intervém e a peça de Weiss acaba por ser retirada.

Em 1973 dois sucessos em televisão: «O grande negócio» de Paddy Chayefsky e, sobretudo, «12 homens em conflito» de Reginald Rose (em ambos, Jorge Brum do Canto como actor). Nesse ano tem uma pontual, frutuosa e frustrante experiência em teatro de amadores, com o Grupo Teatro da Oliva de S. João da Madeira. Frutuosa porque o seu trabalho de encenação de «O retábulo do flautista» do catalão Jordi Texidor ganha o 1.º prémio no concurso da FNAT desse ano. Frustrante porque a peça é, de imediato, proibida pela Censura. Ainda em 1973 funda, para a RTP, a Companhia de Teatro do Maria Matos que passa a dirigir. Para aí encenaria «Morte de um caixeiro viajante» de A. Miller (em 1974), «Seara de Vento» de Manuel da Fonseca e «Schweik na 2.ª guerra mundial» de Brecht (em 1975).

Entretanto, com o 25 de Abril, Artur Ramos é nomeado Director de Programas da RTP (cargo que ocuparia até Agosto de 1974) e, depois, Director do Departamento de Programas Teatrais. Após 25 de Novembro de 1975 é um dos seus despedidos, um pleito que ainda se arrasta.

Em 1977 regressa ao teatro para encenar «Os retratos» de Júlio Maurício (nos Bonecreiros) e

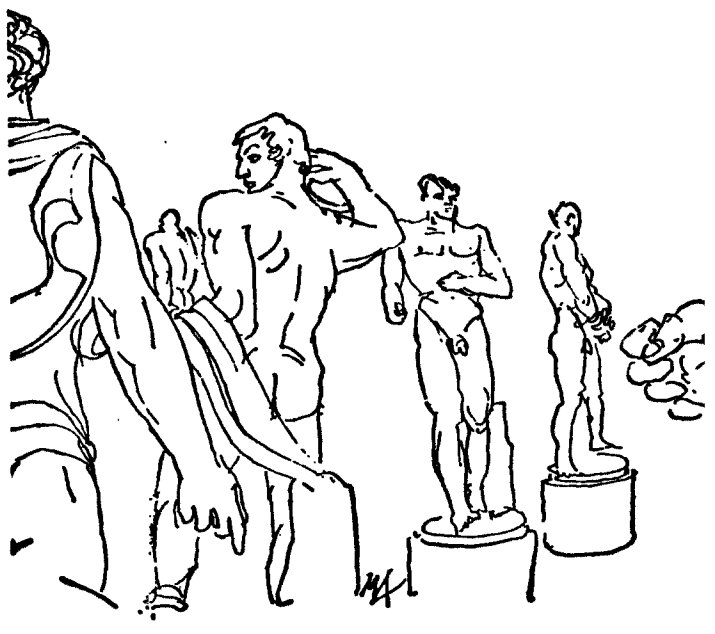
Sinal de trânsito não é objecto decorativo. Respeite-o!

Angústia Desespero Solidão
54 45 45 centro S.O.S. voz amiga
uma voz amiga estará contigo

NAS PASSADEIRAS
Os peões e os condutores têm de respeitar a sinalização luminosa

Os Anos 30 em Itália

Entre a inocência e a memória



A O procurar evitar uma visão que conduza toda a arte dos anos 30 à «arte fascista» — na realidade, uma noção longe de ser clara —, ao fazer prevalecer os critérios estéticos sobre os apriorismos políticos, os organizadores (tendo à frente o crítico Renato Barilli) procederam a uma reabilitação: a exposição desenterra um certo número de telas até à data pouco expostas em Itália (em contrapartida figuravam na exposição de Beaubourg, «Os Realismos», em 1981). E confere de novo o devido lugar ao estilo «Novecento», que a historiografia da Resistência desprezara, para enfatizar os pintores reunidos em torno da revista «Corrente», contestatários que representavam uma espécie de reacção moral ao fascismo.

No entanto, ao privilegiar a estética, esta exposição, que se pretende pluridisciplinar e que visa reconstituir um ambiente, provoca o esvaziamento dos aspectos talvez qualitativamente contestatários, mas sociologicamente reveladores, da época. O escamoteamento contribui para fornecer uma imagem possivelmente demasiado «inocente» do regime, apagando o que ele teve de vulgar, destrutivo, brutal e repressivo: o desaparecimento do «Milan» de Stendhal e de uma boa parte da Roma barroca do século XVII, para «libertar» os monumentos da romanidade, os tribunais, os assassinatos (irmãos Rosselli), as prisões (para homens como Gramsci), a aventura etíope, a intervenção contra a Espanha republicana, o pacto de ferro com Hitler. Os anos 30 também foram tudo isto.

Está fora de dúvida que os organizadores da exposição subscrevam explicitamente a tese de uma autonomia da arte em relação as fascismo, como o fez Croce, por exemplo. Mas este poderá ser apenas um enquadramento, como a própria elaboração da exposição dá a entender? A primeira parte, «Vida pública social», é sucinta, estando sintomaticamente situada à margem da própria exposição: antes da entrada propriamente dita, onde são vendidos os ingressos, quase como se houvesse a necessidade de «arrumar» o assunto, antes de passar ao essencial. E, com efeito, no seu seguimento, ao longo dos dezoito capítulos da exposição (pintura, arquitectura, cidade, transformação do território, «protodesign», teatro e cenografia, cinema, moda, etc.), o regime apenas aparecerá em pontilhado.

Os intelectuais e o regime

O roteiro mostra que a Itália dos anos 30 não era bem um país «asfixiado» pelo fascismo: produzia-se e inovava-se em matéria de arquitectura, tal como no domínio da aeronáutica, da moda ou do «design»: aparentemente, a criatividade não era em nada inferior à de outras épocas.

O preconceito não terá sido levado demasiado longe? Ao apagar toda a leitura política, não se ajuda o público a estabelecer a relação entre um regime e um sistema de representação de aparência tranquila, e escamoteia esta ruptura entre a sociedade viva e o espectáculo que ela oferece de si mesma. Que um desejo de «arte pura» tenha varrido os retratos a cavalo de Mussolini, seria um mal menor, se a exposição não parecesse deslizar sobre este húmus que o regime produzia para uma arte e uma cultura que, como mediadores da consciência colectiva, reforçavam os mecanismos de consenso.

Esta reabsorção do regime nos seus objectos e formas deixa, **a priori,** um mau estar que não pode ser apenas atribuído a um deslize dos organizadores: diz igualmente respeito à própria ambiguidade das relações do mundo intelectual com o regime. Talvez involuntariamente, a exposição contribui para a apreensão de toda a complexidade do fenómeno de fascização da sociedade.

O responsável da secção «Arte e Propaganda», Vittorio Fagone, precisa que o fascismo não procurou estabelecer uma arte do regime, mas criar uma organização cultural eficaz, transformada em instrumento de propaganda no universo intelectual. Toda a sua política (e inteligência) consistirá em apresentar-se como um grande mecenas, fazendo sua esta «filosofia do novo» que caracteriza o pós-guerra. O fascismo instala-se no poder em Itália no começo dos anos 20, numa altura em que se operam, no domínio da criatividade, uma rejeição do subjectivismo, uma redescoberta da ordem e uma inclinação para o racionalismo. Este regresso à ordem, da Rússia de Estaline às democracias europeias, será sem dúvida a tendência dominante, ainda que em graus diversos. Mas desenvolver-se-á numa Itália que não conheceu, entre o imediato pós-guerra e a instauração do totalitarismo, uma qualquer República de Weimar.

Essa, a razão da naturalidade com que o fascismo italiano vai cavalgar o movimento que se desenha no domínio das artes, ao ponto de aparecer como seu promotor; por isso, também,

A conservação por irradiação não é uma maravilha

TER maçãs à mesa todo o ano, não é uma maravilha? E que dizer dos morangos provenientes de países longíquos, tão frescos como se tivessem sido apanhados na véspera?

A conservação de alimentos por irradiação entra calmamente em nossas casas e instala-se à mesa. Mas, a que preço?

Desde que foi descoberta há 65 anos por Appert, a ionização passa por ser o único processo revolucionário inventado no âmbito das indústrias agro-alimentares.

Com efeito, tratamento de alimentos e géneros agrícolas com raios gama permite, a partir de doses relativamente fracas, eliminar radicalmente os micro-organismos mais resistentes, ou os insectos.

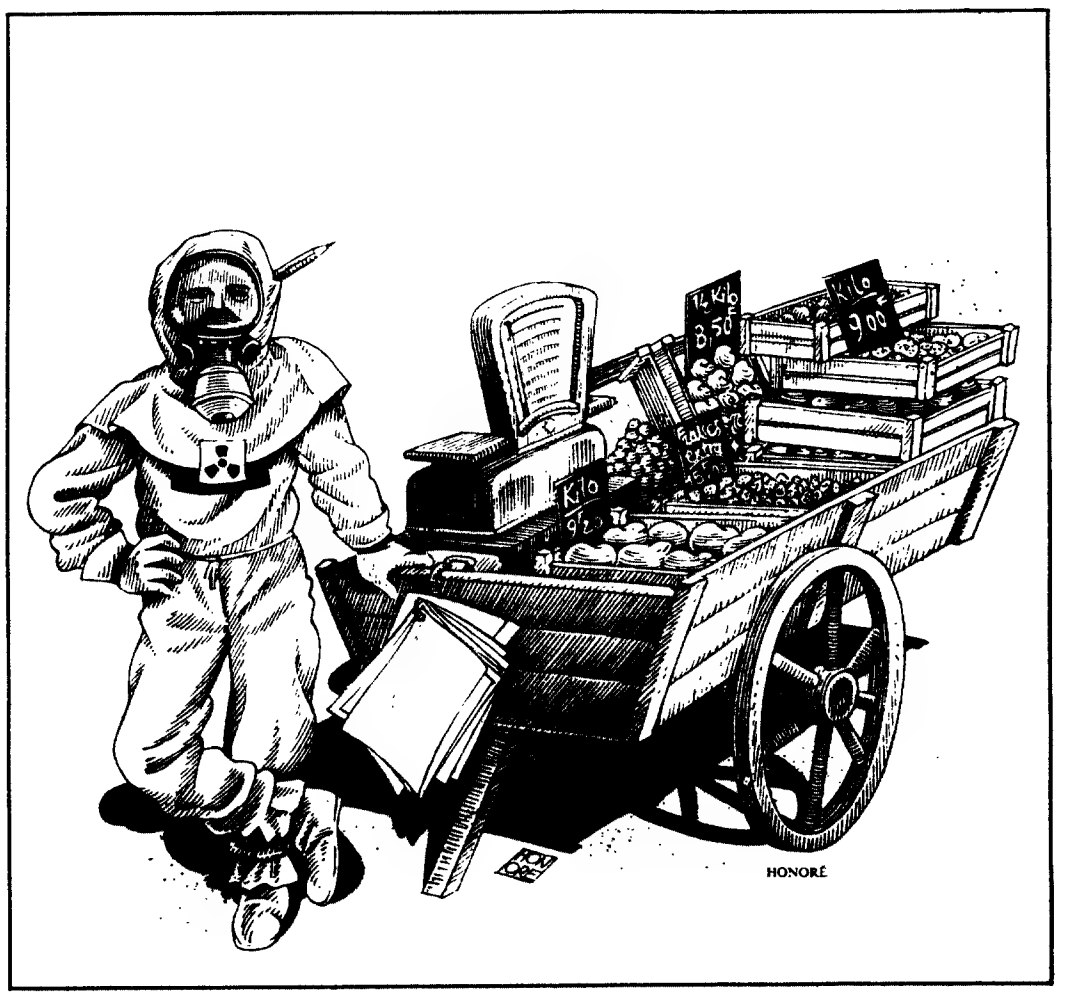
Deste modo, podem-se suprimir as salmonelas dos peixes ou dos crustáceos que, passado um certo tempo, nem sempre respeitado por comerciantes menos escrupulosos, podem provocar intoxicações alimentares graves.

Com as mesmas doses, pode-se atrasar a evolução e a conservação de frutos por três ou quatro semanas.

Doses ligeiramente superiores eliminam todos os micro-organismos perigosos nos cereais, legumes secos, produtos desidratados e sobretudo especiarias que, não tratadas, alteram a breve prazo as conservas semifrescas.

Os mais ardentes defensores destas técnicas consideram que a irradiação de géneros alimentares, após mais de 20 anos de experimentação e inocuidade confirmadas, deveria revolucionar as indústrias agro-alimentares.

Uma comissão mista de peritos de organizações internacionais elaboraram uma série de estudos e certificaram que a aplicação dos tratamentos ionisantes em doses adequadas não apresentavam perigo para o homem e que, além disso, eram mais eficazes e menos tóxicas do que outras tecnologias utilizadas os gases do tipo do óxido de etileno, que deixam resíduos tóxicos e cancerígenos).

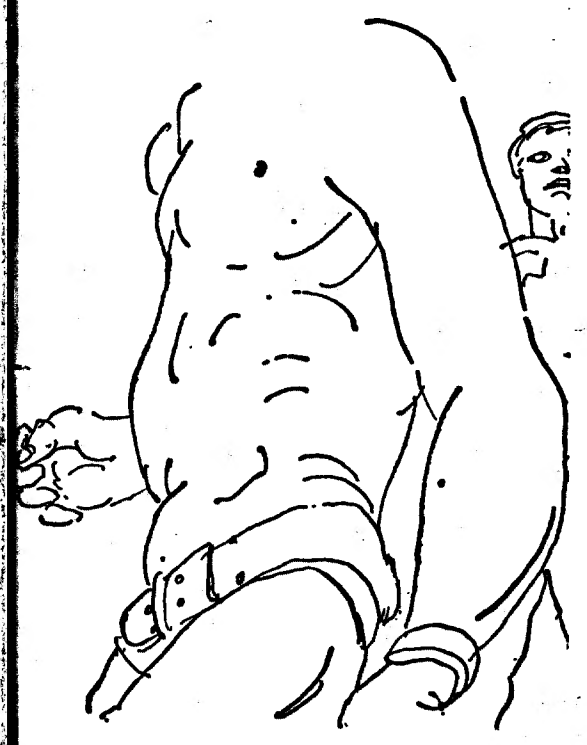


O processo, é introduzido em numerosos países, da Ucão Soviética à Espanha da CEE a Israel.

Em França, porém, os pedidos tendentes à concretização de um projecto de irradiador em que estariam envolvidas mais de 30 indústrias da região de Marselha, não obteve até à data as necessárias autorizações dos poderes públicos.

Entretanto, os géneros oriundos de outros mercados inundam clandestinamente a França, omissos quanto à «ionização» a que se sabe terem sido submetidos.

De um modo geral, os poderes públicos temem as reacções das associações de consumidores às referências a uma tecnologia derivada do nuclear.



(Photo Jacques DAMASE.)

toda a ambiguidade das relações que vai manter com os intelectuais. Por tolerância calculada ou por servilismo, os intelectuais italianos, à excepção de uma minoria vítima da repressão, afundar-se-ão nas malhas do regime. Por um lado, o fascismo não terá sentido qualquer dificuldade para esmagar uma esquerda intelectual que não teve tempo de maturar, como na Alemanha, por exemplo, e de produzir um Brecht, mas, por outro, não chegará a criar uma classe política e intelectual «orgânica» que consiga garantir a sua dominação ideológica. Esta lacuna será de peso na segunda metade dos anos 30, quando começar a esgotar-se o consenso intelectual entre uns tantos personagens.

Esta relação entre a arte e o regime explica que a Itália dos anos 30 não tinha ficado isolada das grandes correntes estéticas europeias da época. Tal como a arquitectura, a criação literária (surgem nessa altura «Gli Indifferenti», de Moravia, «Questa sera si recita a soggeto», de Pirandello, ou «Allegria», de Ungaretti) ou pictórica não são provincianas. Com efeito, é necessário sublinhar a continuidade existente entre o «Novecento» (1923-1929) e aquilo que Rossana Bossaglia, organizadora da parte da exposição dedicada à pintura, apresenta como o último «Novecento» («Último Novecento»), isto é, entre o «realismo mágico» de um De Chirico dos anos 20 e o novo estilo, de que o muralismo será uma das expressões.

A propósito de pintores como Sironi, Carrà e Funi, ou do escultor Martini, mais populistas nos desígnios e nas obras, impregnadas da mística do regime, Rossana Bossaglia fala de um «estilo», sublinhando ainda que se inscrevem, com as suas tonalidades épicas e sociais, numa corrente artística que conhece com a mesma profundidade a Europa e a América. Paralelamente a este «estilo fascista», afirmar-se-ão tendências opostas: abstracção, neo-impressionismo e racionalismo, tentando todos estabelecer uma relação privilegiada com o Estado, enquanto este dá guarida aos que o censuram.

É na arquitectura que o fascismo indubitavelmente se exprimiu com mais plenitude: a monumentalidade ombreando com o triunfalismo, mas também com a ambição de permanência. As solas consagradas a este modo de construir a Itália, as suas cidades e território, são menos para ver do que para ler: planos, fotografias e maquetes sucedem-se. Mas uma volta por Milão dará «vida» a esta parte da exposição. A arquitectura da época fascista oscila entre o clacissismo e o racionalismo vanguardista: essa a razão de uma conjugação do arco (homenagem ao poder, pela evocação da romanidade) e da aresta (expressão do racionalismo). Com efeito, a exposição ajuda a compreender que, contrariamente a uma ideia simplificadora do lado agrário do fascismo (o saneamento de campos como o de Maremme será exemplo disso), o regime também marcou, talvez mesmo dominantemente, a cidade.

Enquanto imágem do regime, a arquitectura faz parte deste enorme aparelho de comunicação de massas criado. O consenso em torno do fascismo não pode ser compreendido sem uma referência à explosão, na época, dos meios de comunicação como a rádio ou o cinema, veiculando este último, particularmente através dos filmes ditos do «telefone branco», uma filosofia inteiramente nova, caracterizada pelo conforto e pelo consumo Mais de cento e vinte bandas desenhadas apresentadas na secção consagrada à ilustração, assim como os cartazes, são outro exemplo desta cultura de massas nascente e das novas técnicas que se desenvolvem, pondo o acento tónico sobre a imagem (em particular da fotografia, nomeadamente com Luxardo).

O fascismo-espectáculo

Estes «Anos 30» de Milão fazem lembrar a exposição «Os Realismos», organizada no Centro Georges Pompidou no ano passado. Trata-se, claro, de uma nova leitura, não somente da criação pictórica, mas de uma época. A redução do horizonte (internacional, no caso dos «Realismos») ao quadro italiano e a fragmentação por decénios, dificilmente poderiam evitar os esquematismos gerados pelos tempos longos. Ligada ao desejo de objectividade (recusa de impor uma estrutura de leitura ou de fazer aparecer a apologia do regime), esta inevitável esquematização faz oscilar a exposição entre a amostra e a omissão.

É o fascismo-espectáculo que se oferece ao público, um pouco segundo a fórmula de um crítico italiano, como se um superorganismo de propaganda se tivesse empenhado em o apresentar. Mas são numerosas as ausências: ausentes, essa vularidade e o «kitsch» dos comportamentos e dos costumes do totalitarismo de massas; ausentes, essas massas (o trabalho e os objectos do quotidiano): apenas são apresentadas as mais espectaculares, do «Topolino» — o famoso pequeno Fiat — ao posto de rádio ou ao «tandem» espantoso com duas salas paralelas); ausente, o corpo fascista (o ritual da ginástica, as arenas, os «fori»); ausentes, ao lado das produções literárias de qualidade, todas essas publicações que o regime produzia, sem abandonar os maiores nomes da edição; ausentes, os subprodutos impérios-rurais da arquitectura; ausente, sobretudo, qualquer menção à oposição ao fascismo (Giulio Einaudi, Carlo Levi e Cesare Pavese presos; e nem uma referência a Gramsci, que durante aqueles anos escrevia as «Cartas do Cárcere»); ausente, afinal, qualquer indício de conflito ou de oposição difusa, como mais recente historiografia revela (1).

O aspecto positivo mais evidente desta exposição é, sem dúvida, o acolhimento do público. Para toda uma geração mais nova, parece tratar-se de uma herança saída de umas águas-furtadas. Certos críticos sublinham, no entanto, uma reactualização subtil da autoridade, precisamente numa época de clara crise ideológica. Uma exposição que se queria simultaneamente uma evocação e um exorcismo mas que, sem dúvida, conseguiu atingir melhor o segundo do que o primeiro objectivo.

Phillipe Pons

(1) Piero Bevilaqua, «La campagne del Mezzogiorno tra fascismo e do poguerra» Einaudi, 1980

* «Os Anos 30: Arte e Cultura em Itália», Galleria Vittorio Emanuele, Sagrato del Duomo, Palazzo Reale, em Milão. Até 30 de Abril de 1982.

Para diminuir esse impacto, a Associação para a Promoção Indústria-Agricultura (APRIA) propõe a substituição por «ionização», cuja conotação é menos traumatizante para o grande público.

Neste país, tal como nos Estados Unidos, não é concedida desde 1970 nenhuma nova autorização por razões de ordem política e ideológica, pois receia-se o risco de reforço da luta contra o nuclear e as centrais nucleares.

Os problemas práticos colocados pela compra e utilização de irradiadores industriais estão ainda longe de terem encontrado resolução definitiva.

A conjugação de todos estes problemas talvez explique, afinal, o facto de até ao momento nenhuma indústria se ter lançado na aventura e a prudência dos poderes públicos, interessados em assegurar uma amortização possível antes de investirem em equipamentos muito caros.

Coca e heroa devastam os drs. Jekyll

Mr Hyde reina em Hollywood

Manuel Molares do Val, um jornalista da EFE espanhola, volta de Hollywood horrorizado com a quantidade de droga consumida nos meios artísticos locais. Para ele, a heroína e a cocaína estão a fazer vir ao de cima cada vez mais misters Hyde, em prejuízo da antiga multidão de doutores Jekyll.

ROBERTO Luis Stevenson estava a morrer de tuberculose quando para reduzir os seus sofrimentos lhe receitaram láudano e cocaína.

O fruto desta associação de drogas foi a célebre novela «O estranho caso do doutor Jekyll e mister Hyde».

Corria o século passado e a novela romântica surgia decadente e torturada como a enfermidade que matava tantos artistas.

A novela de Stevenson raras vezes foi interpretada como a mensagem de um drogado. Apenas se considerava que o composto químico com que se injectava o bondoso doutor Jekyll e que o transformava no malvado mister Hyde era outra versão do Fausto que entregava a alma a Mefistófeles a troco de riquezas e juventude.

Mas não: a novela simbólica mostrava como a droga ia destruindo todo o lado bom do doutor Jekyll, fazendo aflorar na personalidade de mister Hyde, com crescente violência, o mais abjecto da natureza humana.

Este argumento contra a autodestruição fora escrito sob os efeitos do tratamento receitado por médicos que não sabiam ainda como tratar a tuberculose.

E o mesmo se está a passar em Hollywood, cujos actores raras vezes se caracterizaram pelo seu talento. Meia dúzia de nomes, entre dezenas de milhares, passaram à história da arte.

Mas dezenas de milhares de pessoas padecem aqui de tuberculose da época moderna e aplicam a si mesmas láudano, álcool e ópio — e cocaína.

Na época de Stevenson a tuberculose afectava todo o mundo e o homem era impotente para combatê-la.

Na época actual, uma estranha enfermidade — mental e não física — dizima esta nação e os refexos desta doença reflectem-se em toda a sociedade norte-americana.

Próximo de qualquer pessoa há sempre alguém que padece do mal, medicado não por profissionais de medicina mas sim pelos traficantes de narcóticos. O láudano surge com o seu efeito multiplicado por muitos milhares e chama-se heroína; a cocaína de agora é puríssima, e junto dela a de há cem anos quase se pode considerar uma simples aspirina.

Os drogados do século passado eram-no por ignorância da ciência médica face a enfermidades como a tuberculose. Os de agora sofrem dessa doença mental que é o vazio e, possuindo muitas vezes tudo ou quase tudo, reagem como se nada tivessem.

Os títulos da maioria das películas que Hollywood está a fazer indicam também eles que mister Hyde se apoderou da indústria cinematográfica americana. Não há mais do que morte, assassinatos, desolação, vingança, violação e sadismo.

É raro encontrar um bondoso doutor Jekyll no cinema de Hollywood, ou nos seus espectáculos para a televisão. E isto porque devido ao efeito das drogas consumidas pelas gentes daqui, a personalidade do doutor Jekyll diluí-se quase por inteiro enquanto a de mister Hyde surge reforçada.

O leitor não tem mais do que fixar os títulos das películas de Hollywood anunciados no seu jornal e comprovará com assombro, e provavelmente com susto, que mister Hyde domina.

O mesmo ocorre com a maioria das séries da televisão.

As drogas que destroem Hollywood estão também a destruir os seus cultores. Ultimamente a capital do cinema não sabe fazer outra coisa.

Há menos de dez dias morria devido a uma sobredose de heroína e cocaína o actor cómico John Belushi. Era mais um dos artistas assassinados pelo seu mister Hyde. Quando o doutor Jekyll o dominava, ele era um prazer para o público.

A droga converteu-se aqui num emblema do triunfo. O dinheiro é fácil e com ele as necessidades materiais estão asseguradas. Tem-se a admiração e a fama.

As mulheres têm os homens que desejam e vice-versa... e como dizem os ex-drogados John Phillips — do filme «Mamas e papas» — e sua filha, a actriz Mackenzie Phillips, «a droga é uma forma sofisticada de presumir o poder, de acreditar que se detém mais poder com o aumento da criatividade».

«O terrível é que, para além da mensagem destruidora que a droga propaga através do trabalho do drogado, muita gente, sobretudo os jovens, admira os famosos e imita-os drogando-se», afirmam os Phillips.

A subcultura da droga em Hollywood já criou ritos iniciáticos — instrumentos de ouro, movimentos precisos, a elegância de convidar num momento determinado o iniciado — como se de uma nova religião se tratasse.

Este foco de epidemia tem pouco que oferecer ao futuro.

Roberto Luis Stevenson era desde o princípio um homem de talento.

Mas o talento degradou-se a tal ponto em Hollyood que qualquer medíocre chega ao estrelato. Os medíocres, por muito alto que voem, nunca podem criar arte, mas apenas uma versão caricaturizada estúpida do seu mister Hyde, que nem sequer teve um dia a beleza do doutor Jekyll.

E o leitor pode confirmá-lo olhando a página dos espectáculos do seu jornal e verificando o que vem de Hollywood: um produto sem talento, criado pela sua horrorosa e contagiosa enfermidade.

Publicidade **Sete Ponto Sete**

MÚSICA AO VIVO
no BARIMBAR — Lagos

Adriano Correia de Oliveira.
Paulo Vaz de Carvalho.
6.ª e sábado — 26 e 27 de Março.

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA, ENERGIA E EXPORTAÇÃO
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Sintra em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º PT/5421-1/2, arquivo 9, para o estabelecimento no concelho de Sintra, de uma linha mista a 10 kV, n.º 1545, com 3473 m, parte aérea, com 3023 m, e parte subterrânea com 450 m, da S.E. n.º 3950 Mem Martins ao PS n.º 5421 anexo ao PT n.º 2579-C da Companhia Industrial Portugal e Colónias, em Mem Martins.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 15 de Março de 1982

O ENGENHEIRO DIRECTOR
João Carlos Oudinot Larcher Nunes

O GRANDE "OVNI" DA PÁSCOA!!!

LOUIS DE FUNÈS

ENCONTRO COM OS EXTRATERRESTRES

(LA SOUPE AUX CHOUX)

JEAN CARMET · JACQUES VILLERET Realiz de JEAN GIRAULT
Não acons. men. 13 anos COLORIDO
FILMES CASTELLO LOPES 65 apresenta

É O MELHOR! É PARA RIR!

HOJE ESTREIA EM DOIS CINEMAS

CONDES e IMPÉRIO

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA, ENERGIA E EXPORTAÇÃO
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Elvas, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o Processo n.º 1/2350, Arquivo 95, para o estabelecimento na freguesia de Santa Eulália, concelho de Elvas, de uma linha aérea a 30 kV, com 1105 m, do poste n.º 281 da linha Portalegre-Elvas ao P.T. da Estação Elevatória de Águas de Santa Eulália.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 11 de Março de 1982.

O ENGENHEIRO DIRECTOR
João Carlos Oudinot Larcher Nunes

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA, ENERGIA E EXPORTAÇÃO
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Torres Novas, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/2379, arquivo 95, para o estabelecimento na freguesia de Zibreira, concelho de Torres Novas, de uma linha mista provisória a 30 kV com 697 metros, da subestação provisória do Almonda-Zibreira ao posto de transformação n.º 5 da RENOVA — Fábrica de Papel do Almonda, Lda., — Zibreira.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 15 de Março de 1982.

O ENGENHEIRO DIRECTOR,
João Carlos Oudinot Larcher Nunes

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA, ENERGIA E EXPORTAÇÃO
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Alenquer, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º P.T./5641-1/1, arquivo 9, para o estabelecimento no concelho de Alenquer, de uma linha mista a 10 kV n.º 1183/R-19 com 1320 metros entre o P.S. n.º 5030, anexo ao P.T. n.º 2341-C, e o posto de transformação e de seccionamento, n.º 5641, sito na Rua Mártir São Sebastião, no Carregado.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 15 de Março de 1982.

O ENGENHEIRO DIRECTOR,
João Carlos Oudinot Larcher Nunes

4.º MÊS

A EXCEPÇÃO E A REGRA

de BERTOLT BRECHT
encenação
PETER SCHROTH e
PETER KLEINERT

DIA 27 ÀS 16 H.
DIA 28 Às 16 E 21.45

Últimas representações

GRUPO DE CAMPOLIDE

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA, ENERGIA E EXPORTAÇÃO
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Portalegre, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o Processo n.º 1/2270, Arquivo 95, para o estabelecimento no concelho de Portalegre, de uma linha aérea a 6 kV com 753 metros, do poste n.º 3 da linha para o P.T. da Quinta da Saúde, para o posto de transformação de Cabeço de Mouro.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 15 de Março de 1982.

O ENGENHEIRO DIRECTOR
João Carlos Oudinot Larcher Nunes

J. MORAIS ROCHA, LIMITADA

NOTARIADO PORTUGUÊS

VIGÉSIMO PRIMEIRO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA
A CARGO DA NOTÁRIA LICENCIADA LÍDIA PEREIRA NUNES DE MENEZES

Eu abaixo assinado, ajudante deste cartório, certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de vinte e dois de Março de mil novecentos e oitenta e dois, lavrada de folhas trinta e cinco verso a trinta e seis verso do Livro de notas para escrituras diversas deste Cartório, catorze B, foi constituída uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada com a denominação em epígrafe, entre Joaquim Domingos Lopes Júnior e João Arriscado Nunes de Morais Rocha, que se ficou a reger pelos estatutos constantes da fotocópia anexa.

Primeiro

A sociedade adopta a firma J. MORAIS ROCHA, LDA, tem a sua sede na Quinta da Várzea, letras A R H, Camarate, concelho de Loures, a qual poderá ser mudada por decisão tomada em assembleia geral, e durará por tempo indeterminado, a contar de hoje.

Segundo

O objecto social é o comércio de importações e exportações, equipamentos científicos, electrónicos e didácticos ou qualquer outra actividade comercial ou industrial em que os sócios acordem.

Terceiro

O capital social é de trezentos mil escudos, totalmente realizado, em dinheiro, já entrado na caixa social, e representado por duas quotas, sendo uma de duzentos e vinte mil escudos do sócio João Arriscado Nunes de Morais Rocha e outra de oitenta mil escudos do sócio Joaquim Domingos Lopes Júnior.

Quarto

Número Um — A cessão de quotas, no todo ou em parte, é livremente permitida entre sócios; porém a cessão a favor de estranhos depende do consentimento da sociedade em primeiro lugar e dos sócios não cedentes em segundo, que poderão usar do direito de preferência.

Número Dois — O sócio que pretender ceder a sua quota notificará a sociedade da sua resolução por carta registada com aviso de recepção, mencionando e identificando o cessionário, bem como o preço ajustado e condições estabelecidas.

Número Três — Nos trinta dias subsequentes àquela notificação reunir-se-á a assembleia geral, que decidirá se a sociedade deseja ou não optar nas condições constantes da notificação.

Número Quatro — Se a sociedade deliberar não adquirir a quota alienanda, poderão os sócios usar desse direito nas mesmas condições, devendo para esse efeito declará-lo na referida assembleia geral.

Número Cinco — Se a sociedade ou os sócios usarem do referido direito de preferência, a respectiva escritura deverá ser outorgada e assinada no prazo de noventa dias a contar da data da reunião da assembleia geral em que foi deliberada tal opção e deverá constar da respectiva acta.

Número Seis — Se nem a sociedade nem os sócios se pronunciarem no prazo de trinta dias, a contar da notificação, o sócio que pretender ceder a sua quota poderá fazê-lo livremente, considerando-se tal silêncio como acordo tanto da sociedade como dos sócios não cedentes, a tal cessão.

Quinto

A sociedade poderá amortizar quotas nos seguintes casos:
Alínea A — Por acordo com os respectivos titulares;
Alínea B — Quando o titular não cumprir o disposto no artigo anterior;
Alínea C — Se o titular da quota for declarado falido ou insolvente;
Alínea D — Se a quota for arrestada ou penhorada;
Alínea E — Por morte de qualquer dos sócios.

Parágrafo Único. A amortização será feita pelo valor determinado pelo último balanço aprovado e será paga em quatro prestações semestrais e iguais e sem vencimento de juros, salvo acordo em contrário.

Sexto

Número Um — A sociedade terá dois ou mais gerentes, nomeados em assembleia geral, que serão dispensados de caução.

Número Dois — Para obrigar a sociedade nos seus actos e contratos basta a assinatura de dois gerentes ou de seus procuradores, dentro dos limites dos seus poderes.

Número Três — Em actos de mero expediente e do objecto social da sociedade basta a assinatura de um dos sócios.

Número Quatro — Os gerentes poderão delegar em quem entenderem os seus poderes de gerência, no todo ou em parte, mediante procuração.

Número Cinco — A sociedade poderá constituir mandatários nos termos do artigo Duzentos Cinquenta e Seis do código comercial ou para quaisquer outros fins deliberados em assembleia geral.

Número Seis — Aos gerentes é expressamente proibido obrigar a sociedade em actos e contratos estranhos ao seu objecto.

Sétimo

As assembleias gerais serão convocadas por cartas registadas, dirigidas aos sócios com a antecedência de oito dias, pelo menos, salvo os casos em que a lei prescreva outros prazos ou formalidades.

Parágrafo Único. Qualquer sócio poderá fazer-se representar por outro nas reuniões da assembleia geral, mediante simples carta dirigida à sociedade.

Oitavo

Dos lucros líquidos apurados no balanço anual, uma parte será destinada ao fundo de reserva geral ou a quaisquer outros fundos deliberados em assembleia geral sendo a parte restante distribuída pelos sócios na proporção que for deliberada também em assembleia geral.

Digo sociedade.

Está conforme.

Lisboa, vinte e três de Março de mil novecentos e oitenta e dois.

O Ajudante

Maria Daniela Abreu Mendonça Figueira

Carla Thomas

Wilson Pickett

Eddie Floyd

Sam & Dave

Soultime também no Coliseu

Segunda e terça-feiras à noite estão em concerto no Coliseu de Lisboa artistas como Wilson Pickett, Eddie Floyd, Sam & Dave, Carla Thomas e uma grande orquestra de duas dezenas de músicos: é o «Soul» e a sua gente, uma geração inesquecível que teve uma influência determinante no «rock» contemporâneo, depois de ter «explodido», carregada de memória africana, nos EUA da década de sessenta. O Coliseu ainda estará morno do público de Léo Ferré quando Carla Thomas entrar no palco, para mudar de partitura com o velho sorriso de quem sabe dizer «That's Soultime, Folks! . . .»

A Soul Music dos anos sessenta foi um dos fenómenos mais importantes na história da música popular da segunda metade do século XX.

A expressividade Soul, o uso e « abuso» do corpo como elemento componente da expressão musical, o ritmo e as vozes apelativas são, hoje em dia, essenciais na produção musical de consumo internacional.

Nomes como Bo Didley, Fats Domino, Little Richard, Eddie Floyd, Ruffus e Carla Thomas, Sam & Dave, Wilson Pickett ou Marvin Gaye entre centenas de outros são marcos da história duma música ainda hoje viva, de saúde e com muitos filhos.

Nos anos sessenta a produção de Soul Music centrou-se em três cidades norte-americanas com as respectivas três grandes marcas de discos: a «Motown» com o som de Detroit, a «Stax» com o som de Memphis e a «Atlantic» com o som de Harlem.

Ficaram famosos muitos cantores e autores como: de Detroit — Diana Ross e as Supremes, Smoky Robinson & The Miracles, The Temptations, Martha Reeves & The Vandellas, The Four Tops, Stevie Wonder, Holland-Dozier-Holland; de Memphis — Booker, T. and The MG's, Ruffus Thomas, **Carla Thomas,** Isaac Hayes, **Sam & Dave,** Johnnie Taylor, **Eddie Floyd,** Albert King, The Stapple Singars; de Harlem — Ruth Brown, The drifters, The Coasters, LaVern Baker, Solomon Burk, **Wilson Pickett,** Percy Sledge, Arthur Conley.

Curiosamente, alguns dos nomes mais célebres da cena da música popular afro-norte-americana foram, no início da sua carreira, famosos «disck-jockeys»: Elmor James, na estação da rádio «Woki» em Jackson, Mississippi; Sonny Boy Wiliamson, na «Wffa» de Helena, Arkansas e na «Wrox» de Clarksdale, Mississippi; Holling' Wolf na «Wkwm» e B.B. King na «Wdia» de Memphis, Tennessee.

Esta espécie de música, começando por ser uma produção de raça de «ghetos», de proletariado industrial, ganhou primeiro uma aceitação nacional para depois se projectar pelo mundo fora e criar discípulos, mercados, cópias e influências profundas. Assim, muita da música que abana a juventude dos anos oitenta e faz consumir(-se), vem directamente da Soul Music, linguagem popular duma subcultura, identificada com a subversão social duma Nina Simone, com exigência de Ottis Redding a gritar «Respect!», com o eroticismo orgulhoso de James Brown a repetir «Say it loud I'm black and I'm proud».

Soul Music é não só sentimento mas também convicção, é não só intensidade como envolvimento especial, é uma grande festa dos sentidos, uma agitação intemporal que pode anunciar profetas como Wilson Pickett ou «Was not was», Sam & Dave ou Earth, Wind & Fire.

Soul, é a alma do negócio

A «Soul Music» tem em Wilson Pickett um dos seus artistas mais importantes.

Pickett nasceu em Prattville, no Alabama, no mesmo ano que o legendário Ottis Reeding — 1941 — e passou os primeiros anos da sua vida musical, em Detroit a cantar espirituais. Depois o seu reportório começou a incluir outro tipo de canções, embora sempre todas elas embebidas na expressão negróide e exemplos acabados da forma «Soul»: o balanço contagioso, a excitação crescente, a vocalização roufenha, a repetição violenta, o erotismo declarado.

Em 1959 Pickett ingressou no grupo «The Falcons» um dos mais populares no «Rhythm and Blues» da área de Detroit. Quatro anos depois estreou-se como solista e compositor. Na marca de discos Atlantic o seu primeiro êxito foi o seu tema «If you need me» que viria também a ser gravado por Bill Doggett, pelos Rolling Stones e por Tom Jones.

Em colaboração com Steve Cropper, Wilson Pickett compõe mais tarde o seu maior êxito «Midnight Hour».

Em 1967 Pickett era o n.º 2 na lista dos autores mais importantes do «R & B».

Como um dos melhores intérpretes da «Soul Music» se tem mantido até hoje.

Soul, é a alma do negócio de Eddie Floyd

Na década de 60, como dissemos, a produção de «Soul» centrou-se em três cidades norte-americanas com as respectivas três grandes marcas de discos: a «Motown» com o som de Detroit, a «Stax» com o som de Memphis e a «Atlantic» com o som de Harlem.

De Memphis vieram nomes que inundaram o mundo com a melhor música deste tipo: Rufus e Carla Thomas, Isaac Hayes, Sam & Dave, Johnnie Taylor, Albert King, The Stapples Singers e Eddie Floyd.

Eddye Flyd chegou ao Top Ten norte-americano, pela primeira vez, em 1966, tendo começado no entanto a sua carreira como membro dum grupo de música «gospel» em Montgomery, no Alabama. Trabalhou também com «The Falcons» grupo que incluía Wilson Pickett para o qual mais tarde Eddie viria a escrever o célebre tema: «634-5789».

A primeira gravação como solista que fez para a «Stax» foi em 1965 no tema: «Things get better». Mais tarde e de parceria com Steve Cropper compôs o seu maior êxito de sempre, o famoso «Knock on the wood».

Soul, é a alma do negócio de Carla Thomas

Quando um dia um jornalista disse a Janis Joplin que ia escrever no jornal «Rolling Stone» um artigo sobre a estreia do seu grupo em Memphis, Janis exclamou: «Rolling Stone?!. Eles não sabem nada do que se está a passar! Vivem em S. Francisco julgando que lá é que a música acontece. Nada disso, é aqui, em Memphis!». Embora Memphis tenha sido a capital do «rockabilly» — Elvis Presley, Jerry Lee Lewis, Carl Perkins, Roy Orbison — a etiqueta «Stax» foi o fenómeno comercial que mais celebrizou nos anos 60, a chamada «Soul Music» e a sua rainha, a cantora Carla Thomas.

Este tipo de música começou nas igrejas negras e preservou sempre os elementos básicos da música religiosa, juntando-lhes, sopros e guitarra como componentes dominantes. Carla, sua intérprete ideal, nasceu em Dezembro de 1942 e com oito anos de idade cantava no grupo «Teen Towrs» da estação de rádio local: a «Wdia». Aos 18 anos compôs e gravou o tema «Gee Whiz» que foi um êxito de vendas e o primeiro disco de ouro da «Stax». Com o curso de literatura inglesa na Universidade de Howard de Washington, a bela Carla atingiu o ponto mais alto da sua carreira quando gravou com Ottis Redding, o inesquecível álbum: «The King and the Queen».

Soul, é a alma do negócio de Sam & Dave

Sam & Dave, que obtiveram um disco de ouro em 1967, juntaram-se seis anos antes. Samuel David Moore filho dum diácono baptista em Miami encontrou Dave Prater filho dum operário de Ocilla na Georgia quando aquele actuava num clube de Miami. O duo começou por se chamar «Double Dynamite». O primeiro disco para a etiqueta «Stax», de Memphis, em 1965, «It was so nice while it lasted» não foi um sucesso. Só a quarta gravação atingiu o grande êxito comercial e artístico: «Hold on, I'm coming». Esta famosa dupla até porque só começou a gravar discos, anos depois de actuar em clubes, é, em palco, um grande espectáculo. A própria revista «Time» os considerou como «**o grupo que, como ninguém, aquece uma audiência!**».

Sam & Dave integrarão também esta representativa embaixada da melhor música afro-norte-americana que vem actuar em Lisboa.

A melhor «Soul Music» vai abanar o Coliseu!

COOMAPOR, S.C.R.L.

COOPERATIVA DE MÃO-DE-OBRA DO PESSOAL DO TRÁFEGO PORTUÁRIO

ASSEMBLEIA GERAL

CONVOCAÇÃO

Por imposição estatutária, convoco todos os associados a reunirem em Assembleia Geral Ordinária no dia 29 de Março de 1982 (2.ª feira), às 17 horas, nas instalações do Centro Coordenador do Trabalho Portuário de Lisboa (CCTPL) sitas na Avenida Infante D. Henrique em Lisboa, com a seguinte ordem de trabalhos:

PONTO ÚNICO — Discussão e votação do relatório e contas da direcção e parecer do Conselho Fiscal, relativos ao ano de 1981.

A Assembleia só poderá funcionar em primeira convocação com um número de cinquenta associados, mas em segunda convocação poderá reunir uma hora depois, com qualquer número de sócios presentes.

Lisboa, 15 de Março de 1982

O PRESIDENTE DA MESA DA ASS. GERAL
Carlos Américo Marques Gonçlves

HENRI CARTIER-BRESSON/MAGNUM

Os senhores da informação

DESDE o raiar da aurora ao fundo da noite, eles dizem-nos o que é preciso saber e pensar daquilo que se passa no mundo. Lêmo--los, vêmo-los, ouvimo-los ao longo dos dias. São os senhores da imprensa: donos de jornais ou de cadeias de jornais, cronis--tas, editorialistas, chefes de re--dacção e chefes de secção. Um pequeno grupo de pessoas que tem nas mãos a ferramenta mais poderosa dos tempos modernos: a informação.

Quem são eles? De onde vêm? Como vivem? Em que pensam? Eis as perguntas que fez a si próprio um jovem sociólogo, Rémy Rieffel, que inter--rogou cento e vinte jornalistas que fazem parte dessa elite (1). Esta feliz iniciativa permite-nos apreciar como são vistos, por alguém do exterior ao meio, aqueles que têm a profissão de observar os outros.

O que mais o impressionou foi a homogeneidade desse pe--queno mundo, no entanto com--posto de fortes personalidades ciosas da sua originalidade. Oriundos dos mesmos meios (quadros superiores, profissões liberais, professores, ricos co--merciantes), com salários elé--vados (a que muitas vezes se juntam direitos de autor e outras vantagens), morando nos mes--mos bairros (zona oeste de Pa--ris, XVIº **arrondissement** e bairros elegantes da margem es--querda), frequentando as mes--mas pessoas e com o mesmo tipo de tempos livres, formam um meio socialmente muito se--melhante e fortemente integrado na alta burguesia.

As suas condições de trabalho e o seu modo de vida ainda acen--tuam esse isolamento social. Submetidos a um ritmo de traba--lho intensivo, os seus contactos são limitados aos encontros úteis com os informadores de alto nível (dirigentes políticos ou económicos, intelectuais, embaixadores), segundo ritos precisos (almoços no restau--rante, jantares, cocktails). Quanto maior é o nível da sua responsabilidade, mais o das suas relações aumenta. Excep--tuando as relações de família ou de vizinhança, os dirigentes da informação não frequentam gente vulgar.

Esta estreiteza — evidente consequência da extraordinária centralização da vida francesa — seria pouco importante se os senhores da informação não pre--tendessem precisamente ex--primir-se em nome do «homem da rua», da «França real». O mito da opinião, tão sólido entre os senhores da imprensa e dia--riamente brandido pelos edito--rialistas (**«a opinião não com--preenderia que...», «a opinião exige que...»**), adquire um sabor especial quando se pensa que os que escrevem são os mais mal colocados para prever suas reacções.

* * *

Esta contradição não é a única com que se confrontam os gran--des feitores de opiniões que são precisamente esses jornalistas de alto gabarito. Rémy Rieffel mostra muito bem que eles são submetidos a quatro redes de influência, cujos interesses são muitas vezes contraditórios: os informadores, o meio profissio--nal, o órgão onde trabalham e o público.

Os informadores são a fonte e a garantia do seu poder. Este reside em grande parte no ca--derno de moradas do jornalista, numa rede pacientemente man--tida de relações pessoais, algu--mas das quais podem vir da in--fância ou da adolescência e são fruto de relações familiares ou de companheirismos vários. Poder chegar em qualquer altura ao homem-chave que fornecerá a informação decisiva ou a luz que permitirá atingir o seu sig--nificado, é uma necessidade vi--tal. Mas essa conivência tem contrapartidas. Há regras do jogo a observar, silêncios a res--peitar. O jornalista deve saber até onde pode ir, para não perder essas possibilidades.

A relação com o informador é um jogo subtil em que cada um precisa do outro. Embora de--tendo um poder formidável, o jornalista também sabe que o seu crédito — logo o seu valor no mercado — repousa no reco--nhecimento do seu valor profis--sional pelo meio onde opera. Ao dar-lhe uma informação exclu--siva o informador confirma a autoridade do jornalista (e do jornal...). Ele reconhece-o digno da sua função. No seu próprio terreno o jornalista en--contra confrades-concorrentes. A procura do «scoop», a neces--sidade de fazer um produto ori--ginal, reforçam o individua--lismo dos homens da imprensa. Mas as inúmeras ocasiões de encontro durante viagens ou re--cepções, e as recordações co--muns, as pequenas ajudas, criam uma solidariedade. E, pe--rante as crises que a informação escrita ou audiovisual conhe--cem, o jornalista sabe que certas amizades podem um dia ser-lhe úteis. A mobilidade que ob--serva, principalmente no au--diovisual ou nos semanários mostra que os jornalistas per--tencem mais ao seu meio pro--fissional do que ao jornal onde trabalham.

Fazendo parte da alta hierar--quia do seu jornal ou da sua cadeia de jornais, estes jornalis--tas estão directamente associa--dos à sua política e às suas difi--culdades. Eles sofrem a chico--tada da complexidade burocrá--tica crescente. Reuniões, ne--gociações, responsabilidades financeiras, escolha de pes--soal... As actividades gestioná--rias ocupam cada vez mais o tempo a consagrar ao trabalho redactorial. As tomadas de deci--são são resultado de arbitragens complicadas entre categorias profissionais, serviços ou inte--resses vários. Obrigados a de--cidir entre duas opiniões con--traditórias, os jornalistas que dirigem a redacção vêem seria--mente reduzida a sua liberdade de manobra.

Finalmente, os senhores da informação têm que enfrentar diariamente o grande corpo mudo que é o árbitro supremo: o público. É desse público que tudo depende. Por isso passa-se o tempo a sondar-lhe os pensa--mentos secretos, a adivinhar as suas evoluções possíveis. Busca febril e sempre vã. As sonda--gens são indicações secas e difí--ceis. O correio não é mais do que uma campainha, sem signi--ficado geral. Os números de venda e as percentagens de es--cuta guardam o seu mistério. Mas os responsáveis pela in--formação são levados a con--formar-se com a imagem que fazem, mais ou menos intuiti--vamente, dos seus leitores e dos seus auditores, a calcular o que eles desejam ouvir e o que pode fazê-los fugir.

* * *

As dificuldades que os res--ponsáveis pela informação têm, não significa que eles se sintam amarrados. Mas fazem parte de um sistema de relações e de po--deres, e têm que se adaptar a isso. Mas uma tal situação in--fluirá na maneira como tratam a informação? Rémy Rieffel pensa que sim. Embora tendo em conta as personalidades e os apoios, ele acha que há uma ideologia comum a essa elite jornalística, que pode caracteri--zar-se pelo direito de normalizar as relações sociais, acalmar os conflitos, suavizar as diferen--ças. Uma ideologia da integra--ção, da paz social, do consenso — que se explica, precisa--mente, pela forte integração da equipa jornalística na elite so--cial.

Os dirigentes da informação estão por natureza do lado dos poderes. Eles receiam — ou negam — aquilo que perturba, que destrói a harmonia, que é, aparentemente, irracional. Daí a sua surpresa perante os movi--mentos espontâneos ou violen--tos que, muitas vezes, são me--lhor compreendidos pelas jo--vens gerações de jornalistas que não façam parte do **establish--ment**, ou pelos órgãos da im--prensa mais novos, que ainda não foram admitidos no Gotha da profissão. Daí também a forma particular de jornalismo muito característica da França, que privilegia a informação co--mentada, em detrimento do in--quérito aprofundado ou da vio--lência polémica.

A elite jornalística faz parte de uma tradição cultural fran--cesa em que a forma se sobrepõe ao fundo e onde a impertinência é sempre medida. Querendo esclarecer o povo sem o domi--nar, misturando a lucidez ao cepticismo, ela procura expli--car, simplificar, preparar as evoluções necessárias, e não denunciar ou inverter as situa--ções adquiridas.

Encarregada de acompanhar os movimentos e de preparar a opinião para as mutações que se anunciam, ela tem, apesar do seu lealismo ideológico, um poder sempre crescente no campo intelectual, invadindo os territórios antes atribuídos à universidade ou à edição. Os senhores da informação tor--nam-se escritores, directores de colecção, professores e obtêm assim a respeitabilidade cultural que a prática dos **media** — sempre apressada e superficial — não lhes atribui.

A importância tomada pelos meios de informação, a sua con--centração e a personalização das mensagens, reforçam o poder dos senhores da informação. Mas também mostram a sua fragilidade como provam os as--saltos hoje suportados pelos di--rigentes da televisão submeti--dos aos ataques contraditórios do poder político, da opinião pública (ao que se supõe) e dos outros meios de informação. Este novo «apresentar armas» mostra aquilo que a nossa socie--dade espera desses demasiado poderosos senhores: que se submetam. E não faltarão os re--buçados para recompensar a sua compreensão.

Frederic Gausseu

LE MONDE

(1) «L'élite des journalistes: Légi--timité et conformité».